

TENSÃO POLÍTICA BAIXA DE TOM



"Estamos pagando o preço de ser livres"

-disse Costa Gomes ao País

A esperança de que «estamos pagando o preço de ser livres, e apenas isso», foi ontem manifestada pelo Presidente da República num breve discurso transmitido em directo pelas estações de Rádio pouco depois das 20 horas e uma hora mais tarde em diferido pela RTP, pondo termo a toda uma tarde marcada por crescentes rumores que apontavam para alegados (e alegadamente insanáveis) conflitos no seio do M.F.A. e particularmente ao nível do Conselho da Revolução

«Não nego a existência de correntes de opinião entre militares, como homens livres de um Povo que se realiza» — declarou a propósito o general Costa Gomes — «Não negaria que, felizmente, temos o hábito de discutir livremente com a serena certeza de que no curso dos trabalhos sempre encontraremos uma solução útil».

Os primeiros sinais de tensão haviam chegado até ao nosso jornal por volta das 15 horas, quando foi conhecida a mobilização de trabalhadores para os sindicatos feita pela Intersindical. Logo de seguida

falou-se em movimentos anormais de tropas (desmentidos pelas autoridades militares), pugilato na Assembleia Constituinte (desmentido pelo próprio repórter ali de serviço), enfim, agitação nas ruas possível ao princípio da noite (desmentida pela nitida acalmia da situação, após a transmissão do discurso de Costa Gomes).

No Conselho de Ministros eram entretanto decididas algumas importantes medidas de fundo no quadro da Reforma Agrária, talvez o acontecimento mais crucial do dia de on-

tem. Esta madrugada, como previsto, o general Vasco Gonçalves partia para Cabo Verde chefiando a delegação portuguesa às cerimónias da independência do arquipélago. A curva de tensão desceu, precedendo um fim-de-semana em que o M.F.A. preparará aturadamente a sua assembleia da próxima terça-feira.

UM «PUZZLE» A DESMONTAR

Que parecia criadas as condições para uma significativa ruptura na vida política nacional, não restam disso dúvidas.

Tentemos então desmontar o «puzzle».

Conflitos laborais foram-se agudizando nas últimas semanas. Casos mais flagrantes: «República», Rádio Renascença e T.L.P. Por outro lado era a Lei de Imprensa posta em causa; por outro anunciava-se a nacionalização da Rádio; por outro ainda reclamava-se a cabeça de um ministro comunista e deterioravam-se as comunicações em Lisboa. Se quisermos utilizar aqui uma imagem da meteorologia, diremos que um centro de baixas pressões pairava sobre a capital do País.

Continua na pág. 9

CABO VERDE, ANO UM



Desde as zero horas de hoje que em pleno Atlântico nasceu um novo país. Seu nome: Cabo Verde.

A bandeira portuguesa abandonou, pois, mais um território do longo império colonial. Cabo Verde e Portugal olham-se agora em clima de igualdade, de respeito mútuo, de amizade. Ambos os povos, o português e o cabo-verdiano, percorrem a partir de hoje um caminho de luta comum: contra a opressão, pela liberdade, pelo progresso social, e pela independência nacional. Nenhum dos povos está disposto a aceitar dependências, ou a permitir a manutenção do sistema de exploração do homem pelo homem.

As zero horas nasceu no Atlântico um país que traçou o seu caminho marítimo para a liberdade: Cabo Verde. Mas um nome percorreu também as praias do arquipélago: Amílcar Cabral, herói do povo e fundador da nacionalidade.

Sobre o acontecimento publicamos um caderno especial com a colaboração de Fernando Assis Pacheco, Alexandre Oliveira, Eugénio Alves, Luís Sttau Monteiro e José A. Salvador, além de desenvolvido noticiário.

Primeira madrugada do novo Estado

CIDADE DA PRAIA, 5 (Do nosso enviado especial Luís Sttau Monteiro) — A primeira sessão da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde teve lugar ontem à tarde no edifício da Câmara Municipal da Cidade da Praia com a presença do comodoro Almeida d'Eça, alto-comissário português. Dirigindo-se aos novos deputados, Aristides Pereira propôs que a mesa fosse constituída por um delegado do secretariado permanente do P. A. I. G. C. e pelos dois deputados mais idosos da Assembleia. A moção foi votada por unanimidade tendo Osvaldo Lopes da Silva, do secretariado, Lineu Miranda e Manuel Barros tomado imedia-

tamente os seus lugares. O presidente da mesa pediu em seguida à Imprensa para abandonar a sala, explicando que a primeira sessão se destinava à discussão de questões internas. A ordem dos trabalhos foi a seguinte: aprovação do texto da Proclamação da República, aprovação do projecto de lei sobre a Organização Política do Estado, eleição do chefe de Estado, eleição do primeiro-ministro, aprovação de um projecto de lei atribuindo a Amílcar Cabral o título de fundador da nacionalidade, discussão de leis consagrando o dia 12 de Setembro como Dia Nacional e instituindo a medalha Amílcar Cabral.

Então durava a sessão, uma imensa multidão aguardava na Praça Velha o início dos festejos oficialmente marcados para as 0 horas. Grupos cantando e dançando começaram a percorrer a cidade por volta das 18 horas sem que o seu entusiasmo esmorecesse com os sucessivos cortes da luz que deixaram várias vezes a cidade às escuras.

A sessão prolongou-se até às 21 horas, em grande parte devido à falta de energia eléctrica. À saída, os deputados foram acoados por uma multidão de jornalistas interessados em saber o nome do chefe do novo Estado mas nenhum conseguiu os seus intentos.

Pouco depois de terminada a 1.ª sessão da Assembleia Nacional Popular, o alto-comissário deu uma conferência de Imprensa, no Palácio do Governo, durante a qual leu a sua última mensagem ao povo de Cabo Verde. Nesta mensagem, depois de referir a actuação do Governo de Transição e o espírito de cooperação que presidiu as negociações que levaram à independência da antiga colónia, o comodoro Almeida d'Eça falou do futuro do novo Estado e da rapidez com que a O. N. U. respondeu ao apelo que lhe foi feito, classificando-

Continua na pág. 10

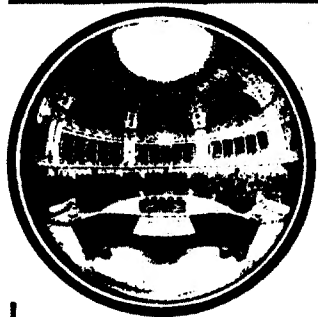
CRÓNICA DO MAIS LONGO DIA DE BOATOS

(Pág. 9)

LEVANTADA A CENSURA SOBRE O PAÍS BASCO

(Página 13)





ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

IMPERA A MAIORIA P.S., P.P.D. E C.D.S.

Aprovada por três partidos — P. S., P. P. D. e C. D. S. — e reprovada por dois, P. C. P. e M. D. P./C. D. E., a sistematização da Constituição vai obedecer ao seguinte esquema: A — preâmbulo; B — «Princípios Fundamentais»; C — Direitos e Deveres Fundamentais; D — Organização Económica; E — Organização do Poder Político.

O preâmbulo, conforme a aprovação obtida, deverá versar matéria respeitante aos antecedentes e enquadramentos históricos da Constituição, bem como a sua justificação e aos seus grandes objectivos.

Os «Princípios Fundamentais» caracterizarão o Estado português e referenciarão a sua posição na comunidade internacional.

A rubrica «Direitos e Deveres Fundamentais» subdividir-se-á em princípios gerais; direitos, liberdades e garantias e direitos e deveres económicos, sociais e culturais.

O tema «Organização Económica» versará entre outras a matéria concernente à propriedade dos meios de produção e iniciativa económica, à planificação e outras formas de intervenção do Estado na Economia à estrutura da empresa e ao sistema tributário.

«A Organização do Poder Político», subdividir-se-á em princípios gerais, Presidência da República, Assembleia do M. F. A., Assembleia Legislativa ou Assembleia Legislativa Popular ou Câmara dos Deputados, Governo, Tribunais, Poder local, Administração Pública e Forças Armadas.

Finalmente, a rubrica de disposições finais e transitórias destinar-se-á a matéria referente à entrada em vigor, vigência e revisão da Constituição.

O CONCRETO E O ABSTRACTO

O P. C., um dos que votou vencido o parecer, considerou através da deputada Alida Nogueira, que «o sistema económico condiciona e determina em grande parte o conteúdo e a efectividade

dos direitos e liberdades fundamentais», razão por que o seu partido propusera que a «Organização Económica» precedesse os «Direitos e Liberdades Fundamentais».

Salientou ainda que a subdivisão dos direitos fundamentais em dois grupos, um contendo os de carácter pessoal, cívico e político, e outro, incluindo os direitos de carácter económico, social e cultural «assentam numa concepção individualista e liberal dos direitos e liberdades fundamentais».

José Tengarrinha, em nome do M. D. P., considerou que a discordância do seu partido em relação ao parecer assenta no facto de «tal sistematização da Constituição não ser a que melhor se adequa à actual situação revolucionária do País nem às exigências da consolidação da sociedade democrática e à sua transformação numa via socialista. Referiu a propósito que «não interessa tanto a definição teórica dos direitos, a sua formulação e estatuição abstractas, como as condições concretas que permitirão o seu exercício em toda a sua amplitude» frisou ainda o deputado do M. D. P.

O deputado da U. D. P., que não participou nos trabalhos da comissão, não se pronunciou sobre o assunto.

Como vem sendo habitual o período antes da ordem do dia foi fértil em telegramas e requerimentos. Foi aplaudido de pé um telegrama do presidente da Assembleia enviado em nome pessoal à Assembleia Nacional do Povo de Cabo Verde, saudando o seu acesso à independência.

Uma moção do representante da U. D. P., respeitante ainda à independência de Cabo Verde, apenas mereceu a aprovação do proponente, tendo-se registado a abstenção do P. C. e do M. D. P. Américo Duarte apresentaria ainda dois requerimentos solicitando, por um lado, informações sobre ordenados e subsídios dos deputados, e, por outro, notícia de esforços já desenvolvidos com vista ao estabelecimento de relações diplomáticas com a China e a Albânia.

De ontem para hoje

GUILLÉN-M.F.A.

Poeta da revolução cubana, Nicollas Guillén, na sua maratona de visitas e homenagens, esteve ontem no teatro de S. Luiz para ser homenageado (desta vez) pelo M.F.A.

Che Guevara e o soldado («aprende a atirar. Para baixo não, que aí estou eu. Tu vais aprender a atirar que há muito a caminhar...») viveram nas palavras (ditas pelo próprio) de um velho poeta novo de 73 anos.

Palavras comovidas do criador do «Grande Zoo» à assistência em que se viam, entre outros, o comandante Ramiro Correia, o coronel Varela Gomes, o director-geral da Cultura e Espectáculos, Vasco Pinto Leite, Alexandre Cabral e o adido cultural da Embaixada de Cuba: «Obrigado porque nem sempre é possível viver momentos como este. Um tributo a um poeta é um tributo a um povo, neste caso, o cubano. Nunca como esta noite senti uma emoção tão profunda...»

Poetas portugueses falaram (não só em verso) da Revolução. Para registo: os Carlos Ary dos Santos e Carlos César disseram poesias portuguesas, Rogério Paulo dois (poemas) em espanhol. Manuel Ferreira falou da obra do homenageado.

A segunda parte da homenagem incluiu canções de José Jorge Letria José Barata Moura, Samuel, Quarteto Intróito e canções heróicas de harmonização de Lopes Graça.

Esta homenagem, de preferência um convívio com o M.F.A. começou logo de manhã, com a visita do poeta à 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., no Centro de Sociologia Militar. No Mercado do Povo, foi-lhe oferecido um almoço.

Nicollas Guillén ainda a convite do M.F.A. está hoje de visita a Évora, regressando segunda-feira a Havana. Com ele, para todo o lado onde vá, encontra-se sempre a máquina de filmar de Elso Roque, a registar a história de uma visita que a Televisão, através da Cinequanon, mostrará ao telespectador português que não teve possibilidade de ver o poeta cubano, nem ainda de conhecer os seus poemas de Revolução.

CURSOS DA G.N.R.

«Democratização do G.N.R.» foi a última lição (proferida pelo capitão Seguro Pereira) dos cursos de promoção a cabo e sargento deste ano lectivo a que se procedeu ao encerramento, ontem, pelas 15 horas, no Centro de Instrução da G.N.R., Ajuda.

A cerimónia, presidida pelo general Pinto Ferreira, assistiram o comandante da Escola Prática da Polícia, o 2.º comandante geral e C.E.M. da G.N.R. e vários oficiais e elementos daquela corporação militar.

O comandante geral, no uso da palavra, referiu o significado daquele Centro na formação de todo o pessoal da G.N.R., e salientou a missão importante que a este cabe, no contacto directo com as populações e na consolidação da via socialista desejada pelo povo português.

No final foram entregues os diplomas a todos os alunos aprovados no curso.

EM VEZ DO FOGO A AGRESSÃO

Como houvesse princípio de fogo na mata nacional de Vila Real de Santo António, ontem

de manhã, os bombeiros acorreram prontamente tendo a situação sido facilmente dominada: só que o bombeiro Miguel Sales, que se antecipara aos seus colegas, quando chegou ao local do fogo se viu subitamente agredido à paulada por dois indivíduos. Após a agressão, os meliantes fugiram em direcção ao parque de campismo de Monte Gordo.

Descritos, sabe-se que usam barbas compridas e vestiam calças e camisas coloridas.

Quanto ao bombeiro Sales, este foi prontamente socorrido por um colega, sendo transportado ao hospital local, onde foi tratado. As autoridades civis continuam a procurar os agressores.

«FOGUETE» ATRASADO

O «foguete» da tarde de ontem, do Porto-Lisboa, partiu da estação de Campanhã com quase hora e meia de atraso. Na origem do incidente estiveram soldados, cerca de centena e meia, que se recusavam a pagar bilhete. Os empregados da C.P. decidiram que o comboio não partiria enquanto todos os passageiros não tivessem pago o bilhete.

CONFRONTOS FÍSICOS E PROVOCAÇÕES NA ASSEMBLEIA DOS BANCÁRIOS

Confrontos físicos e provocações caracterizaram a assembleia geral extraordinária do Sindicato dos Bancários do Distrito de Lisboa que ontem se realizou na Voz do Operário. Milhares de bancários estiveram presentes. E divididos.

O célebre «direito de tendência», fórmula apontada pelo Partido Socialista no folheto «Linha de acção sindical — por «Sindicatos democráticos» está na origem da profunda crise criada entre os trabalhadores bancários.

E os «tendenciosos», isto é, aqueles que apoiam o «direito de tendência», estavam ali em grande maioria: a «Santa Aliança» a que se referiu a direcção dos bancários na última conferência de imprensa — o C. D. S., o P. P. D. e o P. S. em profunda comunhão de interesses.

Até cerca de uma hora da manhã, vários oradores tentaram explicar as suas razões. Bancários progressistas foram frequentemente interrompidos por provocações. Convidados os provocadores a virem falar ao microfone, até à hora de abandonarmos a sala, nenhum aceitou o convite. Limitavam-se a palavras de ordem como «Não, não à nova leição», «A Intersindical é um tacho de Cunhal». Os bancários progressistas não deixavam de responder taco-a-taco, apesar de em minoria: «Abaixo a C. I. A.», «Socialismo sim, vigarice, não», etc.

Lenine, um dos bancários, esforçava-se por se fazer ouvir: «Camaradas, há amigos nossos que estão a servir de isca: que estão a ser manejados por forças reaccionárias». Assobios e mais assobios.

Compreende-se a aceitação de linhas sindicais «pluralistas» (divisionistas). Os bancários são dos trabalhadores mais bem pagos deste país. O salário mínimo de um trabalhador bancário é quase o dobro do salário mínimo nacional. Exactamente 7250\$00, fora subsídios, como seja o de 800\$00 para almoço, 35 horas de trabalho por semana, etc.

Estes salários são agora pagos pelo Estado, pelo povo. Se nos lembrarmos que só no distrito de Lisboa existem mais de 22 mil trabalhadores bancários e multiplicarmos esses números pelo salário mínimo

do Sindicato (e ainda há ordenados de 40 contos) verificaremos quanto sai mensalmente dos cofres do Estado para pagar só aos trabalhadores bancários. Natural, portanto, que haja certas «tendências».

Só uma estrutura sindical, que vem de muito antes do 25 de Abril, com verdadeiros trabalhadores progressistas, conseguiu barrar a sabotagem económica, a saída de divisas do País, etc. Anselmo Dias, da direcção do Sindicato, perguntava se a actual aversão à direcção se deve ao facto de esta ter pedido «saneamento dentro dos bancos ou a moralização de vencimentos e regalias extracontratuais?»

E Lenine prosseguiu ainda na sua intervenção: «Alerta, pois, camaradas, a esta manobra que mais não visa que dividir o movimento sindical no nosso país. Este princípio de «direito de tendência» baseia-se nos princípios da C. I. S. L. (Confederação Internacional de Sindicatos Livres) de que o imperialismo se serve para dividir os trabalhadores».

Mais uma vez a ala maioritária não gostou de ouvir.

Aconteceu, então, um momento curioso. Quando falava Abílio Garcia dos Santos (com a sua boina preta) pedindo unidade contra o capitalismo, a direcção interveio para anunciar que o Conselho de Ministros tinha decidido medidas importantes para o avanço da Reforma Agrária. Abílio deu a palavra de ordem, gritando «Vitória, Vitória», imediatamente seguido por muitos trabalhadores bancários, de várias tendências políticas. E vimos só isto: a maioria ficou «silenciosa». Por alguns minutos, houve emoção entre um grupo de bancários. Abílio Garcia que, antes de saber essa decisão, tinha apelado (sem encontrar grande eco entre a assistência) para a necessidade de unidade com os operários e camponeses era um dos mais entusiasmados.

Comecemos, entretanto, a surgir tomadas de posição por parte de trabalhadores bancários sobre esse «direito de tendência», ou «tendência para dividir», como ontem afirmamos. Assim, trabalhadores do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em reunião de trabalhadores repudia a forma antidemocrática como decorreu a última assembleia. «No que respeita aos estatutos

aprovados, sem qualquer discussão quer na assembleia geral quer nos locais de trabalho, urge denunciá-los energeticamente, como descarada intromissão na vida interna dos sindicatos por parte de organizações estrangeiras (C. I. S. L., entre outras) e por parte de partidos ditos de esquerda, nomeadamente o P. S., como prova o seu documento «Linha de Acção Sindical — Por Sindicatos Democráticos».

E conclui: «Toda a acção que está a ser desenvolvida, cujo centro de decisão e coordenação já se encontra bem localizado, encobre, porém, uma acção muito mais profunda e ambiciosa. O que se pretende, objectivamente, é entrar e sabotar a reestruturação e reconversão da Banca e por este meio ancorar a dinamização de outros sectores da actividade económica. O que se pretende é evitar, a todo o transe, que os trabalhadores de uma forma organizada tomem nas suas mãos os meios de produção, estabeleçam o «controlo operário». O que se pretende, em última instância, é minar os alicerces do próprio processo revolucionário.»

F. M.

TRANSPORTES: SITUAÇÃO QUASE NORMAL

Tende a normalizar-se a situação nas estações do Rossio e Cais do Sodré. Com efeito, depois de alguns dias caracterizados por grande agitação, esta manhã já quase ninguém diria que, no mesmo cenário, dias antes se sucediam as cenas de violência e a perturbação era generalizada.

Apesar disso, os revisores dos bilhetes não têm tido uma actuação rigorosa, dado que a sua integridade física tem sido constantemente ameaçada por certos sectores mais impulsivos.

Sobre a actual situação, a Comissão de Moradores da Madorna emitiu um comunicado em que afirma que «a luta dos utentes da Sociedade Estoril contra o recente aumento

das tarifas, vai no seu terceiro dia de luta vitoriosa», que a mesma luta «não é contra os camaradas ferroviários da S.E. nem contra o seu justo aumento de vencimento», que as dividas que a C.P. contraíu devem ser pagas «pelos capitalistas que a geriram» e que o comunicado a que vimos fazendo referência foi enviado a todos os órgãos de Informação. Afirma a Comissão de Moradores, que só terminará a sua luta quando as tarifas forem revistas, o que parece que vai acontecer, pelo menos em relação a alguns ajustamentos e rectificações. Mas afirma mais. Que a Comissão sabe «de antemão, que apenas a Rádio Renascença deverá transmitir o comunicado».

EM LISBOA

PRIMEIRO ENCONTRO EUROPEU DE TRABALHADORES DA I.B.M.

Está a decorrer na Fundação Gulbenkian e terminará amanhã, o 1.º Encontro Europeu de Organizações Representativas de Trabalhadores IBM, por iniciativa da comissão sindical e de um grupo de trabalho da multinacional radicada em Portugal.

Participam neste encontro comissões de trabalhadores da IBM da Suécia, Espanha, Itália, França e delegados de organizações sindicais europeias ligadas à Federação Sindical Mundial, Federação dos Sindicatos Italianos, à C.G.T. e

C.F.D.T., assim como representantes da Intersindical, da Associação Portuguesa de Informática e da 5.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Alguns elementos da comissão organizadora deste encontro, no decorrer de uma conferência de imprensa, lamentaram muitas ausências de comissões de trabalhadores da IBM e mesmo de uma recusa formal de um sindical holandês que justificou a sua ausência «atendendo à ausência de liberdade sindical que se nota em Portugal».

post scriptum

Teatro em Teledomingo

Assisti no último domingo ao programa sobre Teatro na TV e fiquei profundamente chocado. A respeito dos da «Comuna»! Bem, a revolução chegou ali e parou, os homens do passado foram todos uns mortos, estes «jovens» esquecem que os outros também o foram, que muitos lutaram no palco ou na plateia pelo Teatro livre que estamos quase a conseguir.

A sua recusa em dialogar é bem elucidativa e esclarecedora.

Mas o mais grave de tudo foi o abandono (...) de Maria Barroso. Como ela está diferente das jornadas de Aveiro (...).

Não há dúvida, estamos condenados a observar em todos os lugares e por todas as formas atitudes que visam dividir, confundir e evitar a discussão límpida e concreta (...).

Eduardo Marques de Faria, Barreiro

A reacção no Algarve

Os movimentos (...) M.I.A. e M.S.A. (respectivamente Movimento para a Independência do Algarve e Movimento Separatista Algarvio), infelizmente não são só compostos pelos meninos do «far niente», mas sim por alguns médios e grandes proprietários algarvios e estrangeiros, alguns dos quais conhecidos colaboradores do regime deposto.

Estes senhores servem-se desses meninos utilizando-os como peões para toda a espécie de pequenos trabalhos, tais como compra de armamento, venda de drogas e contrabando de divisas (...).

P.S. Peço desculpa de não revelar o meu nome, mas a mim parece-me conveniente a sua omissão por razões de segurança pessoal.

A pílula

São as decisões dos trabalhadores que têm contribuído para desmistificar toda uma série de condicionaismos que foram criados pelo fascismo. E está neste caso a pílula anticonceptiva. Quase todos os órgãos de Comunicação Social vêm contribuindo para a destruição dos «mistérios» que à volta da mesma se tinham criado.

Ora acontece que nem os laboratórios nem as farmácias têm acompanhado aquele esforço. Os primeiros continuam colocando a inscrição na embalagem: «só deve ser vendido com receita médica». Só que, neste último caso, nem todos procedem de igual forma. Será que serão «inconscientes» os que vendem sem o bocadinho de papel branco que «legaliza» a transacção?

Será que defendem alguns interesses farmacéuticos os que só a troca do papelinho de consulta, que custa vinte e cinco vezes mais que uma embalagem da pílula, vendem o que tanto se manda utilizar?

Eu, como utilizadora normal da pílula, não quero é estar sujeita à vontade momentânea do farmacêutico, ou de alguns interesses que eventualmente possam existir. E ainda muito menos ter um filho que neste momento não pretendo, de acordo com a vontade do farmacêutico (...).

Maria Antonieta do Rosário Couceiro — Caparica

«O «Arbiru»

Ao ler na secção «Post-Scriptum» do «Diário de Lisboa» de 30 de Junho deste ano um artigo intitulado «Histórias da Outra Senhora», fiquei surpreendida pelo tom em que era escrito, pois dava a entender haver uma outra versão para o drama do desaparecimento do navio «Arbiru» a algumas milhas de Timor, em 29/4/73.

Como uma das desaparecidas era da minha família, rogo que a pessoa que o escreveu diga tudo o que sabe sobre o assunto.

Madalena (o resto ilegível), Faro

Amiga, limitámo-nos a transcrever a carta que nos enviou o sr. J. Santos, que nos pediu para não divulgarmos o seu nome completo. Não estamos por ele autorizados a dar a sua morada. Deixamos, no entanto, o seu apelo no mesmo sítio onde publicámos as afirmações de quem a levou a escrever essa carta. Esperemos que sejam lidas. Se não, encontraremos outro processo.

A Revolução está fraca

Claro que a Revolução está fraca. Viajam pelas Europas os chamados «responsáveis» e vão dizendo que vamos a caminho de uma «sociedade sem classes» e que «acabará a exploração do homem pelo homem»! Mas ao mesmo tempo falam em «pluralismo» e na possibilidade de uma oposição das direitas... que dizem ser «saúdavel». Faz bem à saúde! Que direitas tão boas...

Como pode haver «direitas» numa sociedade sem classes? O que é isso de «pluralismo» onde só há a classe dos trabalhadores? Dentro desses trabalhadores... poderá haver ainda tentativas de exploração?

Sobre trabalhadores, ordenados, salários, também há muita coisa a esclarecer... porém com a paciência do «DL» ficamos por aqui.

Rogério Gonçalves, Lisboa

Problemas de faroleiros

O faroleiro é um funcionário civil do Estado, dependente do Ministério da Marinha, com alguns problemas graves aos quais urge dar solução conveniente. De entre todos avulta provavelmente o da habitação, no que diz respeito ao período pós-reforma. Até essa altura pagam

Continua na pág. 18

A BATALHA DA PRODUÇÃO E OS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS

MENEZES DA SILVA

Depois de se ter definido o carácter socialista da revolução, depois de se ter nacionalizado os principais sectores da acumulação capitalista a reacção ameaça e ataca. Ataca na sabotagem económica, na prática bombista, no roubo de armas, na agudização de conflitos laboriais, nas pseudo-análises políticas com o objectivo de dividir o M.F.A.

É sabido que à medida que a revolução avança maior será a resistência das classes privilegiadas e dos reacccionários de toda a espécie. Gritam pela liberdade para poderem ter o pulso livre na organização da contra-revolução. Acusam a imprensa que não embarca no divisionismo, no sensacionalismo, no alarmismo, nas campanhas de suporte às lutas aparentemente muito revolucionárias mas contra-revolucionárias na prática. Aonde estavam antes do 25 de Abril estes revolucionários de café? Em que buraco das ratas estavam metidos estes «revolucionários» que nas empresas aonde se encontravam nunca ergueram um dedo contra o fascismo?

A falta de saneamento no aparelho de Estado e nas empresas públicas levou a que em alguns casos ex-legionários e fascistas altamente comprometidos aproveitassem o empo para, através da linguagem in-

flamada serem eleitos para delegados sindicais e comissões de trabalhadores. Por isso não é de espantar certas ocupações, sabotagens, greves de zelo e de braços caídos.

Se os meninos burgueses não querem estudar para quê mais tibiezas em que pôr na rua de uma vez para sempre?

Se certos pequeno-burgueses se encontram anichados em empresas vitais para o país e põem o seu interesse pessoal e de grupo acima do interesse colectivo por que se espera em tomar medidas revolucionárias? Por que se espera pelo saneamento?

Se há hesitação em cortar o passo à reacção, se o braço armado não deve perder a popularidade actuando com firmeza revolucionária contra os sabotadores da economia que se vestem com a capa de revolucionários, de esquerdistas ou de pseudo-trabalhadores então é a vez do Povo trabalhador e da classe operária em particular tomar nas suas mãos as medidas drásticas.

A classe operária não pode admitir que os meninos burgueses destruam as escolas onde os seus filhos nunca puderem pôr os pés.

A classe operária não pode admitir que certas camadas pequeno-burguesas ponham em risco a revolução com atitudes

aventureiristas e irresponsáveis.

A classe operária não admitirá que certos pseudotrabalhadores conduzam uma luta que põe em risco a economia portuguesa.

O Povo trabalhador de Lisboa está farto de actos contra-revolucionários e saberá organizadamente desmascarar os radicalismos dos filho-família, dos pequeno-burgueses, com angústias de classe, e de todos os parasitas capitalistas e egoístas que querem criar um clima de anarquia para que se comece a clamar pela ordem reacçãoária.

Se não se avança então é a vez da classe operária avançar para desalojar de vez os que, com palavreado muito revolucionário com muitas atitudes de «vanguarda», adoptam formas de luta que põem em risco a economia do país.

Não! Os trabalhadores rurais do Alentejo, os trabalhadores da ferrugem não andam a trabalhar ao sábado e a dar todo o seu esforço na batalha económica, batalha da produção para agora uns pseudo-revolucionários deitarem por água abaixo o seu suor e o seu sacrifício!

Contra quem lutam os trabalhadores das empresas públicas e nacionalizadas? Quem é o seu patrão? A colectividade tem o direito de exigir mais firmeza revolucionária, menos

populismo e vaidade, menos entrevistas em jornais contra revolucionários e mais actos revolucionários.

O Povo não chorará pelos contra-revolucionários que clamam pelas liberdades, pela democracia, pelo diálogo, pela complacência, pela hesitação, pela tibieza.

A firmeza revolucionária nas palavras e nos actos é uma necessidade objectiva do momento que passa.

Farto de boas intenções está o inferno cheio. Não basta decidir pelo socialismo. É necessário lutar por ele. O socialismo não se edifica por decreto mas sim pelo trabalho e por actos revolucionários diários que façam avançar a revolução e que sirvam a maioria, quer eles sejam populares ou impopulares.

O vedetismo e o eleitoralismo de certas forças políticas nada têm a ver com a revolução.

Os inimigos do Povo já o descobriram há muito tempo e procuram tirar dele o melhor proveito.

Chegou a altura da afirmação revolucionária. Chegou a altura de cortar a direita. Para os sabotadores económicos, para os que usam as liberdades para sufocar a revolução, quer eles sejam capitalistas ou radicalistas pequeno-burgueses não pode haver tibiezas.

BRASIL: A DEMOCRACIA DA DITADURA

Por MIGUEL ARRAES

O general Geisel, presidente da República brasileira, reafirmou, numa mensagem ao Congresso, que fará uma «abertura gradual». Repetindo-o tantas vezes, quer criar a convicção de que trabalha efectivamente na instauração de um regime democrático.

Os factos desmentem estas afirmações. Os limites daquilo a que chama «abertura gradual», foi ele próprio quem os traçou. Quando declara que não admitirá nenhuma contestação, o general Geisel mostra que impedirá toda e qualquer acção política que vise a modificar o modelo político e económico em vigor.

O deputado Francisco Pinto, que protestara na Câmara contra a presença no Brasil do general Pinochet, viu o seu mandato parlamentar «caçado» e foi preso. Isto lembra à oposição legal que não poderá sair do estreito domínio que lhe foi marcado. A prática dos raptos não foi suspensa, como para mostrar aos membros da oposição clandestina que a sua liquidação física prosseguirá.

Em resposta aos protestos no interior do país ou àqueles que fazem as organizações internacionais de juristas, o ministro da Justiça limita-se a declarar que essas pessoas vivem na clandestinidade ou então que fugiram para o estrangeiro. Chega-se pois a uma situação em que os prisioneiros políticos não só devem provar o seu direito à liberdade, mas ainda que estão à liberdade, mas ainda que estão na realidade presos. Enfim, a censura, apesar de certas modificações de método, mantém-se sempre activa.

Apesar de tudo continuam a apresentar-se às eleições de

15 de Novembro passado, como uma prova da intenção do general Geisel instaurar um regime democrático. A grande vitória obtida pela oposição contribui para dar esta impressão. De facto, o povo foi particularmente claro na condenação do regime, apesar das múltiplas restrições impostas aos candidatos durante a campanha.

O actual Governo não podia ter ilusões quanto ao resultado da consulta de Novembro passado. Mas a progressão do partido da oposição era desejada. A prova é que o general Geisel a estimulou abertamente. Isto não deve ser atribuído a preferências pessoais, supostamente favoráveis à democracia. Em «regimen» como o que se instalou no Brasil — produtos híbridos da democracia à americana e da ideologia fascista —, a existência de uma oposição é, com efeito, uma peça indispensável ao equilíbrio do poder: mas uma oposição controlada a que se proíbe propor alternativas nos domínios político, económico ou social.

O «déficit» da balança comercial foi de 4,5 biliões de dólares em 1974. A dívida externa que em 1964 não chegava a 3 biliões, atingiu, em fins de 1974, 18 biliões de dólares. Os capitais estrangeiros controlam hoje todos os sectores chave da economia, e quase 70 por cento da produção industrial brasileira. O Governo procura agora ajudar o que resta em empresas nacionais.

O custo social desta política foi enorme. Se considerarmos, por exemplo, o salário real dos trabalhadores, verifica-se que ele corresponde a menos 60 por cento do que lhes era pago em 1964.

A política do poder, que consiste em privilegiar as grandes empresas rurais, traduziu-se pelo aparecimento de milhões de trabalhadores à jorna que foram empregados sem garantias de nenhuma espécie. O desprezo pela vida dos trabalhadores transparece no número de acidentes de trabalho, um dos mais elevados do mundo. Por exemplo, em 1973 houve 1 650 000 acidentes de trabalho, que causaram a morte de 13 000 trabalhadores e «handicaps» físicos a 50 000. Os baixos salários, extremamente numerosos, estão na origem da má nutrição popular, que, segundo os técnicos da Saúde, afectou, em graus diferentes, as capacidades mentais de 10 000 000 de brasileiros. O governador de São Paulo reconheceu a gravidade da situação social no seu Estado, que, no entanto, é o mais rico do país.

O caminho tomado pela competição entre os dois grandes blocos mundiais, assim como o aparecimento de novos centros de influência na cena internacional, desorientam os aliados dos Estados Unidos e põem questões a que a ditadura brasileira não está em condições de responder. Esta afirmava, não há muito tempo, que o Brasil tinha saído do subdesenvolvimento. Esta declaração desqualifica-a por obter um tratamento privilegiado semelhante ao que é reivindicado pelos países pobres no caso do petróleo. Para voltar às suas posições, a ditadura deverá manter pelo menos algumas das reivindicações do Terceiro Mundo, o que não deixará de

a pôr em conflito com os Estados Unidos. Ora estes, em associação com outros países importantes, não admitem sequer a política de defesa dos preços das matérias-primas a que o Brasil poderia legitimamente associar-se.

O oportunismo do general Geisel, por ele qualificado de «pragmatismo responsável», provoca assim o isolamento do regime brasileiro no plano internacional. Na América Latina, perde terreno, na medida em que países como a Venezuela tomam a iniciativa de contestar a influência americana no continente. Na África, depois de ter apoiado o colonialismo português, bate em vão à porta dos movimentos de libertação que se acham à cabeça das novas nações. Por que precisa de capitais, elogio os regimes árabes, enquanto que o seu ministro dos Negócios Estrangeiros canta louvores a Israel, a fim de corresponder a compromissos mais antigos.

Frente às dificuldades que encontra, o regime evoca a crise internacional para explicar todos os seus problemas. Mas é impossível tornar os países do Próximo Oriente responsáveis pela situação interna do Brasil; primeiro porque o aumento dos preços do produto bruto só representou um terço do aumento das importações globais do país em 1974; depois porque o general Geisel, quando se encontrava à testa

da Sociedade Petrolífera Nacional PETROBRAS, se limitou a aplicar a política das multinacionais.

Continua na pág. 18

Nacional

ENSINO TÉCNICO E LICEAL

Unificar o secundário sem o supérfluo

Um 7.º ano gratuito (não obrigatório) vai instaurar a unificação do 1.º ano do ensino secundário. Unificação retirando o «supérfluo», diz o Núcleo de Professores do M.E.S. Inserção num projecto socialista de sociedade, depreende-se dos comunicados do M.E.C.

Em que mudam os currículos de um ensino que pretende acabar com discriminações, com magistérios de elite, concretizar na prática a igualdade de oportunidades através de uma única qualidade de ensino?

É introduzida uma cadeira de «Educação Cívica e Politécnica». A esta novidade refere-se o M.E.S.: «Pondo de parte o incompreensível do título, esta introdução sugere actividade de enquadramento que, sem dificuldades se poderão aproximar de outras anteriores à época Veiga Simão e que podem significar um autoritarismo mesmo de fachada socialista».

Desaparece a «Educação Musical». Conclui-se: aumenta o peso das disciplinas ditas «intelectuais».

É atribuído mais um tempo à Língua Estrangeira e às Ciências da Natureza; a Educação Física passa a ter menos horas; a «Educação Moral e Religiosa» é substituída pela «Religião».

Os programas desta «novidade» curricular só oportunamente serão comunicados. A informação é do M.E.C.

Entretanto, uma nota do M.E.C., data de 3 de Julho, alinha as razões que levaram aquele Ministério a decidir-se pela unificação do ensino técnico e liceal. Assim apontam-se ao mesmo tempo as medidas a tomar. Alguns pontos fundamentais: integração da escola na região em que está inserida, de modo a responder aos problemas e anseios da comunidade, criando os princípios de uma autêntica descentralização cultural; participação dos jovens, como elementos transformadores, na so-

riedade (...); preparação básica polivalente que contribua para que cada um percorra o caminho que mais se coaduna com as suas reais aptidões e verdadeiros interesses e de acordo com as necessidades da comunidade; estabelecer a união entre o estudo e o trabalho produtivo, por este ser o caminho essencial para a preparação dos futuros homens livres; formar, a partir do conhecimento da realidade concreta da vida regional e nacional, jovens interessados na resolução dos problemas nacionais, e, simultaneamente, desenvolver numa perspectiva internacionalista, a solidariedade com a luta dos outros povos».

O 7.º ANO SIGNIFICA AVANÇO?

O Núcleo dos Professores do M.E.S. fazendo uma análise das medidas propostas pelo M.E.C., no caso do lançamento do 7.º ano de escolaridade, considera que este se apresenta «como mais um expediente imediatista e demagógico que virá agudizar involuntária e artificialmente uma crise que se imputará em seguida às escolas». E vai mais longe, na sequência de acusações de que de um lado e de outro, nos momentos maiores de crises têm sido feitos ao M.E.C.: a existência neste Ministério de uma máquina burocrática, incompetente e não saneada.

Com efeito, pergunta o M.E.S., «se o M.E.C. não construiu nem ocupou edifícios, como pretende fazer turmas de 24 a 30 alunos? Se não tem oficinas nas escolas, como pretende que os alunos tenham quatro horas de trabalhos oficiais por semana? Se não tem professores de Ciências Sociais (por exemplo), mas de História e Geografia, como pretende que se ensinem e se aprendam Ciências Sociais? Se o M.E.C. não publicou ainda (e trata-se agora do primeiro passo de uma reforma que se

apresenta com aspectos de «definitiva») os programas e as indicações, como pretende que a actividade escolar se inicie «normalmente» em Outubro?»

E conclui o M.E.S. ainda no estilo de pergunta com resposta implícita: «Enfim, se o M.E.C. não é capaz de responder às exigências da «crise escolar» até aqui, como pretende fazê-lo com os professores, os edifícios, as secretarias carregadas de «novidades burocráticas» que se inscrevem dentro da institucionalização do ensino burguês?»

A IMPORTÂNCIA DO ALUNO

Regressemos à nota do M.E.C. que nos encaminha para a necessidade que os jovens participem, como elementos transformadores, na sociedade. «Esta participação passará pela análise das contradições sociais, pela crítica de situações que se pretendem superar, pela denúncia de toda a alienação a ignorância, a fome, a exploração pela prossecução, enfim, de nitidos objectivos revolucionários». Estes nitidos objectivos reple-

cionários, terão pois de ser atingidos através de uma pedagogia concreta, activa e interdisciplinada. Assim, será necessário «fomentar nos alunos, uma perspectiva de educação permanente e de receptividade à mudança, atitudes e hábitos de pesquisa; capacitá-los para uma escolha esclarecida das vias profissionais ou escolares; desenvolver a sua capacidade para o domínio da informação, individualmente ou em grupo; permitir, pelo constante apelo ao espírito crítico e antidogmático, que os alunos se tornem receptivos às mudanças e

reajam positivamente a um mundo em acelerada transformação».

Unificação do ensino técnico e liceal, segundo o M.E.S. substitui apenas o «supérfluo», segundo o M.E.C., interessa aliar a teoria à prática, o trabalho intelectual ao manual, «de forma a torná-los uma mesma unidade dialéctica com meros aspectos de actividade humana». Para os professores do M.E.S. é de perguntar ao M.E.C.: Quem decidiu esta unificação? Quem fez este documento? Quando o fez? Quem vai orientar a sua execução?

FARDOS DE ALGODÃO A ARDER EM LEIXÕES

PORTO, 5 — As 9 horas da manhã de hoje, ainda elementos do Batalhão de Sapadores Bombeiros e de Voluntários de Leixões trabalhavam na extinção do fogo que ontem de tarde se manifestou em grande quantidade de fardos de algodão empilhados em terrenos da Administração dos Portos do Douro e Leixões. Vários corpos de bombeiros do concelho de Matosinhos, ali trabalharam durante a tarde e a noite. De momento não é possível concretizar o montante dos prejuízos que são de alguns milhares de contos. A mercadoria procedente de Moçambique vinha consignada à Sociedade de Cargas e Descargas com escritórios em Matosinhos e destinada a seus clientes. Durante a extinção do fogo, alguns bombeiros sofreram intoxicações. É muito provável que o fogo se prolongue durante o dia.

COMISSÃO DISTRITAL DO M.D.P./C.D.E

Amanhã, pelas 9.30, efectua-se na Faculdade de Engenharia do Porto, uma reunião da Comissão Distrital do Porto do Movimento Democrático Português M.D.P./C.D.E., com a

seguinte ordem de trabalhos: relato do Encontro Nacional de Leiria, de 21 e 22 de Junho último, Jornadas para o Socialismo, balanço da situação do Partido no distrito, organização popular, eleição da Comissão Executiva, periodicidade da Comissão Distrital.

Amigos da China pedem restituição dos bens da sua sede

A Associação da Amizade Portugal-China, através da sua comissão para a libertação dos amigos da China e de todos os antifascistas presos, emitiu um comunicado em que «reitera a sua decisão de não se poupar a esforços pela libertação dos amigos da China e de todos os antifascistas presos».

Nesse comunicado, a referida comissão, relativamente à ocupação no dia 28 de Maio último, da sede daquela organização e das do M.R.P.P., pelas forças do Copcon, refere que os amigos da China «têm sido alvo (...) da mais revoltante indiferença quando procuram junto das altas entidades

INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ

Por iniciativa da CIDAC e com apoio e adesão de outras organizações, realiza-se hoje na sede da cooperativa Arvore, Rua Azevedo de Albuquerque, 1, nesta cidade, uma sessão

a assinalar a independência de Cabo Verde.

Ainda para assinalar a independência de Cabo Verde, a F.E.C.(m.l.) convoca o Povo trabalhador do Porto para participar numa concentração que se realiza na Praça da Liberdade, hoje, a partir das 15 horas.

exigir que sejam tomadas medidas tendentes a que lhes sejam retorquidos todos os objectos saqueados, indemnizados por todos os que foram destruídos».

Refere-se ainda no documento que a comissão 7 tentou já por duas vezes obter uma audiência com o Presidente da

República, «tendo-lhe sido então dito pelo sr. major Soares que não haveria audiência nenhuma e que ao Presidente da República interessavam apenas os documentos comprovativos que a comissão possuía para consultajudicial, sem a qual feita não poderia receber os amigos da China».

SINDICATO DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS DO DISTRITO DE SANTARÉM

Urbanização da Antiga Praça de Touros, Lote 8, 2.º Esq.º
Telef. 22548

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA ELEITORAL

De harmonia com a Lei das Associações Sindicais e os Estatutos, convoca-se a Assembleia Eleitoral para o dia 24 de Agosto de 1975, a fim de eleger os CORPOS GERENTES, para o triénio de 1975/77.

Haverá mesas de voto nos concelhos de:

ALMEIRIM	CORUCHE
ALPIARÇA	GOLEGA
BEMPOSTA (Abrantes)	SALVATERRA DE MAGOS
BENAVENTE	SANTARÉM
CARTAXO	RIACHOS (Torres Novas)
CHAMUSCA	

Os locais de funcionamento das mesas e horários, serão indicados oportunamente.

Para exercer o direito de voto é necessário a apresentação do cartão de sócio e de movimento de quotas.

Santarém, 2 de Julho de 1975

A Comissão Directiva Provisória

António Cavaca Calarrão
Manuel Mendes Colhe
Jerónimo Bom

SINDICATO DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES

CONVOCAÇÃO

CAMARADAS

Na Assembleia Geral que teve lugar no dia 21 de Junho na Voz do Operário, embora os sócios tivessem ocorrido em grande número e tivessem aprovado os novos Estatutos do Sindicato, não se atingiu o número 2.000 presenças indispensável para a legalização, conforme determina a Lei Sindical.

Entretanto foi dado um novo prazo de 30 dias para aprovação dos Novos Estatutos, pelo que vai realizar-se uma nova Assembleia Geral no próximo

dia 18 (sexta-feira), pelas 20.30 h.
na Voz do Operário — à Graça

CAMARADA COMPARECE

A tua presença é indispensável para que o nosso Sindicato continue a existir.

Pel'A DIRECÇÃO

Carlos Teófilo

SINDICATO NACIONAL DOS CAPITÃES, OFICIAIS NÁUTICOS E COMISSÁRIOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA

Tendo sido interrompida, devido ao adiamento da hora a ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA deste Sindicato do passado dia 3 de Julho, na sede do Sindicato, prosseguirá a mesma ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA no próximo dia 9 de Julho, pelas 20.30 horas na Casa do Marinheiro Mercante, na Calçada Salvador Correia de Sá, 42, em Lisboa, com a mesma ordem de trabalhos:

Ponto único: APRECIACÃO, DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DOS NOVOS ESTATUTOS.

Chama-se a atenção de todos os associados que se encontrem em Lisboa, para a imperiosa necessidade da sua participação na A. G. E.
Lisboa, 4 de Julho de 1975.

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Wladimiro Bartolomeu Bordalo e Sá

SINDICATO NACIONAL DOS OFICIAIS MAQUINISTAS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA

Em continuação da Assembleia Geral de 26 de Junho p. passado para apreciação e aprovação dos Estatutos, o Sindicato dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante lembra aos seus associados que estão designados os dias 7 e 11 do mês corrente (2.ª e 6.ª feiras) para reunirem no mesmo local (Calçada Salvador Correia de Sá, 42-2.º) e à mesma hora (21 horas).

QUINZE MESES TEMPO DE SERVIÇO MILITAR

Foi em princípio marcada para o dia 1 de Setembro a data da incorporação de mancebos no Exército. Os editais deverão ser tornados públicos durante todo o mês de Agosto.

Entretanto, sabe-se que a duração da prestação do serviço militar foi encurtada para 15 meses. Também a formação de oficiais milicianos foi radicalmente reestruturada, sendo a sua escolha feita agora em função das aptidões militares de cada um e das necessidades do momento de cada unidade militar.

À partida, a única distinção

estabelecida é a de mancebos com ou sem curso superior completo. Os primeiros terão, na vida militar, a especialidade correspondente à sua vida civil e os segundos serão incorporados conjuntamente para um primeiro período de três meses de recruta, findo o qual são promovidos a primeiros-cabos. Segue-se um período de cinco meses e depois mais um de três meses de especialidade. No fim dos 11 meses, os militares regressam às suas unidades de origem, depois de feita a clivagem correspondente às classes de praça, sargento ou oficial.

Cursos de actualização para os professores primários

Orientada pela Direcção-Geral do Ensino Básico decorreu, entre 23 de Junho e 4 de Julho, em instalações da Fundação Gulbenkian, amavelmente cedidas para o efeito, a primeira fase de um trabalho que culminará, em Setembro próximo, com acções de actualização para todos os professores do Ensino Primário.

Presentes, 45 participantes de todos os pontos do País, que se prepararam para orientação das próximas fases e se debruçaram, entre outros, sobre os seguintes temas: os no-

vos programas, o meio físico e social e a expressão oral e escrita, matemática, movimento, música e drama, expressão plástica, educação física, o Ensino Primário e a democratização do Ensino.

Com o objectivo de actualizar e reciclar os professores do Ensino Primário cujo número atinge os 35.040 de forma a integrá-los no processo revolucionário em curso no nosso país, estas acções, mais do que um trabalho, são consideradas um direito que cumpre proporcionar aos professores.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DE CÂMARA DA MARINHA MERCANTE

CONVOCAÇÃO

Nos termos do disposto na Lei das Associações Sindicais — Decreto-Lei N.º 215/B-75, de 30 de Abril, são convocados todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos sindicais a reunir em Assembleia Geral no dia 21 do corrente na sede do Sindicato dos Marinheiros Mercantes, na Calçada Salvador Correia de Sá, n.º 42, em Lisboa, pelas 17 horas com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Aprovação e votação dos novos

ESTATUTOS DO SINDICATO

Pede-se a comparência de todos os associados, os quais devem vir acompanhados dos seus respectivos cartões. A Assembleia manter-se-á em funcionamento até à aprovação dos Estatutos.

Lisboa, 5 de Julho de 1975

Pela Comissão Directiva

a) Tiago dos Santos Gouveia

CONVOCATÓRIA

C. C. T. EDITORES E LIVREIROS, GRÁFICOS, ACTIVIDADES PUBLICITÁRIAS E FOTOGRAFIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo CONTRATO COLECTIVO destes sectores para um plenário segunda-feira, dia 7, às 21 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa, na Avenida da República, 29, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Informações sobre as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho e medidas a tomar.

COMPARECE E PARTICIPA

Lisboa, 4 de Julho de 1975

Os Sindicatos Signatários do C. C. T.

ACADEMIA DE MÚSICA DE SANTA CECÍLIA

Estão abertas as matrículas para antigos e novos alunos a partir de segunda-feira dia 7.

CASO "RÁDIO RENASCENÇA"

O EPISCOPADO RECUSA A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

O Conselho Permanente do Episcopado Português «recusa peremptoriamente a comissão administrativa nomeada para gerir a Rádio Renascença e reafirma a sua confiança quer na gerência quer nos trabalhadores que se têm mantido fiéis à Igreja e lutam pela liberdade de informação».

Tomando posição pública perante a decisão do Conselho da Revolução relativamente ao conflito da Rádio Renascença (nomeação de uma comissão administrativa, até à nacionalização da rádio) o Conselho Permanente do Episcopado divulgou um comunicado em que protesta contra aquela atitude do Conselho da Revolução. O comunicado tem a data do dia 3 (o mesmo dia em que o Conselho da Revolução interveio no conflito), mas só ontem foi distribuído aos jornais.

Historiando, o comunicado assinala: «Na passada sexta-feira, 27 de Junho, foi confirmado pelo Conselho Superior da Revolução que a estação de Lisboa da Rádio Renascença seria entregue à Igreja, sendo garantido pelo Governo o cumprimento da decisão tomada, até terça-feira, dia 1 de Julho. Entretanto, inexplicavelmente, através de um comunicado hoje tornado público, tomou-se conhecimento de que o mesmo Conselho decidiu criar uma comissão administra-

tiva para gerir a Emissora Católica, contradizendo deste modo a decisão anterior. Perante tal atitude, o Conselho Permanente do Episcopado julga seu dever apresentar publicamente o seu enérgico protesto.»

Entretanto, os trabalhadores que ocupam as instalações de Lisboa continuam a estudar a situação, enquanto aguardam a nomeação da comissão admi-

nistrativa que deverá ser constituída por militares.

Por outro lado, o movimento de solidariedade e apoio continua a ganhar força. Mensagens vindas de todo o País continuam a chegar aos estúdios da Rua do Capelo.

ESPECTÁCULO

Entretanto, o 1.º Comité de

Defesa da Revolução dos Trabalhadores de Espectáculos decidiu promover, no próximo dia 8, às 21 e 30, no Tea da Trindade, um espectáculo cuja receita reverte para os fundos de greve dos trabalhadores da Rádio Renascença. O espectáculo será preenchido por poesia, canto e teatro e os bilhetes poderão ser adquiridos na Rádio Renascença.

VÍTOR ALVES REGRESSA DE LONDRES

Procedente de Londres, onde conferenciou com o ministro de Estado do Ministério Britânico dos Negócios Estrangeiros, Roy Hattersley, regressa hoje a Lisboa o major Vítor Alves, embaixador itinerante português. Nesse encontro e segundo círculos governamentais, foi debatida a situação política em Portugal, bem como as relações entre os dois países.

Vítor Alves participou igualmente, em Oxford, num seminário sobre assuntos ibéricos, durante o qual, ao usar da palavra e referindo-se às relações entre o nosso país e a Grã-Bretanha, sublinhou ser «uma verdade particularmente apreciada no nosso país que houve sempre um poderoso laço histórico e efectivo a ligar os nossos povos». E acrescentou:

«Neste período de grandes transformações sociais — para a Grã-Bretanha também — estou certo que esta relação se tornará ainda mais forte e que os sentimentos de respeito e amizade mútuos subsistirão às mudanças de regime.»

INTERCÁMBIO PORTUGAL-U.R.S.S.

Partiu hoje para Moscovo uma delegação da Associação Portugal-U. R. S. S., que a convite da Associação U. R. S. S.-Portugal, irá assinar o Convénio Anual de Intercâmbio Cultural que prevê, entre outras actividades, a Década da Cultura Soviética, prevista para Novembro do corrente ano, uma exposição itinerante sobre a juventude soviética e uma exposição de cosmonáutica. Dela fazem parte, Armando Myre Dorez, vice-presidente; dr. Joaquim Seabra Dinis e Manuela Matos, membros do conselho directivo da Associação.

No mesmo avião seguiu um grupo de alunos de língua russa da Associação, que irá frequentar um curso de aperfeiçoamento com a duração de

vinte dias.

DELEGAÇÃO NORUEGUESA

Chega amanhã a Lisboa uma delegação norueguesa, chefiada pelo ministro das Finanças, dr. Per Kleppe, a fim de participar na 2.ª reunião da Comissão Mista Luso-Norueguesa, que decorrerá no Palácio das Esplanadas, na segunda e terça-feira.

REESTRUTURAR O SECTOR PETROLÍFERO

Parte amanhã, com destino à Bulgária, Checoslováquia, Jugoslávia e Polónia, uma delegação da Comissão de Reestruturação do sector petrolífero, que naqueles países socialistas estudará a inserção de uma empresa pública num sistema socio-económico em transição para o socialismo. Analisará igualmente as formas e extensão de participação e controlo pelos trabalhadores e, ainda, a organização do sector petrolífero.

Paróquias europeias reúnem-se na Buraca

Cerca de 200 delegados paroquiais, padres e leigos, representando nove países europeus, reúnem-se entre 7 e 11 do corrente na Casa de Retiros do Bom Pastor, à Buraca, num encontro designado por «Colóquio Europeu de Paróquias».

A sua organização é da responsabilidade de um Secretariado Internacional com sede em Paris, o qual promove colóquios bienais com carácter

de plenário. Lisboa foi escolhida para a reunião deste ano durante o 8.º Colóquio (Haarlem, Holanda, Julho de 1973).

São esperados vários bispos europeus.

SOCIEDADE DE EMIGRAÇÃO PARA S. TOMÉ E PRÍNCIPE ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Por não ter sido possível reunir, em primeira convocatória, por falta de número de Accionistas e insuficiente representação de capital, a Assembleia Geral Ordinária da «Sociedade de Emigração para S. Tomé e Príncipe, S.A.R.L.», convoca-se a mesma Assembleia para reunir, em segunda convocatória, às 18 horas do dia 30 de Julho corrente, no Largo Barão de Quintela, n.º 3-2.º, DL, com a seguinte ordem do dia:

1. Discutir e deliberar sobre o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1974.
2. Discutir e deliberar sobre uma proposta da Administração referente à liquidação da Sociedade.
3. Nomear liquidatários se for decidido proceder à liquidação.

Lisboa, 1 de Julho de 1975.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL Companhia Agrícola de Porto Real e Bela Vista, S.A.R.L.
a) Carmindo Ferreira

T O L D O S

Novos e usados, chapéus de sol novos e usados desde 400\$00, cadeiras esplanada desde 70\$00. Sofás-baloiço e material de jardim, muito barato. Liquida. R. Leite de Vasconcelos, 16-B.



INDÚSTRIA

Rendosa, normalmente muito procurada, com valores sólidos. Cedo motivo saúde. Poderá facilitar. Apartado 2799. Lisboa 2.

Nomeada Comissão de Dinamização do Zoo

Um despacho ministerial hoje publicado na folha oficial designa os elementos que integram a Comissão de Análise e Dinamização do Jardim Zoológico de Lisboa. São eles os eng. Luís Filipe Ottolini Coimbra, António Assunção Alho, os dr.s Carlos Alberto da Silva Almeida, Emídio Duarte Mano, o prof. dr. José António Abreu Lopes, o tenente António Maia Rodrigues e António Zacarias Fino de Azevedo Lacerda.

Da comissão fazem parte mais dois elementos a nomear oportunamente e as suas funções podem resumir-se a isto: promover a dinamização do Zoo, tendo em conta, como diz o despacho, a necessidade de salvaguardar os interesses patrimoniais e culturais do País e em especial da população de Lisboa, preservando um verdadeiro museu vivo da cultura que este Jardim constitui.



ATLANTICA LINE G É N O V A

EXPORTAÇÃO

IMPORTAÇÃO

Serviço expresso directo

LISBOA / USA / CANADA / LISBOA

— Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Montreal Toronto St. John	Lisboa chegadas
Atl. Genova	19/7	27/7	28/7	29/7	29/7	26/7	6/8
Atl. Marselhe	24/7	2/8	3/8	5/8	5/8	31/7	13/8
Atl. Livorno	30/7	8/8	9/8	10/8	11/8	6/8	19/8

— Tempo do percurso Lisboa/U. S. A.: 8 dias.

— Tempo do percurso Lisboa/Canadá: 7 dias.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
Orey, Antunes S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 36 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

Agentes no Porto:

Sociedade Comercial Orey e Barros Leite, Lda.

VENDEMOS

ANDARES

para habitação própria

Com as facilidades que concedemos, de colaboração com os estabelecimentos de crédito nacionais, e devido ainda aos preços acessíveis que praticamos, pode AGORA adquirir a SUA HABITAÇÃO PRÓPRIA.

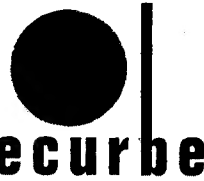
TEMOS ANDARES PARA VENDA EM

ALGÉS
na Rua Alegre — Lote 4 — Algés de Cima
(2 Ateliers — 1 Habitação com 3 assoalhadas e arrecadação).

PÓVOA DE SANTO ADRIÃO
Urbanização da Quinta da Quintinha — Lote A2
(2 e 3 assoalhadas com arrecadação).

QUELUZ
Estrada Consiglieri Pedroso — Lotes 36 e 37 — Queluz de Baixo
(2 e 4 assoalhadas com ou sem garagem). Telefone 95 67 61

SOMOS
UMA EMPRESA
DE
CONSTRUÇÃO



PRONTOS A SERVI-LO DE UMA FORMA NOVA

CONSULTE-NOS
nos nossos Escritórios

RUA DOS ARNEIROS — LOTE 1449 - 1.ª A — BENFICA
Telefones 74 91 53 ou 70 05 54

LEVAMO-LO AOS LOCAIS, SE DESEJAR. OS NOSSOS PREÇOS
NÃO PERMITEM A INTERFERÊNCIA DE INTERMEDIÁRIOS

NO OLHO DO CUÇO...

DAMOS DUAS !

Venha comer aonde é bom. No Olho do Cuço. Antes de almoçar ou jantar, o aperitivo é por conta da casa. Depois... também oferecemos o digestivo. Festejamos o nosso 2.º aniversário. Por isso, DAMOS DUAS...
...BEBIDAS !

Restaurante «O OLHO DO CUÇO»

CALÇADA DOS MESTRES, 58-A — CAMPOLIDE

CAMPANHA DE PRODUÇÃO
— BALANÇAS —

C.B.

COSTA & BRANCO

VISITE O NOSSO ESTABELECIMENTO E APRECIE A VARIEDADE E QUALIDADE DAS BALANÇAS **C.B.** UMA MARCA A FIXAR.

Rua da Assunção, 73 - 77 • Rua dos Sapateiros, 136 - 144
Telefone 32 59 35

ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Fotografia, filmar, projectar, e snoras, de «slids», rolos e acessórios, sempre a preços populares na Secção das «GALERIAS ROLDÃO», Avenida Almirante Reis, 13-E.

Nacional

GRUPO HOECHST

COMO CONSTITUIR UM C.D.R.

No propósito marcadamente revolucionário de viver activamente a hora política actual, trabalhadores do Grupo Hoechst decidiram constituir um Comité de Defesa da Revolução, apatidário e unitário, que procurará intervir activamente na vida da empresa, na resolução dos seus problemas, que são os dos seus trabalhadores, nunca perdendo de vista os objectivos e interesses nacionais, que esta empresa e todas as outras empresas do País, conjugadas e solidariamente, deverão servir.

Na proposta do Secretariado da Comissão de Trabalhadores, relativamente à criação do C.D.R., desde logo se afirma que «é necessário garantir a continuidade do processo revolucionário e a sua defesa contra as forças reacçãoárias internas e externas dado que estas já demonstraram concretamente estarem dispostas a recorrer a todos os meios para se oporem e destruir a nossa Democracia».

Lembra a proposta que «só com o controlo e participação activa e vigilante dos trabalhadores na vida das empresas, estes conseguirão assegurar os seus postos de trabalho e defender a economia nacional contra qualquer tipo de sabotagem no campo económico».

E pormenorizando: «Os ataques a bomba, os assaltos a bancos, os incêndios em fábricas, as infiltrações no País de armamento clandestino e outras actividades contra-revolucionárias, têm-se repetido, apoiadas ainda no lançamento de calúnias e boatos de toda a espécie e nas tentativas de dividir o M.F.A. e as forças progressistas, criando assim um clima de insegurança propícia ao lançar de um golpe reacçãoário».

Sublinha a proposta que «a organização e preparação militar dos trabalhadores, além de garantir a defesa das liberdades e direitos conquistados, é uma forma dos trabalhadores mostrarem a sua força, desencorajarem as tentativas contra-revolucionárias e impedirem o regresso à ditadura fascista».

Assim, o secretariado propõe à Comissão de Trabalhadores a constituição de um Comité de Defesa da Revolução

que tenha as seguintes características, atribuições e objectivos:

«Ser um organismo apatidário unitário, composto pelos trabalhadores com o apoio de elementos das Forças Armadas e que, em caso de necessidade, será o braço armado da classe trabalhadora.

«Os principais objectivos serão:

«A defesa da Revolução iniciada em 25 de Abril, a fim de se atingir o Socialismo, o mais rapidamente possível, em conjunto com as Forças Armadas progressistas; a defesa da classe trabalhadora, dos seus direitos e liberdades conquistadas; o reforço das ligações dos trabalhadores com o M.F.A.; e uma permanente vigilância revolucionária, visando:

1. manobras provocatórias e diversionistas;
2. manobras económicas contrárias aos interesses nacionais aos reais interesses dos trabalhadores;
3. propaganda contra-revolucionária;
4. vigilância da fábrica contra qualquer atentado;
5. apoio constante e esclarecido à batalha da produção;
6. todas as acções que ponham em causa o prosseguimento do processo revolucionário.

O Comité de Defesa da Revolução estará aberto a todos os trabalhadores, independentemente do sexo, que estejam dispostos a: «defender os objectivos enunciados; estejam conscientes do momento político que atravessamos; estejam integrados num verdadeiro espírito revolucionário; sejam capazes de lutar, se necessário armados, na defesa da causa do Socialismo; e estejam dispostos a empenhar toda a sua determinação e dedicação na tarefa revolucionária».

QUATRO GRUPOS DE ACTUAÇÃO

O Comité de Defesa da Revolução seria composto pelos seguintes quatro grupos de actuação:

1. **Comité de controlo operacional**, que terá como atribuições a fiscalização do aspecto financeiro económico da Empresa, com controlo sobre vendas, as compras, os «stocks» e todos os aspectos em cujo domínio sejam

possíveis manobras ou sabotagens.

2. **Comité de apoio à batalha da produção**, que se encarregará de estudar novas formas de organização das produções, da conquista de novos mercados, da avaliação da conveniência e das possibilidades de conversão ou reestruturação, de sectores da produção que porventura sejam atingidos por crises de utilidade e de rentabilidade.

3. **Comité de dinamização cultural**, encarregado de promover culturalmente os trabalhadores da empresa, através

de iniciativas consequentes, capazes de levar à Reforma Cultural preconizada pelo Presidente da República.

4. **Comité de vigilância**, que terá a responsabilidade de proteger as instalações fabris e com elas os postos de trabalho, através da vigilância constante exercida por piquetes de trabalhadores.

Os trabalhadores que se inscreverem no Comité de Defesa da Revolução, «deverão ter uma preparação física, ideológica e de uso de armas sob a orientação das Forças Armadas».

“Monitores do M.F.A. formam-se no povo”

Da sr.ª D. Isabel Barroso Soares recebemos a seguinte carta:

Publicou o «Diário de Lisboa» de 23 de Junho uma reportagem intitulada «Quadros Monitores do M. F. A. Formam-se no Seio do Povo» a propósito da acção desenvolvida na Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas, sob a inspiração, segundo creio, da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A.

Nessa reportagem, sob o pretexto de que o M. F. A. «não olha a nomes, nem a partidos, nem a posições sociais, actuando apenas com a devida justiça», diz-se que a signatária, filha do «leader» do Partido Socialista, Mário Soares, teria sido intimada a prestar declarações na E. P. A. por ter encomendado a «um pequeno fotógrafo» e durante o «recente Congresso de Aveiro», fotografias no valor de quatro mil escudos sem ter, depois, efectuado o respectivo pagamento. Diz-se, também, nessa reportagem, que o referido «pequeno fotógrafo» teria tentado receber esse dinheiro «por todos os meios» escrevendo, inclusive, nesse sentido, «cartas e mais cartas» sem sucesso.

Sobre esse amontoado de atoardas vem a signatária dizer o seguinte:

1) Não houve qualquer congresso em Aveiro em que a signatária ou o Partido Socialista, em que se acha filiada, tives-

sem tomado parte recentemente ou em que tivessem sido encomendadas quaisquer fotografias em seu nome.

2) Não receberam a signatária ou o Partido Socialista qualquer conta referente a encomendas de fotografias, ou quaisquer cartas reclamando o pagamento de fotografias.

3) A signatária foi efectivamente convocada para a Escola Prática de Artilharia em Vendas Novas, onde se deslocou no passado dia 24. Porém, ao contrário do que seria de supor, o tal fotógrafo, autor da denúncia referida na notícia publicada no «Diário de Lisboa», não compareceu e não produziu qualquer prova quanto ao fornecimento de fotografias durante o «recente Congresso de Aveiro» (que imaginava a signatária ter sido o Congresso de Aveiro de Abril de 1973, anterior portanto ao 25 de Abril).

Deste modo, tudo leva a crer que, exactamente ao contrário do que relata a referida notícia, há quem olhe a nomes e a partidos sem a devida ponderação e justiça, apenas com o fito de denegrir nomes e partidos, usando os mesmos métodos difamatórios e inquisitoriais da ditadura fascista contra a qual nos batemos durante tantos anos.

De resto, além do episódio edificante em si mesmo — há a lamentar a publicidade leviana que lhe foi dada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

DA CÂMARA MUNICIPAL DE CEIRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA OBRA DE REFORÇO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA À FREGUESIA DA AMADORA — CONDUTA DISTRIBUIDORA DE ATALAIA, ALFRAGIDE E ZAMBUJAL.

O Conselho de Administração faz público que, até às 17 horas do dia 5 de Agosto do corrente ano, se recebem propostas para execução da obra em título.

As propostas serão abertas no dia e hora acima indicados, perante a comissão para esse fim nomeada.

O depósito provisório é de 247 922\$00

A base de licitação é de 9 916 874\$00

O programa do concurso, caderno de encargos, mapa de trabalhos e peças desenhadas estão patentes todos os dias úteis às horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Municipalizados.

A este concurso só serão admitidos como concorrentes as empresas titulares de alvará(s) de empreiteiro de obras públicas na 3.ª Subcategoria da V categoria ou na da V categoria e na classe correspondente ao valor da proposta ou superior.

Oeiras, Secretaria dos Serviços Municipalizados, em 26 de Junho de 1975.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Dr. Carlos Alberto Andrade Neves

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

DA CÂMARA MUNICIPAL DE CEIRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA OBRA DE REFORÇO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA À FREGUESIA DA AMADORA — REMODELAÇÃO DA REDE DE DISTRIBUIÇÃO DA ZONA INDUSTRIAL DA VENDA NOVA — (1.ª FASE)

O Conselho de Administração faz público que, até às 16 horas do dia 5 de Agosto do corrente ano, se recebem propostas para execução da obra em título.

As propostas serão abertas no dia e hora acima indicados, perante a comissão para esse fim nomeada.

O depósito provisório é de 121 515\$00

A base de licitação é de 4 860 581\$00

O programa do concurso, caderno de encargos, mapa de trabalhos e peças desenhadas estão patentes todos os dias úteis às horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Municipalizados.

A este concurso só serão admitidos como concorrentes as empresas titulares de alvará(s) de empreiteiro de obras públicas na 3.ª Subcategoria da V categoria ou na da V categoria e na classe correspondente ao valor da proposta ou superior.

Oeiras, Secretaria dos Serviços Municipalizados, em 26 de Junho de 1975.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Dr. Carlos Alberto Andrade Neves

A CONJUNTURA VISTA PELO B.P.A.

URGENTE PASSAR À ACÇÃO

Economistas do Banco Português do Atlântico criticam o Decreto-Lei n.º 203-C/75, do passado dia 15 de Abril, onde seria de notar um «grau de generalidade» excessivamente elevado, e alertam para a necessidade de concretizar urgentemente os programas «A nível de acções».

«A planificação (económica) não se monta em meses e exige experiência que escasseia entre nós» — escrevem os redactores do boletim *Conjuntura*, publicado com data de 2 do corrente pelo Gabinete de Estudos Económicos e Financeiros (Departamento de Macroeconomia) daquele banco. Assim, porque é o Estado que detem «a maior parte da responsabilidade do investimento», e ainda porque o sector privado está «contraído em extensão e paralisado em iniciativa» desde a definição da via socialista, a alternativa é «abdicar para já de projectos mui-

to bem pensados, da discussão exaustiva de opções da coordenação muito acabada de iniciativas, para avançar com projectos ou programas imediatos», de resto já entre-vistos no diploma acima mencionado.

DUAS CRISES

As dificuldades actuais da economia portuguesa — lê-se também no boletim — são basicamente estas: subprodução geral e desemprego; carestia da vida; baixa captação de fundos e elevada concessão de crédito pela banca; relações

deficitárias com o estrangeiro; e repercussões directas da crise internacional.

Outro indicador de tomo é o das letras. Neste sector deve referir-se que entre Abril do ano passado e Maio deste ano as reformas por falta de pagamento (em percentagem de descontos) cresceram de 1,5 para 13,4, enquanto os protestos por falta de pagamento subiram de 2,2 para 18 por cento.

Ao mesmo tempo que persiste a liquidez bancária negativa e os depósitos estagnam, ao mesmo tempo que a família portuguesa paga hoje mais 25

por cento para se alimentar do que pagava há um ano, o número de desempregados atingirá os 270 mil ainda este mês (é a estimativa do Ministério do Trabalho), quando andava pelos 170 mil em Dezembro de 1974.

O País encontra-se entre dois fogos — «duas crises». Por um lado a crise de conjuntura, por outro a crise de transição, «decorrente da passagem a um novo sistema económico e social. Deixar esta última chegar a um ponto extremo «pode precipitar uma regressão política».

SOCIALISTAS CONVIVEM NA SOCIEDADE DA MATINHA

Uma festa de confraternização e convívio do Partido Socialista está marcada para esta noite na Sociedade da Matinha, precedendo uma série de iniciativas gizadas pela equipa de trabalho da Campanha de Dinamização Política, Cultural e Recreativa da secção dos Anjos. É no Pátio das Cantigas, popular local daquele bairro da beira-rio.

Como curiosidade assinala-se que a entrada na festa se faz mediante a apresentação do último número do órgão central do P.S., «Portugal Socialista» (embora haja também a possibilidade de adquirir bilhete na Sociedade da Matinha).

JUVENTUDES SOCIALISTAS

Entretanto está anunciado para a primeira quinzena de Setembro, em Portimão, o Encontro Internacional das Juventudes Socialistas, cuja comissão organizadora é apoiada pela Comissão Nacional e pelo Secretariado Nacional Executivo da Juventude Socialista. Inscrições para a Rua Júdice Bic-

ker, 15, naquela cidade algarvia, ou pelo telefone 23277, também de Portimão.

As secções da J. S. interessadas em participar poderão apresentar as suas teses. Temas sugeridos: relações com os países do Terceiro Mundo; luta contra o fascismo no Chile e em Espanha; e formas de apoio internacional às forças progressistas que lutam pelo socialismo contra o capitalismo.

CONVÍVIO EM VILAMOURA

Um segundo encontro de massas no Algarve está marcado para o período de 20 a 28 de Setembro: é a Semana de Convívio Socialista, centrada na Aldeia do Mar (Vilamoura).

Dirigentes do P. S. e delegações internacionais associam-se ao encontro, durante o qual, para além de actividades desportivas e de ar livre, se realizam colóquios, sessões culturais e políticas, espectáculos teatrais e projecções de filmes.

No «Portugal Socialista» são indicados preços: 900\$00 por

pessoa, independentemente do tipo de alojamento escolhido, ou 1300\$00 incluindo transporte.

A CULPA NÃO É DO CARTEIRO

Recebemos no passado dia 29 de Junho, vindo do Serviço de Informações e Reclamações dos C.T.T., o seguinte e pormenorizado ofício:

«Em notícia publicada no vosso jornal de 13.4.1975, com o título *Ineficácia na distribuição do correio*, comenta um leitor que no local onde reside — Rua das Arregadas, 555, em Aguas Santas (Maia) não recebe correspondência aos sábados.

Sobre o assunto venho informar que, feitas averiguações, não se apurou qualquer anomalia por parte do carteiro que tem a seu cargo a distribuição, a qual é efectuada também aos sábados».

A dois meses e meio de vista não se poderia esperar melhor.

MAIS INFORMADORES

NO JORNAL, NA COVINA, NO SACAVENENSE

«soprava» sobre os jornais; outro acerca da Covina e do Sacavenense. José António, Silvino Fernandes — estes os nomes. Nenhum ganhou grandes dinheiros, pois o leque oscilava entre os 300\$00 e os 1500\$00 mensais. Informadores.

A notícia veio do Serviço de Coordenação da Extinção da ex-Pide/DGS e LP, dizendo que foram presos os seguintes indivíduos:

— Em 27 de Junho de 1975: José António, casado, de 61 anos de idade, filho de Luís Hilário e de Rita da Assunção, natural de Alcoutim, reformado da Guarda Nacional Republicana, empregado no jornal «O Comércio do Porto» e residente na Rua dos Ferreiros (a Santa Catarina), 22, em

Lisboa. Usava pseudónimo de «Joaquim Jorge», informando sobre o meio jornalístico e alguns intelectuais. Recebia importâncias entre 1000\$00 e 1500\$00 mensais;

— Em 30 de Junho de 1975: Silvino Fernandes, casado, de 43 anos de idade, filho de pai incógnito e de Maria Júlia Fernandes, natural de Lisboa, pedreiro e morador na Rua Quinta da Graça, 286-D, em Lisboa; usava o pseudónimo de «Salvador» e informava sobre os seus colegas de trabalho, designadamente na Covina e no Grupo Sport Sacavenense, de cuja direcção fez parte em 1962/63. Recebia, conforme as informações prestadas, 300\$00 ou 400\$00.

GOVERNO INTERVÉM NO MERCADO DE BORREGOS

A semelhança do que se passa no mercado de bovinos e suínos, vai a Junta Nacional dos Produtos Pecuários iniciar mais uma acção em defesa da lavoura, em especial da pequena e média, no que respeita a borregos — informa uma nota oficial.

A descida de cotações que normalmente se observa neste período para a referida espécie constitui «um fenómeno cíclico que atinge com acuidade a ovinicultura das zonas pobres do Alentejo, onde ainda a seca e a consequente falta de pastagens provoca elevada percentagem de mortes, o que já se está verificando neste momento».

Reconhecendo a oportunidade da intervenção no mercado do borrego, como medida de alcance económico e social, não só para sustentar a queda de preços mas também para permitir aos

pequenos produtores alguns fundos de maneo a breve prazo, a JNPP abre agora inscrições para aquisição e abate imediato de borregos nas seguintes condições:

a) a prioridade é concedida aos pequenos e médios criadores, reconhecidos como tal pelas Ligas ou Comissões Liquidatárias dos Grémios da Lavoura;

b) as inscrições devem ser dirigidas a estas associações ou directamente àquele organismo ou suas representações regionais;

c) as aquisições far-se-ão aos preços de: borregos congelados, 78\$00 /KG de carcaça; borregos sem requisitos para conservação frigorífico, 73\$00 /KG de carcaça;

d) a pele e as miudezas ficarão por conta da Junta, a fim de cobrir os encargos resultantes do serviço de matadouro e frigorífico.

PREÇOS ESTÁVEIS

PARIS, 5 — (R) — Em Portugal, segundo estatísticas detalhadas compiladas pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.), com sede em Paris, os preços pagos pelo consumidor em Maio último aumentaram em 0,3 por cento e em 16,4 por cento nos 12 meses até Maio.

De acordo com a O.C.D.E. os preços do consumidor nos grandes países industriais do ocidente subiram em média 0,8 por cento em Maio e essa percentagem teria sido consideravelmente mais baixa se não fosse a Grã-Bretanha onde, devido à inflação, os preços aumentaram em 4,2 por cento em Maio.

DIÁRIO DE LISBOA

ASSINATURAS DE FÉRIAS

ACEITAM-SE ASSINATURAS PELO PERÍODO MÍNIMO DE 10 DIAS, AO PREÇO DE 4500 POR DIA.

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA.

atenção à lista!

SUCEDER QUE, INVOLUNTARIAMENTE, PORTADORES DE TÍTULOS PREMIADOS NA LOTARIA NACIONAL OS INUTILIZAM POR DESCUIDADA LEITURA DA LISTA OFICIAL. O VALOR DESSES PRÉMIOS, TAIS COMO OS LUCROS, SÃO INCORPORADOS NOS FUNDOS DESTINADOS À PROMOÇÃO SOCIAL NO PAÍS. PORÉM, NAS NOVAS LOTARIAS DE TIPO ESPECIAL — COMO É A PRÓXIMA — HÁ MAIOR VARIEDADE DE PRÉMIOS, DE QUANTIAS ELEVADAS. PARA TANTO SE CHAMA A ATENÇÃO DO PÚBLICO.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA
Lotaria nacional
LISTA DOS PRÉMIOS DA EXTRACÇÃO REALIZADA EM

SINDICATO DOS PROFESSORES

ENSINO PARTICULAR

O MEIC acaba de publicar um despacho cujas consequências se esperam decisivas para modificar o actual clima de instabilidade e desemprego no ensino privado.

Este despacho vem corresponder às diligências efectuadas pelo Sindicato no sentido dos trabalhadores terem garantido o seu emprego e de impedir paralisações bruscas no ensino.

O Sindicato transcreve na íntegra o despacho ministerial por considerar o seu conteúdo da máxima importância para o ensino privado e pela necessidade que vê em que todos os trabalhadores deste sector o conheçam e exerçam vigilância para que possa ser cumprido.

Pe'a COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA
Zona da Grande Lisboa
Tavares Costa

DESPACHO

«Considerando que os encerramentos globais ou parciais de estabelecimentos de ensino assumem particular melindre na presente conjuntura, pela perspectiva de agravamento da situação de desemprego e pelo desequilíbrio que provocam nas estruturas gerais de ensino;

Considerando que a brusca transformação dos níveis ministrados dos mesmos estabelecimentos ou regimes, se torna inconveniente no momento em que se procede à reformulação do ensino e gera nítida perturbação nos postos de trabalho;

Considerando ainda que atitudes de encerramento e de transformação de níveis de ensino estão a ser tomadas com pouco realismo, com desconhecimento objectivo da situação em 1975/76 e como mero recurso de fuga precipitada e eventuais dificuldades;

Determino que, relativamente ao ano escolar de 1975/76:

- a) a cessação das actividades de estabelecimentos de ensino particular só é autorizada depois de ampla e cabal justificação perante o MEIC e de se encontrar definida solução para os problemas inerentes a essa cessação;
- b) só serão sancionadas transformações de níveis de ensino depois de exaustiva justificação e de se verificar que tal corresponde aos efectivos interesses da população;
- c) a transformação de externatos em cooperativas de ensino ou a criação destas só será autorizada depois de apreciação do respectivo processo e de verificação que tal procedimento não implique despedimentos;
- d) Em qualquer caso, os estabelecimentos de ensino que denunciem contratos com professores, salvo se por motivo disciplinar, não poderão fazê-lo substituir a não ser por autorização especial;
- e) É rigorosamente proibida a recusa de inscrição ou matrícula nos estabelecimentos de ensino particular que não tenham autorização de cessão de actividades.

Lisboa, 30 de Junho de 1975

O SECRETÁRIO DE ESTADO
DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Ministério da Educação e Investigação Científica INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL

AVISO

Ficam por este meio avisadas todas as entidades públicas e privadas que tenham feito fornecimentos a este Instituto (Centro de Lisboa) até 31 de Dezembro de 1974 que não se encontrem liquidados, que devem reclamar até ao dia 31 de Julho de 1975, a regularização das dívidas, demonstrando a existência destas com fotocópias das respectivas requisições bem como da documentação comprovativa dos fornecimentos efectuados.

Lisboa, 1 de Julho de 1975.

O Representante do M. E. I. C. e Administrador
Júlio Simões de Sousa da Silva
Ten. Coronel

ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES Stand 62 / Dist. QUADRANTE

Alugue um carro
euorent DESDE **1\$30**
R. BARÃO DE SABROSA, 129-A
LISBOA-1 — TELEFS. 822093/4 POR KM

Nacional

"Pagar o contrato que não fez"

Da Companhia de Seguros Aliança Madeirense recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta-rectificação, acerca de uma declaração que um nosso leitor nos fez, a qual publicámos no dia 25 de Junho passado:

«A notícia em causa carece totalmente de fundamento, na parte em que se refere à não efectivação do seguro e ao que se passou em Tribunal.

«Efectivamente, o seguro vi-

gorou e, para quem tenha um mínimo de conhecimento de matéria processual, é evidente que o sr. Reis nunca poderia ter pago apenas as custas, pois estas apenas seriam devidas por ele, se perdesse a acção. Foi isso, efectivamente, o que aconteceu, visto o sr. Reis nem sequer se ter dado ao trabalho de contestar aquela acção.

«Quanto às conversas com o «chefe da secretaria» da

Companhia de Seguros Aliança Madeirense, não sabemos ao certo a quem se quer referir o sr. Reis. As únicas pessoas com quem o referido senhor falou, eram trabalhadores do Contencioso da empresa, que negam ter feito afirmações daquele jaez, o que é confirmado pelo restante pessoal da Secção.

Nota da Redacção — Caríssimos senhores: o nosso leitor veio aqui pessoalmente. Estava indignado. Tem, já, uma idade respeitável. Pode ter dito muitas asneiras, mas, se as disse, foi por não estar informado. Dif-nos-ão que a culpa não é vossa. Ai é que bate o ponto: quem não informou o sr. Reis?

QUE SE PASSA NO HOSPITAL DE PAREDES

Existe em Paredes um hospital em que os medicamentos receitados pelo médico não são dados aos doentes (quando são caros!); em que parteiras passam receitas médicas; em que a comida é de tal modo má que os doentes têm de pedir aos seus familiares que tragam outra de casa; em que, ao contrário, o material do hospital (camas articuladas, aspiradores, garrafas de oxigénio, etc.) é levado para casa para uso pessoal de alguns privilegiados; em que os enfermeiros não têm qualquer curso; em que as religiosas vendem bebidas alcoólicas a alguns doentes, etc., etc.

Estas e outras desgraças são reveladas num comunicado publicado pelo pessoal menor do Hospital de Paredes, que se insurge também contra os salários e condições de trabalho miseráveis em contraste com os honorários fabulosos recebidos por alguns médicos.

«Existem no nosso hospital», afirma-se a determinado passo «dois sectores: um, o

mais desprotegido (pessoal menor), que tenta alcançar os seus direitos, que nada tem a perder e que constitui a maioria dos trabalhadores e um outro, que sempre viveu bem e que sempre fez do Hospital um meio de exploração.

No meio da luta que se tem estado a travar apareceu uma comissão administrativa apoiando a Provedoria e os «senhores» do hospital. Esta comissão administrativa foi empossada sem o acordo dos trabalhadores. Estes suspenderam-na. Mas a entidade superior voltou a empossá-la, perante a estupefacção e revolta dos trabalhadores que querem uma vida nova no Hospital de Paredes.

OÇA O SILÊNCIO DA CASSETTE



Experimente a Cassett TDK nas suas gravações, em Alta Fidelidade e goze o seu silêncio que não é igualado por nenhuma outra fita magnética.

Cassette D — 45 minutos . . .	45\$00
Cassette D — 60 minutos . . .	55\$00
Cassette D — 90 minutos . . .	70\$00
Cassette D — 120 minutos . . .	90\$00

Cartridges 40 minutos . . .	90\$00
Cartridges 80 minutos . . .	120\$00

Bobine 8 cm 90 metros . . .	35\$00
Bobine 10 cm 185 metros . . .	55\$00
Bobine 13 cm 270 metros . . .	100\$00
Bobine 15 cm 370 metros . . .	120\$00
Bobine 18 cm 555 metros . . .	150\$00

ENVIAM-SE PELO CORREIO A COBRANÇA



ESTEREOSOM
Av. Duque d'Ávila, 56-A LISBOA 1



SURDOS

Casa Sonetone

Não vá para fora a ouvir mal. Podemos remediar o seu problema. Faça um exame audiométrico que é gratuito, sem compromisso algum e verá os resultados que obtém ouvindo perfeitamente. Temos as últimas novidades em aparelhos de bolso.

atrás da orelha, óculos só de encostar à cabeça, Laringes Electrónicas para os operados à Laringe, pilhas de todas as voltagens.

Facilitamos o pagamento. Trabalhamos com as Caixas de Previdência. Assistência permanente a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou marcas.

VISITE-NOS SEM HESITAR, E DESDE JÁ OS NOSSOS AGRADECIMENTOS.

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L.
— Telef.: 86 83 52

PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º
— Telef.: 02-31 56 02

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infanta 16, 55-C — LISBOA

EUROPA 75 6 MARAVILHASAS EXCURSÕES

EM AUTOPULLMAN DE LUXO

OCIDENTE EUROPEU — 22 DIAS

ESPAÑA, FRANÇA, SUÍÇA E ITÁLIA
Partidas: 2/8, 9/8 e 20/9 ESC. 21.940\$

ANDALUZIA — 10 DIAS

Partidas: 9/8, 30/8 e 13/9 ESC. 5.900\$

VERÃO AMENO — 23 DIAS

ESPAÑA, FRANÇA, LUXEMBURGO, ALEMANHA
HOLANDA, BÉLGICA E INGLATERRA
Partidas: 3/8 e 31/8 ESC. 18.700\$

ESPAÑA E FRANÇA — 15 DIAS

Partidas: 20/7, 10/8, 24/8 e 7/9 ESC. 9.900\$

ITÁLIA — ANO SANTO — 18 DIAS

ESPAÑA, FRANÇA, SUÍÇA E ITÁLIA
Partidas: 2/8 e 30/8 ESC. 13.200\$

ESPAÑA, ANDORRA E LOURDES — 10 DIAS

Partidas: 21/7, 11/8, 15/9 e 6/10 ESC. 6.800\$

ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO



fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21

COIMBRA: Rua da Sofia 2 • Telef. 2 70 11/2

FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

A. C. P. INFORMA:

NOVO SERVIÇO

COMBINADO

ENTRE A ESTAÇÃO

DE SENDIM E VIMIOSO

(MERCADORIAS)

Em 16 do corrente entra em funcionamento um novo serviço combinado do transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo de Belmiro Carção, servindo Sendim, Barrocal do Douro, Picote, Vila Chã, Prado Getão, Palaço, Águas Vivas, São Pedro de Silva, Urrós, Bemposta, Miranda do Douro e Vimioso em ligação à estação de Sendim.

Desta forma, a partir da referida data, todas as Estações de Caminho de Ferro e Despachos Centrais de serviço combinado passam a efectuar despachos para aquelas localidades, assim como na Central de Sendim se aceitam despachos para qualquer Estação de Caminho de Ferro, ou para qualquer localidade servida pela camilagem combinada.

Lisboa e Decimo Nono Cartório Notarial, sete de Abril de mil novecentos e setenta e cinco.
O AJUDANTE Rui Jorge Pires Carrondo

Nacional

"O PREÇO DE SER LIVRE"

Continuação da pág. 1

A par disto era visível a crise da Constituinte, enquanto certos partidos políticos adoptavam uma estratégia de silêncio muito curiosa, como se aguardassem dias cruciais para o processo. Ao nível do Governo, circulava um dia o rumor de que Vasco Gonçalves havia sido instado a demitir-se, para no dia seguinte ser já o Primeiro-Ministro a oferecer a sua demissão, enquanto membros do seu gabinete também se demitiam ou eram demitidos consoante os caprichos do noticiário boca-a-boca. Ponha o leitor as aspas onde achar curial.

Simultaneamente com estes rumores, eram designadas a dedo umas quantas individualidades como alternativas carismáticas, e até do Rio de Janeiro vinha o inequívoco comentário de um ex-oficial do séquito de António de Spínola, sugerindo que este em breve teria de ser tratado por «presidente».

Eminência parda da imprensa internacional sobre a jovem democracia portuguesa, o embaixador americano, Frank Carlucci, saía de Lisboa e fixava-se temporariamente em Espanha, na base de Torrejón de Ardoz, para alegado tratamento de uma infecção viral, e por Espanha passava entretanto o director-adjunto da C.I.A., Vernon Walters, reconhecido «expert» em assuntos ibéricos.

Enfim, a independência de Cabo Verde avizinhava-se (um Cabo Verde cujo peso estratégico no Atlântico continua a não ser desprezível) e os ministérios económicos urgiam a pronta definição de medidas para o arranque efectivo da Reforma Agrária desesperante para alguma gente, única esperança para outra. Reforma Agrária, que ontem tomou forma num Conselho de Ministros onde foi notada a ausência do ministro sem pasta, Mário Soares, secretário-geral do P.S.

No passado domingo quase 90 pides escapavam-se de Alcoentre, estabelecimento prisional cuja inexpugnabilidade fora descrita como total mas que não chegara ainda à prática... Era a gota a transbordar na taça do espanto e da indignação populares, espanto e indignação que cresceriam quando o P.D.C., mesmo sem secretário-geral, divulgou um ambíguo comunicado sobre o assunto.

Ontem à tarde, derradeiro rumor: tropas teriam saído de quartéis, executando movimentos de recorte misterioso. Pode dizer-se agora que saíram tropas, sim, mas da região de Abrantes, participando na «caça» aos «pides», pois era preciso confirmar a hipotética presença de alguns membros da desmantelada polícia política nas imediações da barragem do Castelo do Bode.

De concreto sabe-se que entre anteontem e ontem houve diversas reuniões militares, a mais importante das quais teria decorrido no RALIS, com a participação de elementos das três Armas integrados no Copcon. Nesta última teria surgido uma moção de «apelo à unidade» em todos os sectores do M. F. A., unidade que as divergências de opinião entre os «homens livres» de que fala Costa Gomes não chegam para romper.

«Deve haver alguém com quartel-general bem montado a fabricar boatos e a lançá-los na opinião pública», opinou ontem em Belém o capitão Vasco Lourenço. Entrevistado na sua residência pelo nosso colega «O Século», o general Vasco Gonçalves era, pelo seu lado, absolutamente formal: «Não estamos na iminência de um novo 11 de Março», acrescentando que «nem por isso deve ser menor a vigilância».

Os próximos dias trarão com certeza a leitura correcta desta agitada sexta-feira.

... É como segue o texto integral do discurso do Presidente da República:

«A crise económica do País exige muito trabalho e poucas palavras, o que, infelizmente, não é um hábito generalizado.

Se hoje venho falar a todos os portugueses é porque — como sempre que falo — entendo cumprir um dever ou prestar um serviço ao povo a que pertenço.

Entendo que, mais uma vez, se torna necessário sublinhar que estamos falando demasiado e trabalhando excessivamente pouco.

Vem isto a propósito de uma verdadeira ofensiva de boatos que, sobretudo nos últimos dias, está a conduzir o País a um ambiente doentio de agitação e ansiedade, clima muito propício a situações contra-revolucionárias, adverso da tranquilidade, da ordem e do trabalho.

Nesses boatos, cujas origens desconheço, o denominador comum é, essencialmente, a projecção da ideia de que há antagonismos graves no seio das Forças Armadas.

Afirmam-se divergências insuportáveis no interior do M. F. A., incluindo entre elementos do Conselho da Revolução. As fontes dos boatos sempre afirmam o que desejariam, na esperança de provocar o acontecimento.

O boato — hoje como ontem — é sempre a arma traiçoeira com a qual o inimigo ataca o forte e o Governo.

Como chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas cumpre-me informar, hoje e agora, sobre a situação das Forças Armadas, o braço forte de um povo em marcha para o socialismo.

Não nego a existência de correntes de opinião entre militares, como homens livres de

um povo que se realiza.

Não negaria que, felizmente, no Conselho da Revolução temos o hábito de discutir livremente, com a serena certeza de que no curso dos trabalhos sempre encontraremos uma solução útil.

No entanto, só as forças contra-revolucionárias se podem interessar, a partir do salutar pluralismo de opiniões, extrapolar doentamente para situações de confronto.

Hoje, como chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, vos afirmo que estamos coesos na acção, decididos a defender a ordem e a tranquilidade do povo português, determinados a vencer com disciplina e trabalho.

Não hesitarei em repetir que, neste momento da nossa revolução socialista, o que é essencial é trabalhar mais e produzir melhor.

Necessitamos de serenidade, de uma atmosfera de calma física e psíquica que nos conduza a patamares novos de tolerância e disciplina nos trabalhos e sacrifícios a enfrentar.

Antes de terminar, pediria a todos os portugueses que se tornassem verdadeiros revolucionários.

Hoje, um verdadeiro revolucionário é aquele que:

Trabalha mais e produz melhor do que ontem;

É limitado e construtivo nas suas reivindicações e exigências;

Não contribui para a propalação de boatos, afirmando o seu espírito crítico por padrões serenos e saudáveis;

Tem comportamentos e atitudes que contribuem para um clima de sensatez, tolerância e disciplina social.

Termino com a esperança de que estamos pagando o preço de ser livres e apenas isso. Boa noite, o trabalho espera por nós.»

COMUNICAÇÕES

Milhares de trabalhadores dos TAP-C.T.T.-Metro-T.L.P., apoiados pelo secretariado das Intercomissões de Trabalhadores (Efaced, Petroquímica, Cambournac) representando 21 empresas, manifestaram-se ontem ao fim da tarde, do Rossio, até S. Bento, vitorizando a classe operária, exigindo o controlo dos transportes e comunicações nas suas mãos e a libertação dos antifascistas presos em Caxias e Pinheiro da Cruz, que actualmente estão no 12.º dia de greve da fome.

Esta manifestação, que reunia num mesmo caudal os trabalhadores de vários sectores nevrálgicos dos transportes e comunicações, dirigiu-se em primeiro lugar até junto do respectivo Ministério, na Praça do Comércio, gritando as palavras de ordem: «Viva a classe operária». A luta continua, o ministro para a rua.

Depois, os trabalhadores arancaram em filas compactas, muitos deles em fatos de trabalho, em direcção ao Cais do Sodré e S. Bento.

Viam-se muitos dísticos em nome das quatro empresas e em nome de cada empresa individual. As palavras de ordem mais gritadas foram «Viva a classe operária», «Luta, unidade, vitória — O Povo vencerá», «Libertação imediata dos antifascistas presos», «TAP-T.L.P.-Metro-C.T.T. — amesmaluta».

Em S. Bento, diante da Assembleia Nacional tomaram a palavra trabalhadores de diversas empresas.

Um trabalhador dos T.L.P. abordou o tema da sua luta iniciada à 17 dias, que classifi-

cou de exemplar e referindo-se à grande divisão em que se encontram neste momento os trabalhadores dos T.L.P. em virtude de «hesitações e traição» da direcção do Sindicato.

Apelou ainda para os camaradas das outras empresas continuarem a luta, porque os T.L.P. também não vão vergar.

Usando da palavra um operário da TAP afirmou que aquela manifestação não era mais uma manifestação operária, que o que os trabalhadores ali presentes punham como objectivo era «a tomada do poder pela classe». E afirmou em seguida: «Ainda há camaradas que não querem partidos. Mas a classe operária precisa do seu partido, precisa de um estado-maior para vencer. Queremos revolucionários que dirijam cientificamente a classe operária, e não dirigistas e oportunistas que andam a enganar. A tomada do poder é difícil, temos de lutar muito, mas venceremos».

No final foram aprovadas por aclamação quatro moções, todas em nome dos operários dos T.L.P., C.T.T., Metropolitano, Comissões de Trabalhadores representadas pelo secretariado das Intercomissões, toda a classe operária e Povo em luta. A primeira exige a libertação de Arnaldo Matos e dos antifascistas presos, a segunda exige o julgamento popular e execução pública dos pides, a terceira defende a luta pelas 40 horas e a quarta apela para a criação de Comissões de Trabalhadores em todas as fábricas e empresas.

O MAIS LONGO DIA DE BOATOS

"UMA CAMPANHA DE GUERRA PSICOLÓGICA ORQUESTRADA HABILMENTE EM TODO O PAÍS"

«Estamos a viver uma campanha de guerra psicológica habilmente orquestrada em todo o País. De norte a sul consta que avançam colunas militares sobre Lisboa. Em certos pontos, chegou já o boato de que o Governo caiu. Sabemos que há pessoas em pânico» — esta a informação que fontes fidedignas, ligadas ao M. F. A., nos forneceram ontem às 17 e 15.

Desde às 15 horas que vários telefonemas tinham chegado à nossa Redacção, dando conta do que constava por toda a parte: divisões profundas no M. F. A., tropas em movimento, mobilização dos trabalhadores para os sindicatos. Das três informações, unicamente a última se confirmava. Efectivamente, a Intersindical, face à onda de boatos, que só podiam servir a reacção, optara por convocar os trabalhadores progressistas para os respectivos sindicatos. «Mas que alguns fiquem nos locais de trabalho» — aconselhou também um elemento responsável da Central Única de Trabalhadores.

A dificuldade nas comunicações telefónicas obstava a que os jornalistas dominassem a situação em poucos minutos. A greve dos T. L. P. surgia, na verdade, como um ponto de apoio para qualquer possível ataque da reacção.

Ouçamos a mesma fonte fidedigna ligada ao M. F. A.: «Não queremos dizer, em princípio que a greve esteja a ser manipulada pela reacção. Mas uma coisa é certa: serve a reacção.»

"VOU SAIR E VOLTO"

As 17 e 30, conseguimos detectar uma coluna militar em marcha a caminho de Lisboa. Por pedido das fontes fidedignas acima mencionadas, não podemos dizer donde procedia essa coluna. Mas o seu objectivo não era aquele que se fazia crer: mudar a correlação, de forças. Tratava-se, pura e simplesmente, de um reforço destinado a algumas unidades cujos elementos necessitavam de descanso.

Tivemos, pois, de «riscar» as colunas (hipotéticas) que vinham em marcha de Bragança, Setúbal e Faro. Atente o leitor nestas três cidades e veja como a reacção «conseguiu» uma linha militar que «dominava» o País de norte a sul... A primeira fica no Norte, a segunda no Centro e a terceira no Sul.

Entretanto, e em consequência dos boatos, começaram a comparecer nos centros de trabalho de vários partidos progressistas centenas e centenas de militantes. Quase todos vinham em busca de informações concretas, uma vez que, como já dissemos, os telefones não funcionavam...

Decorria, na altura, o Conselho de Ministros Restrito. No momento mais quente dos boatos, Alvaro Cunhal abandonou o Conselho com o intuito de se ir pôr a par dos «acontecimentos».

Interrogado por um repórter sobre o que se estava a passar, o secretário-geral do Partido Comunista, muito calmo e sorridente, afirmou: «Penso que nada. Vou sair e voltarei dentro de momentos.»

"O TRABALHO ESPERA POR NÓS"

Também por essa altura, o chefe de Gabinete de Dinamização do Exército, que se encontrava numa reunião de trabalho, «Tê-las-ia interrompido para ir conferenciar com o general Fábão».

Surge um leitor e afirma que helicópteros sobrevoavam o «Diário de Notícias». Quando lhe perguntávamos o nome, já o homem tinha descido as escadas...

Contacto para ali, contacto para acolá, conseguimos apurar que, efectivamente, helicópteros tinham sobrevoado o «Diário de Notícias». Mas isso tinha acontecido de manhã — e unicamente para transporte de doentes...

Outra informação: o M. D. M. procedia à retirada de arquivos. Verdade? A pessoa que telefonava merecia-nos todo o respeito, mas uma coisa é certa: nem ontem nem esta manhã conseguimos contactar com o Movimento Democrático das Mulheres, e isso porque, embora tenha terminado a greve dos T.L.P., centenas de telefones encontram-se ainda não operacionais. «Os mecânicos terão muito que fazer por estes dias» — disse-nos uma telefonista esta manhã.

Toca o telefone e uma voz anónima já muito próximo das 18 horas, afirma que o Regimento de Faro estava em prevenção rigorosa. E mais nada. «Tlic» — o informador tinha desligado.

Alívio: às 18 horas as estações emissoras iam lentamente desfazendo os boatos e acabariam por anunciar uma declaração (aliás muito breve) do Presidente da República. Todos os leitores já a conhecem e podem lê-la nesta edição do «DL».

Só uma frase:

« (...) Uma verdadeira ofensiva de boatos (...) está a conduzir o País a um ambiente doentio de agitação e ansiedade, clima muito propício a situações contra-revolucionárias, adverso da tranquilidade, da ordem e do trabalho».

Afirmou o general Costa Gomes que as Forças Armadas estavam coesas na acção que leva ao Socialismo — e terminou a sua comunicação com as seguintes palavras: «Boa noite. O trabalho espera por nós».

Começaram então, a regressar de Almada, as massas progressistas que para ali tinham sido convocadas pelo P.C.P. e pelo M.D.P. Agora era a noite, véspera de um sábado de trabalho, de esforço, de construção. Amanhã é domingo.

PEDRO ALVIM

MANIFESTAÇÃO EXIGE MEDIDAS ANTIFASCISTAS

A manifestação unitária e apartidária convocada pela Siderurgia levou muitos milhares de trabalhadores do Terreiro do Paço à Cova da Moura, passando pela antiga sede da P. I. D. E., pela Rádio Renascença e pelo «República». «Tribunal Revolucionário para julgar os «pides» já!», «Os «pides» estão-se a safar, vigilância popular!», «Viva a luta do Rádio Renascença!», foram algumas das palavras de ordem gritadas pelos manifestantes, que apresentaram apenas bandeiras vermelhas, indicações de locais de trabalho e bandeirinhas com consignas.

«O desfile constituiu uma intervenção de inegável força na crise política e significa um importante passo em frente no afrontamento das classes revolucionárias com a burguesia», declarou um dos organizadores quando a manifestação terminou, já de noite. O M. E. S., a L. C. I., o P. R. P.-B. R. e o Secretariado dos Conselhos Revolucionários aderiram à manifestação, em que participaram também milhares de militantes da U. D. P. e da Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas (A. E. P. P. A.).

Devem destacar-se, dentre os textos de apoio recebidos pelos manifestantes, o dos operários do «República», que afirmaram que a luta dos trabalhadores da Rádio Renascença

tem por base significado semelhante e finalidade igual.

Em frente do jornal «República», as dezenas de milhares de manifestantes lançaram, a plenos pulmões: «Informação revolucionária ao serviço da classe operária». A seguir aos dísticos transportados pelos operários, de capacete, da Siderurgia Nacional, seguiram-se diversas comissões de trabalhadores e de operários, das quais salientamos: Setenave, Sindicato dos Transportes Ferroviários de Setúbal, Cergal-Sagres; depois, comissões de moradores do bairro do Calhau e da Ajuda, operários da Fita Lusa de Almeida Dias, trabalhadores da Presmalte, do Fundo de Fomento da Habitação e do «Jornal do Comércio».

Os manifestantes, que foram aplaudidos por numerosos marinheiros, quando passavam pelas instalações da Armada na Rua do Arsenal, fizeram do «apoio às forças progressistas do M. F. A.» um dos pontos decisivos da concentração.

Os ataques das organizações convocantes à actual Comissão de Extinção da P. I. D. E./D. G. S. corporizaram-se na palavra de ordem «O Povo é que decide, queremos a divulgação dos arquivos da P. I. D. E.». Outra exigência apresentada foi o de «imediato desmantelamento do C. D. S. e do P. D. C.».

Geral

SAMORA MACHEL AOS MOÇAMBICANOS:

O EXÉRCITO NÃO TEM GALÕES PORQUE FOI O POVO QUEM FEZ A GUERRA

L. MARQUES, 5 (Por Eduardo Rebelo, especial para o «DL») Samora Machel prossegue as visitas de contacto com centros militares de Lourenço Marques, agora quartéis das Forças Populares de Libertação de Moçambique e de algumas companhias do exército regular do país. Ontem, foram visitadas a Base Aérea da capital, o quartel da Manutenção Militar, o segundo batalhão das F.P.L.M. e o Comando Geral do recém-formado corpo de polícia.

«Nós moçambicanos, temos uma tarefa gigantesca, uma tarefa gloriosa que é a de restaurar a ordem social, estabelecer a segurança para todos os cidadãos, a tranquilidade em todos os espíritos. Ninguém conseguirá desviar-nos desta convicção. Vamos criar uma sociedade nova de tranquilidade e segurança para todos», afirmou o presidente da R.P. de Moçambique num dos quartéis visitados.

Frisando que as vitórias alcançadas são do povo e a ele

se devem, — Samora Machel acrescentou ainda que «as grandes tarefas são aquelas que melhor nos permitam servir o povo. Por isso, acrescentou, nós queremos o vigésimo quinto andar ligado ao rés-do-chão, porque o vigésimo quinto andar só existe porque existe o rés-do-chão».

As forças militares moçambicanas estacionadas em Lourenço Marques e noutros pontos do país englobam alguns conselheiros militares portugueses, como no caso do cor-

po de polícia, bem como pequenos destacamentos treinados ao longo do período de transição para a independência por oficiais portugueses como no caso dos pára-quedistas que efectuaram os primeiros saltos pouco antes do fim de Junho.

«Não existem galões porque quem fez a guerra foi o povo», disse ainda Samora Machel na sua intervenção acrescentando que «temos de dar os galões ao povo e o maior galão é a independência nacional, o desenvolvimento económico e financeiro e a liquidação da miséria e da fome no nosso país».

CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE DIMINUIDOS FÍSICOS

Na sociedade que pretendemos construir não há lugar pa-

ra inválidos. Todo o ser humano, quaisquer que sejam as suas condições físicas, tem lugar na sociedade moçambicana. A Revolução não exclui ninguém. Todos temos uma tarefa a cumprir na Revolução moçambicana para garantia da sua continuidade».

Estes princípios definidos por Samora Machel encontram-se na origem das transformações em curso na ex-base militar portuguesa de Nangade, província de Cabo Delgado, a qual depois de construída para tentar deter o avanço das Forças de Libertação Moçambicanas serve agora de centro de recuperação de diminuídos físicos.

Em Nangade foram construídas 53 casas, num total de 151 quartos, que receberão diminuídos físicos de guerra e de nascença. Nestas acomodações estão já instaladas 283 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

O plano de recuperação dos inválidos engloba cursos de alfabetização, trabalhos manuais (oficinas de serralharia, carpintaria, etc.), arte e cultura moçambicana. A orientação deste centro de recuperação caberá a alguns diminuídos físicos que já ganharam experiência noutros centros e que agora, além de se ocuparem da recuperação geral dos internados, prepararão ainda outros inválidos para que possam orientar idênticas iniciativas a serem executadas por todo o país.

Pretende-se que o Centro de Recuperação de Nangade seja praticamente auto-suficiente, sobretudo no sector agrícola, pelo que a este será dada prioridade. Presentemente, está também a ser montada uma padaria, prevendo-se para breve a formação de uma cooperativa que se responsabilizará pelos produtos do trabalho realizado no centro.

APROVADOS OS NOVOS ESTATUTOS SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 29-27 — Tel. 574073

1. Os trabalhadores do Sindicato do Comércio do Distrito de Lisboa aprovaram no dia 2 os novos estatutos para o seu Sindicato. A comparação massiva nas duas grandes sessões da Assembleia extraordinária demonstrou a sua elevada consciência sindical, no momento em que o reforço dos Sindicatos é essencial para o cumprimento da grande tarefa histórica do povo português: a construção do socialismo.

Há quem não pense assim, e se esforce por afastar os trabalhadores deste objectivo central; os provocadores que na Voz do Operário tentaram impedir os trabalhadores de assinarem a lista de presenças e que nessa sala destruíram material no valor de vinte e quatro mil escudos devem ser denunciados como inimigos do movimento sindical, como reacçãoários declarados. Também na sessão realizada na Carris, esse grupo repetiu a actividade de boicote sistemático à assembleia, tentando de novo impedir os trabalhadores de discutir e resolver os seus problemas. Todavia, foram uma vez mais derrotados, e nenhuma força privou a assembleia da possibilidade de exprimir democraticamente a sua vontade. O projecto de estatutos A, já anteriormente aprovado na generalidade, converteu-se nos Estatutos do nosso Sindicato, os Estatutos da unidade dos trabalhadores.

2. Mais uma vez, houve trabalhadores que foram manipulados por esse grupo de provocadores, que na sua actividade de calúnia ao Sindicato, espalham as maiores mentiras. Assim, dizem que o Sindicato é contra os vendedores, que lhes quer tirar as comissões, etc. Desta forma, esforçam-se por arranjar uma «maioria» inexistente, formando uma «santa aliança» cujo único princípio é minar o Sindicato, destruindo-o por dentro.

O exemplo dos trabalhadores da J. B. Fernandes é apenas um dos muitos a demonstrar que uma grande parte dos vendedores não se deixa arrastar por esses demagogos. Os vendedores dessa empresa, reduziram nalguns casos os seus salários de trinta para dezasseis contos, de modo a permitir a elevação dos salários mais baixos, e estiveram na frente da Assembleia, empenhados em não permitir as arruaças ocorridas na Voz do Operário. Estes trabalhadores têm dado um belo exemplo de como não há oposição de interesses entre os vendedores e os demais trabalhadores do comércio; apenas o patronato e os seus seguidores estão interessados em criar a divisão, para melhor explorar.

3. Os acontecimentos recentes a nível nacional (fuga dos «pides», anomalias nos sectores de comunicação e transportes, Congresso da Indústria promovido pela C. I. P.) enquadra-se numa grande ofensiva destinada a travar a libertação do povo português, com o abandono das conquistas já alcançadas. Nessa ofensiva, o «assalto» verificado em alguns sindicatos sobretudo de serviços, desempenha um papel importante; derrotada a tentativa de consagrar o chamado pluralismo sindical na lei, assiste-se agora nesses sindicatos a um aproveitamento descarado da discussão dos estatutos por forças reacçãoárias visando dividir os trabalhadores. O chamado «direito de tendência» mais não é senão a introdução de partidismo dentro dos sindicatos.

Onde estiveram até agora estes arruaçeiros, hoje tão interessados no movimento sindical? Porque só agora aparecem?

Nos duros anos do fascismo, no período difícil da luta pela defesa dos trabalhadores, este Sindicato nunca contou com tais personalidades. Desde o 25 de Abril até agora, ninguém os viu no trabalho sindical. Onde estavam no 28 de Setembro e no 11 de Março? É de perguntar: que pretendem, a quem servem?

4. A luta dos trabalhadores é árdua e difícil, mas conduzirá inevitavelmente à construção de uma sociedade liberta da exploração do homem pelo homem. Nessa luta, os trabalhadores enfrentam inimigos numerosos, que se escondem sob as mais variadas capas «democráticas». Têm como objectivo claro dividir os trabalhadores, desmobilizá-los e afastá-los das suas tarefas prioritárias.

O combate a esses oportunistas faz parte da própria luta diária contra a exploração; porém, há que saber distinguir entre os provocadores e arruaçeiros daqueles outros que enganados pela demagogia, tomam posições menos correctas. Aos primeiros, há que dar um combate sem tréguas; aos segundos, há que esclarecê-los, mostrando-lhes o logro de que são vítimas e apontando-lhes o caminho da unidade.

Neste momento em que as forças estranhas nos tentam dividir, nós, trabalhadores do comércio temos a grande responsabilidade de não permitir que falsos problemas se sobreponham à nossa luta diária. Reforcemos o movimento sindical, desmascarando os oportunistas e defendendo o nosso Sindicato das manobras da reacção!

Só assim.

UNIDOS, ORGANIZADOS E VIGILANTES, VENCEREMOS!

Lisboa, 4/7/75

A COMISSÃO DIRECTIVA

VASCO GONÇALVES À PARTIDA

DESCOLONIZAR É ESTABELECEER RELAÇÕES FRATERNAS EXEMPLARES

«Descolonizar não é voltar as costas aos países colonizados e deixar que eles sejam independentes. Descolonização, é mais do que isso. É o estabelecimento de relações fraternais e exemplares entre os nossos Povos, de modo a que no futuro possamos concluir acordos e outros instrumentos de cooperação de interesse mútuo, sem ingerência nos assuntos internos uns dos outros e sem quaisquer conceitos neocolonialistas. Estou pois muito contente por ir a Cabo Verde assistir à sua independência, e também porque vou ver os meus amigos cabo-verdianos e os meus amigos do P.A.I.G.C.», disse Vasco Gonçalves esta manhã à sua partida para Cabo Verde, onde vai assistir às cerimónias da independência, que decorrem na cidade da Praia.

O general Vasco Gonçalves chefiava uma delegação portuguesa que é composta pelos seguintes elementos: ministro Almeida Santos, general Carlos Fábão, 1.º tenente Rosário Dias, capitão Graça Cunha e

1.º tenente Judas, em representação do Conselho da Revolução; ministro sem pasta, drs. Magalhães Mota, Pereira de Moura e Alvaro Cunhal, este último em representação do P.C.P.; dr. Lopes Cardoso, em representação do P.S.; dr. José Manuel Vilas Boas, director-geral adjunto dos Negócios Políticos em representação do ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Fernando Reino, pela Secretaria de Estado da Cooperação

Externa; e major Sousa Lobo, adjunto do gabinete do Primeiro-Ministro.

«CUMPRIR O NOSSO DEVER HISTÓRICO»

Referindo-se depois à presença no aeroporto do dr. Vasco Cabral, ministro das Finanças do Governo da Guiné, Vasco Gonçalves lembrou em seguida que este fora seu companheiro de escola e que tinha tanto de português como de guineu. E a propósito sublinhou:

CABO VERDE

Continuação da pág. 1

a de notável para um organismo tão complexo. Numa análise breve, caracterizada por um incontestável realismo, o alto-comissário afirmou que a tarefa dos futuros governantes não vai ser fácil, principalmente se a seca se prolongar. Depois, para terminar o exame dos elementos que permitem encerrar o futuro com confiança, afirmou: «Por certo, a maior potencialidade destas ilhas reside no seu povo, nas suas qualidades de preservação, forjadas na luta contra uma terra hostil, na sua vivacidade intelectual, na sua capacidade de adaptação, na sua bondade e calor humano e no seu optimismo que ressaltam bem claros logo aos primeiros contactos.»

Entretanto, multidão agora imensa, aglomerada na Praça Velha, aguardava a mensagem de Aristides Pereira anunciada

para as 0 horas. Esta mensagem antecedida pelo hino do P. A. I. G. C., foi recebida com um respeito quase religioso. Numa voz serena e calma mas francamente comovida, Aristides Pereira lembrou Amílcar Cabral e os companheiros que tombaram ao longo dos anos na luta pela libertação da Guiné e de Cabo Verde. Depois de se referir também às muitas vítimas do colonialismo que ficaram sem nome da História por terem morrido desconhecidos nas roças dos coloniais, o dirigente do P. A. I. G. C. exortou o povo de Cabo Verde a trabalhar para o futuro: «Façamos das nossas queridas ilhas, pelo nosso trabalho e pela comunhão dos nossos esforços, uma terra em que será bom viver porque ela será da paz, da prosperidade e da justiça para todos os seus filhos.»

Nos próprios, depois do 25 de Abril, em parte, ainda tivemos de caminhar nesse sentido, porque não tínhamos outra solução e não se podia operar uma transição brusca em todo esse esquema».

A terminar, Vasco Gonçalves disse ainda:

«Cabo Verde terá dias difíceis. No entanto, tudo isso é o preço da independência e da libertação de um regime colonial. As pessoas não podem atingir o nível de progresso e bem-estar, partindo de situações como aconteceu em Cabo Verde e até em Portugal, sem passar por um duro período de sacrifício».



CABO VERDE ANO UM

MANUEL FERREIRA A CABO VERDE: CHEGOU O MOMENTO DE UMA LITERATURA INTEGRADA NA VIA REVOLUCIONÁRIA



CABO NOVO, CABO VERDE, CABO VIDA,

Catavam água na terra e alimento no ar, tinham uma política clandestina e sigilosa, uma língua sua e sua resistência polida e secreta como o osso duma flauta, foram ao outro lado do mar abrir o caminho de sangue para a liberdade, voltaram contra si próprios o inimigo cheio de ferro e de tortura e derrotaram-no e hoje mesmo, violentos de honra e de força, são o povo mais belo do planeta e cravaram nos doze torrões de pedra oceânica uma bandeira que dança.

Hoje cantam. O inimigo ouve bem, do bojo do avejão político que sobrevoa a água sumptuosa, doce e cintilante desta vitória, o inimigo que rumina estratégias de dois mundos, deitando os seus ovos de fogo, a sua luz negra, a sua urina. Mas há também o mundo terceiro, o do povo, que é o que vê a Terra da terra, da mina e da usina, da raiz, e a esventura para comer o ódio antiquíssimo à escravatura e à opressão. Aqui estamos.

Passou aqui nestes canais de mar e sede a rebentada barca americana, carregada de dinheiro sujo e de canhões, intriguistas e piratas. Retrocedeu, onde é Angola?, mas não desiste nunca. Vinha do Vietname, trazia pendurado no mastro o espão de Watergate, uma pinga de sangue no monóculo. Aqui no Sal onde desembarcaram facas e esquemas e traidores, aqui no Tarrafal que mata, aqui no peito de

Amílcar Cabral, aqui na Praia dos cadáveres, aqui em Lisboa que se enerva na batalha, não queremos mais visitas.

Não queremos nem as barcas novas, bases novas, que navegam pacíficas ainda na música roubada. Estas antenas de rádio são floretes de ponta e gravata? Estes cachos de carne e peixe escondem pistolas e fábricas de servidão? Aristides disse: «consentir seria o nosso suicídio». E bases militares há de muita espécie e cor, de mar e de guerra, em crioulo ou em estrangeiro, de bolso como um cheque, ou feitas de ar como o isolamento, ou sentadas em cadeiras como políticos, bases e bases e bases, e há as que são tímulus e as de papel que sufoca.

Povo de povos, língua de línguas de exílio e viagens, resistência de meio milénio, revolta deste aço das lutas de deportados, de presos e de escravos, violência que começou nas caravelas e venceu os aviões, as epidemias e os computadores da morte imperialista, história tão História e tão essencial sob as lâminas da sede e das polícias, nenhum novo dono terá Cabo Verde, que para Cabo Verde o suicídio é a servidão. A revolução é hoje. Viva a Guiné-Cabo Verde independente, viva o Cabo Novo deste amor que explode de vitória e de futuro.

ALEXANDRE OLIVEIRA

CHU EN-LAI SAUDA INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

HONG-KONG, 5 (R.) — O primeiro-ministro da China, Chu En-Lai, saúda a independência de Cabo Verde, que é proclamada hoje — noticia a agência Nova China.

Numa mensagem endereçada aos novos governantes do arquipélago, o P.A.I.G.C., Chu exprime a esperança de que a amizade entre os povos da China e da antiga colónia portuguesa se intensifique dia a dia.

DELEGAÇÃO DA GUINÉ RECEPCÃO EM PEQUIM

HONG KONG, 5 (R.) — O

comissário de Estado para os Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau, Vítor Saudi Maria, assistiu a noite passada a uma recepção oferecida em sua honra em Pequim, pelo ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Chiao Kuan-Hua, segundo anunciou hoje a agência noticiosa Nova China.

O ministro chinês declarou, durante a recepção, que o progresso da luta armada do Povo da Guiné-Bissau e de outras colónias portuguesas tinha acelerado a queda do regime fascista em Portugal — acrescentou a Nova China.

Saudi Maria chefia uma delegação do Governo da Guiné-Bissau que efectua uma visita amigável à China.

Entre umas bicas e cigarros a conversa durou, no entanto, pouco mais de uma hora. Tema: a cultura cabo-verdiana, sua história e perspectivas face à independência. O repórter dispunha de pouco tempo. Manuel Ferreira ainda menos. O autor de *Hora di Bai* teve porém palavras significativas. Estas, por exemplo, para os escritores de Cabo Verde: «agora que todos são livres terá chegado o momento da construção de uma literatura integrada perfeitamente na via revolucionária».

No Reino de Caliban é o título de uma notável antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa, cujo primeiro dos três volumes é dedicado a Cabo Verde e à Guiné-Bissau. Manuel Ferreira, que organizou e seleccionou os poemas de 45 autores, aí presentes define, no respectivo prefácio, essa poesia como a expressão da *cabo-verdianidade*.

E explica: «no arquipélago germina uma cultura que é o resultado de uma longa, lenta e profunda interpenetração de valores afro-europeus. É uma cultura específica. Não podemos com rigor, inscrever, do ponto de vista cultural, Cabo Verde na área africana, como, também não podemos inscrevê-la na área europeia».

Defende por outro lado a inegabilidade de que «o fenómeno étnico e sociocultural das ilhas cabo-verdianas se constituiu num capítulo novo da etnossociologia».

Dá a questão até que ponto

a união de Cabo Verde com a Guiné poderá ser afectada por essa singularidade? Sem hesitação Manuel Ferreira sublinha erguer Cabo Verde das ruínas a que o colonialismo o manteve tudo um processo inteligente de prática revolucionária de mais de uma dúzia de anos levado a cabo pelo P. A. I. G. C. É o partido que nesta hora gloriosa da sua independência poderá erguer Cabo Verde das ruínas a que o colonialismo o manteve durante 400 anos. E, pois, uma união política, económica, geográfica, etc., onde a identidade cultural se exclui, portanto, no fundamental.

Fala-nos da moderna literatura cabo-verdiana, «nascida com a *Claridade* a partir de 1935 e continuada depois pela *Certeza*, pelo *Suplemento Cultural*, pelo suplemento *Selo* (1962), etc... e fortalecida pelos romancistas ou contistas ou poetas como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, António Lopo, Osvaldo Osório, Rolando Virgínio, Luís Romano, Gabriel Mariano e mais recentemente Orlanda Amaral».

Cita outros nomes como Ovídio Martins, Onésimo Silveira, Osvaldo Osório, Rolando Vera Cruz, Arménio Vieira da Silva, Arnaldo França, Yolanda Morazzo, Aguiñaldo da Fonseca, Mário Fonseca, Tacalhe, Sukrato, Dante Mariano, Armando Lima Jr., o próprio Daniel Filipe na primeira parte da sua obra, e outros mais.

«Todos eles — sublinha Manuel Ferreira — cada um à sua



maneira, ajudaram a construir uma literatura de que Cabo Verde moderno e renovado se deve orgulhar

Eles fizeram o que puderam, e bastante foi. Os de hoje que, libertos, vão trilhar os caminhos da criação, em plena liberdade, não se poderão esquecer de que o cabo-verdiano, como todo o intelectual africano das ex-colónias portuguesas, travava uma luta mais dura do que a do próprio escritor português. O escritor português tinha um inimigo feroz: o fascismo. Mas o escritor cabo-verdiano (e os das outras áreas africanas) tinha dois inimigos: o fascismo e o colonia-

lismo. E era, apertado entre estes dois inimigos, que ele havia de mover-se. E nós sabemos quanto isso não era nada fácil. Por outro lado, e remontando às décadas sobretudo de 30 e 40, o momento histórico que se vivia, no mundo inteiro, a perspectiva do colonialismo não era exactamente a que emerge a partir dos anos 50. Além disso, podemos aceitar que nem todos os escritores cabo-verdianos estivessem ideologicamente perfeitamente identificados».

Lembrando aos jovens escritores cabo-verdianos que «não poderão facilmente esquecer tudo quanto até aqui já foi levado a cabo pelos que partiram do nada», Manuel Ferreira salienta o progressismo dos mais antigos «todos eles se debruçaram exemplarmente sobre o real cabo-verdiano, dentro dos limites que apontei, e dele fizeram, também exemplarmente o seu ponto de honra, sem concessões para o poder, sem concessões para o colonialismo».

Lamentando não poder assistir às comemorações da independência, Manuel Ferreira tenciona entretanto voltar em breve à terra onde esteve «seis maravilhosos anos», onde conheceu a companheira, onde conviveu com Amílcar Cabral, onde afinal viveu a literatura. «Quero conhecer de perto a nova realidade. Aqui, longe é difícil apreendermos o conhecimento exacto das ocorrências, factos, transformações que são o fulcro actual do povo cabo-verdiano.»

E. A.

O ÚLTIMO DIA DUMA COLÓNIA

São seis da manhã em todos os relógios mas é meia-noite em todos os corações, porque todo o cabo-verdiano acordou a pensar na meia-noite e vai passar o dia a pensar na meia-noite. Hoje, à meia-noite, Cabo Verde corta o cordão umbilical que o manteve agarrado a Portugal. Hoje, à meia-noite, este arquipélago transforma-se num Estado livre e independente.

Começo esta crónica sentado numa varanda para ouvir o acordar de uma cidade que se vai transformar, hoje à meia-noite, na capital de um país novo. Passam, na rua, mulheres transportando à cabeça cestos enormes de mangas, de papaias, de madioca e de cocos, vão a caminho do mercado e parecem dançar ao longo da rua. Oiço-as e sinto-me comovido porque isto de assistir ao parto de um país é, para mim uma experiência nova. Nova e terrível, porque apesar de todos os esforços que faço para me manter frio e objectivo, sinto-me possuído do entusiasmo que invadiu a cidade. O Luís Romano toca-me no ombro e oferece-me a primeira bebida do dia — uma deliciosa mistura a que ele atribui, entre outras, a propriedade de não deixar cair o cabelo de quem a bebe. Olho-o de frente e vejo que o entusiasmo que me conquistou também já se apossou dele.

Não consigo estar em casa — tenho de ir para a rua, quero saber como é que um Povo se porta num dia como o de hoje. Continuo esta crónica sentado à mesa de um café situado mesmo em frente da sede do P.A.I.G.C. São dez horas da manhã e as ruas estão cheias de gente que ri, que brinca, que conversa. Um jornalista estrangeiro pergunta-me se, para lá das aparências, não haverá distinção de cor, olho para ele com espanto: cor? Que é isso? O Silvano da Luz acena-me do lado de lá da rua. Um bêbado tenta, em vão, explicar aos presentes que é impossível saber quanta água é que há no mar, porque os rios e os regatos estão sempre a «deitar água nele». Um velho pede-me esmola, um velho que não tem pão nem trabalho.

Metade da gente da Praia está à janela enfeitando as fachadas das casas para a grande festa. Passam grupos de estudantes que distribuem folhetos.

Há dois bêbados agora, na esplanada, o da água do mar e um que canta o hino nacional. O tempo passa num instante. São onze horas e a praça está cheia. De cada dez pessoas, nove envergam camisas com o retrato de Amílcar Cabral estampado. O Luís Romano, rodeado de ouvintes atentos, explica que Cabo Verde foi descoberto pelos fenícios. Com mais duas bebidas para evitar a queda do cabelo, ainda acaba a explicar como é que mais voltará a haver um dia como este. A cidade está toda ambandeirada. Alguém me toca no ombro, é o mesmo bêbado que esta manhã me impingiu o discurso sobre o mar, e que anda, agora, empenhado em explicar como é difícil saber quantos grãos de areia há numa praia. Falo com este e com aquele. Não sei o que aconteceu, mas já é noite.

Queerei eu feito ao tempo? Sento-me na esplanada e tento em vão, procurar o tempo perdido mas não é possível ser-se Proust, nem mesmo a brincar, no meio de uma festa e a cidade está em festa. As ruas estão em festa, as casas estão em festa, os cabo-verdianos descobriam Portugal. Um amigo que nunca vi e que provavelmente nunca mais voltarei a ver, aconselha-me a dormir depois do almoço, porque este dia vai ter 48 horas. O meu caso é um caso de amor à primeira vista: cheguei, vi e amei.

Dizem-me na sede do Rádio Clube, agora transformada em centro de informações, que o Vasco Gonçalves vem assistir à cerimónia da independência. A notícia espalha-se e é recebida com uma imensa satisfação. Arranco com dificuldade o meu amigo Luís Romano aos seus ouvintes e arrasto-o até casa para almoçarmos. Volto a esta crónica com dificuldade. São três horas da tarde e a cachupa ainda me anda às voltas no estômago. Sei, porém, que não me vai perseguir toda a tarde. Apesar de aparentemente pesada, a cachupa digere-se rapidamente. Anda um mar de gente na rua. É festa. É festa. Um dia não são dias e nunca

festa, as pessoas estão em festa. Dou comigo em festa. Sinto que não sou de fora, que esta festa também é minha, que faço parte de tudo o que está a acontecer. O que nós, portugueses, podíamos ter feito nesta terra, por esta gente! Ao pensar que tudo isto podia ter sido feito por nossa iniciativa, que podíamos ter provocado tudo isto sem que tivessem morrido uma só pessoa, invade-me uma tristeza imensa. O que vale é que ninguém pode estar triste num dia como o de hoje. O que vale é que, apesar de tudo, conseguimos acordar a tempo de celebrar a independência de Cabo Verde lado a lado com os cabo-verdianos. O que vale é que fazemos parte da festa. São nove horas da noite. Sente-se uma excitação imensa em toda a gente. Daqui a três horas, Cabo Verde é independente. Daqui a três horas, sou estrangeiro. Mas... alguma vez serei estrangeiro nesta terra? Um dia ninguém será estrangeiro em parte nenhuma. Por mim, começo hoje, aqui nesta terra em que não há raças nem cores nem preconceitos nem ódios. Resolvi celebrar a minha independência de tudo isso hoje à meia-noite. Não podia estar em melhor companhia. E pronto, acabo aqui a minha crónica do último dia de uma colónia. Daqui a meia dúzia de horas começo outra, a crónica do primeiro dia de um país novo.

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

SINDICATO DOS METALÚRGICOS

DO DISTRITO DE LISBOA

Av. D. Carlos I, 42, 2.º — Telef. 60 70 51/5

COMUNICADO

O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES AOS SÓCIOS PASSA A FUNCIONAR AOS SÁBADOS POR INICIATIVA DOS RESPECTIVOS FUNCIONÁRIOS

Informam-se todos os sócios deste Sindicato, que o serviço de Apoio a Sócios (INFORMAÇÕES) está a funcionar ao sábado, a partir do passado dia 28 de Junho, com o seguinte horário:

9.30 horas — 13.00 horas
14.30 horas — 19.00 horas

Esta iniciativa dos funcionários deste serviço, tem o seu fundamento na necessidade de conciliar o funcionamento dos serviços com a disponibilidade dos associados, de modo a reforçar os contactos dos trabalhadores com o Sindicato e a sua participação na vida sindical.

Noutro plano, a importância desta iniciativa reside na possibilidade de suprir um dos obstáculos que se opõem a uma das tarefas fundamentais da classe trabalhadora, na construção de um Portugal Democrático a caminho do Socialismo — **A BATALHA DA PRODUÇÃO** —, pois todos reconhecemos a dispersão e o dispêndio, tantas vezes injustificado, de tempo e energias a que obrigava o encerramento do Sindicato, precisamente durante um dia que grande parte dos trabalhadores poderia aproveitar para os seus contactos com o Sindicato.

Pela medida do possível e de acordo com as disponibilidades, pensa o Sindicato alargar esta iniciativa a outros serviços, esperando para isso a indispensável colaboração e as sugestões dos trabalhadores metalúrgicos.

Lisboa, 3 de Julho de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REPARTIÇÃO TÉCNICA

CONSTRUÇÃO DO C. M. 1132-1 DE PENALVA A COVAS DE PENALVA

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 22 de Abril do corrente ano, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Base de licitação 613 930\$00
Depósito provisório 15 349\$00

Alvará de empreiteiro — 1.ª subcategoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 21.30 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos, estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 30 de Junho de 1975

O Presidente da Comissão Administrativa
Dr. Hélder da Silva Fráguas

SINDICATO DOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Texto do telegrama enviado em 4-7-1975, ao Conselho Superior da Revolução.

«Indignados fuga Pides circunstâncias obscuras altamente suspeitas Sindicato Administrativos Marinha Mercante Aeronavegação e Pesca exige punição exemplar todos elementos envolvidos ponto igualmente exige reforço medidas vigilância e aplicação rigorosa medidas restritivas liberdade acção Pides presos ponto Exige ainda julgamento imediato Tribunal Revolucionário todos membros organizações fascistas

O SINDICATO»

Estrangeiro

PROIBÍDOS NA UNIÃO INDIANA 26 PARTIDOS E ASSOCIAÇÕES

NOVA DELHI, 5 — (A.N.I.)

O Governo do primeiro-ministro indiano, sr.ª Indira Gandhi, ilegalizou 26 partidos políticos e associações aliadas, em mais uma tentativa para esmagar actividades antigovernamentais desde que proclamou o estado nacional de emergência há oito dias — anunciou-se em Nova Delhi.

A ilegalização, que foi a de maior alcance desde a independência da Índia, há 28 anos, proibiu praticamente todos os partidos e organizações das extremas direita e esquerda, mas não os principais partidos da oposição.

As organizações banidas foram acusadas de estarem envolvidas em actividades prejudiciais à segurança interna, segurança pública e manutenção da ordem pública.

A medida foi encarada como um prelúdio de nova onda de detenções maciças de dirigentes e membros dos citados organismos.

Anunciou-se também que qualquer pessoa que auxilie de qualquer maneira as actividades das organizações ilegalizadas estará sujeita a «procedimento legal».

Desde a proclamação do estado de emergência em 26 do mês passado, foram já presas cerca de 5600 pessoas, incluindo importantes dirigentes da oposição, como sejam Jayaprakash Narayan, o ex-vice-primeiro-ministro Morarji Desai e Atal Behari Vajpayee.

Os principais partidos e associações agora ilegalizados foram a Associação Nacional Voluntária Hindu, da extrema-direita, a Organização Religiosa-Cultural Ananda Marg, o Partido Comunista Hindu Marxista-Leninista, ou Naxalita e o Partido Hindu Jamat-e-Islami.

A sr.ª Indira Gandhi, segundo notícia divulgada pela agência P. T. I., declarou a um grupo de advogados que «a democracia é muito importante, mas não tão importante como a sobrevivência da nação».

Acréscitou que o período de emergência era apenas uma fase temporária, não tendo indicado no entanto quando o tencionava suspender.

O primeiro-ministro — prossegue a P. T. I. — atacou ainda determinados países por censurarem na Índia «o que classificam de restrições à democracia». Não citou nomes, sabendo-se no entanto que se referia aos Estados Unidos.

Declarou que a Índia não é um Estado policial nem de partido único, não obstante a perseguição movida contra a oposição.

Prometeu por outro lado abrandar a severa censura sobre a Imprensa que, no entanto, terá de ser mantida «para impedir uma situação desastrosa que pode conduzir à desintegração do país».

O primeiro-ministro não indicou quando ou como se propõe liberalizar a censura que foi imposta à Imprensa local e já

resultou na expulsão de um correspondente estrangeiro desde a proclamação do estado de emergência.

A agência cita no entanto afirmações da sr.ª Gandhi em como esta indica que gostaria que os organismos profissionais apresentassem sugestões nesse sentido.

Soubese entretanto que, a poucas horas do comunicado da sr.ª Gandhi, a Polícia efectuou rusgas em sedes e escritórios das organizações, não tendo sido divulgados o número ou identidade de pessoas detidas.

Associações de Imprensa regulamentadas no Peru

LIMA, 5 — (A.N.I.) — A transferência dos diários peruanos de circulação nacional, que em Julho do ano passado foram expropriados pelo Governo revolucionário, far-se-á através de associações civis devidamente constituídas, de acordo com o regulamento tor-

nado público agora, na capital peruana.

O objectivo destas associações — explica o regulamento — é a edição, impressão e difusão dos diários de distribuição nacional, seus suplementos e publicações adicionais.

O jornal diário organizar-se-á e funcionará como órgão de serviço social autofinanciado, cujo excedente económico será utilizado no pagamento das obrigações existentes, no melhoramento do órgão de Imprensa e no benefício da respectiva comunidade laboral.

A associação terá uma junta geral e um conselho directivo (30 e 11 membros, respectivamente).

Ao director do diário compete assegurar que este seja um autêntico meio informativo, educativo e cultural. Apenas podem ser nomeados para este cargo peruanos de nascimento e residentes no país.

Além disso, serão criadas em todos os jornais comissões especializadas formadas por trabalhadores da empresa, cuja finalidade será de acessoras do director, do gerente geral e dos chefes ou responsáveis pelas principais unidades operativas do diário.

Em cada associação, será também criada uma comunidade laboral, como pessoa jurídica de direito privado, para representar os trabalhadores do diário e com a finalidade de participar na gestão e nos lucros.

Finalmente, o regulamento estabelece normas específicas para as associações dos diversos diários.

Em «El Comercio» estarão representadas as organizações agrárias e camponesas do país. «La Prensa» será entregue ao sector industrial, incluindo a actividade mineira, as pescas e as telecomunicações.

Nos jornais «Expresso» e «Extra» estarão representadas as comunidades de professores, pais, alunos adultos e todos os outros trabalhadores do sector educacional.

«Correo» será o jornal das organizações profissionais de nível nacional e inscritas nos registos públicos do país.

O diário «Ojo» abrangerá os sectores de folclore, artesanato artístico, literatura, arte e restantes ramos e organizações culturais.

«Última Hora» será entregue às organizações de serviços, agrupadas em seis sectores: construção civil, transportes, bancos, seguros, comércio e restaurantes.

SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS DE LISBOA

A TODAS AS FORÇAS PROGRESSISTAS E REVOLUCIONÁRIAS

Aos Trabalhadores Químicos

À POPULAÇÃO EM GERAL

CAMARADAS,

Tem-se assistido nos últimos dias a um reforço, a todos os níveis, da direita, mesmo quando encapotada de esquerda.

A falta de medidas concretas de desenvolvimento económico que permitam resolver o problema do desemprego, a não concretização da reforma agrária, o agravamento dos conflitos sociais, muito têm contribuído para um clima de intranquilidade e insegurança, originando uma onda de boatos, de que se aproveitam os reacconários.

CAMARADAS,

São necessárias medidas muito firmes, para acabar com esta situação! O Governo de Coligação tem mostrado não estar à altura dos acontecimentos. Nele existem forças que entravam o processo revolucionário, não permitindo o seu avanço.

O momento é grave. Os ataques constantes ao M.F.A., ao Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, e ao Conselho da Revolução, traduzem o aproveitamento que se pretende fazer das dificuldades do momento.

SÓ UNIDOS EM TORNO DOS OBJECTIVOS ESSENCIAIS DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO, FAREMOS FRENTE AO AVANÇO DAS FORÇAS REACCONÁRIAS, CORTANDO-LHES O PASSO.

CAMARADAS,

Os trabalhadores já afirmaram que querem o Socialismo, conscientes, sabemos os sacrificios que nos esperam. Mas temos que exigir garantias de que esses sacrificios não serão em vão.

APELAMOS PARA A CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA

Que todos os trabalhadores se mantenham unidos e vigilantes nas fábricas e outros locais de trabalho e em contacto com os seus Sindicatos.

CONTRA A REACÇÃO: UNIDADE NA ACÇÃO

UNIDADE DO M.F.A.

UNIDADE DOS TRABALHADORES

PARA FIRMES MEDIDAS ECONÓMICAS: GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

EM FRENTE PELO SOCIALISMO

VIVA A CLASSE OPERÁRIA

Lisboa, 5 de Julho de 1975

A DIRECÇÃO

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Estrangeiro

Levantada a censura
acerca do país basco

MADRID, 5 (R.) — O Governo espanhol terminou ontem com a censura às notícias publicadas nos órgãos de Comunicação Social do país, acerca das violações da ordem pública e acções da Polícia nas províncias bascas de Biscaia e Guipuzcoa.

O ministro da Informação, Leon Herrera Esteban, declarou que a decisão do levantamento da censura entra em vigor na próxima segunda-feira.

O Governo decretou um estado de emergência por três meses nas duas províncias em 25 de Abril deste ano, para tentar pôr termo à violência visando especialmente a Polícia, pela organização nacionalista basca E.T.A.

Poucos dias depois, o Governo proibiu os jornais espanhóis e outros meios de comunicação, de relatarem a luta entre a Polícia e a E.T.A. nas duas províncias.

No entanto, círculos ligados aos bascos afirmaram terem-se registado centenas de prisões

e que a Polícia e a guarda civil tinham torturado e maltratado dezenas dos detidos.

A decisão do levantamento das restrições às notícias foi tomada numa reunião do Conselho de Ministros, após repetidos protestos das associações de jornalistas nas duas províncias bascas e pela Associação Nacional de Imprensa.

CONFIRMADA
A VISITA
DO GENERAL
WALTERS

Por outro lado, o ministro da Informação revelou que o director interno da C.I.A. (Agência Central de Informações) dos Estados Unidos, general Vernon Walters, visitará a Espanha, no mês passado, mas afirmou que a viagem não tivera «qualquer significado político».

Herrera Esteban disse a noite passada que o general Walters travara conversações com o antigo chefe do Estado-Maior espanhol, general Manuel Díez Alegria, e outras «personalidades».

A visita do general Walters, há três semanas, precedeu no-

vas conversações entre os Estados Unidos e a Espanha sobre a renovação do acordo garantindo as forças norte-americanas a utilização de bases espanholas em troca de auxílio militar e económico.

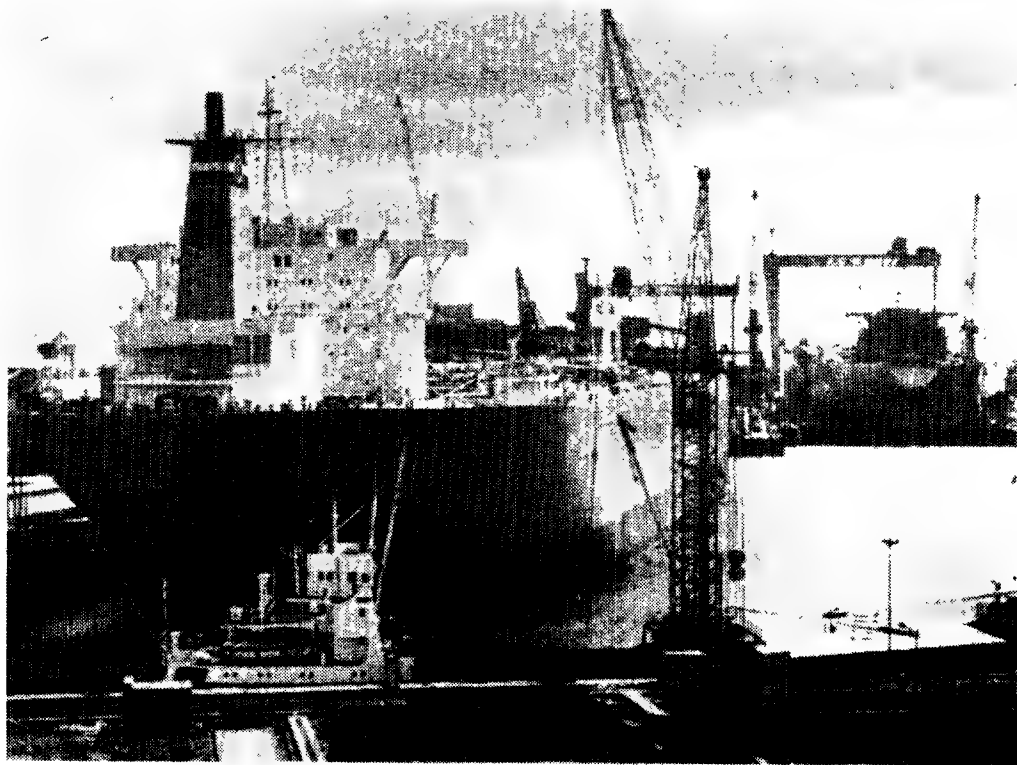
CONVITE
A TRÊS PAÍSES

A Espanha confirmou também notícias de que havia convidado Marrocos, a Mauritânia e a Argélia para tomarem parte numa conferência com os seus representantes, onde seria abordado o futuro do disputado Sará Espanhol.

O ministro da Informação, disse que a Espanha tinha sugerido o início da conferência para o próximo dia 9 em Madrid.

No entanto, círculos bem informados disseram que os três países do Norte de África ainda não responderam ao convite.

O Sará Espanhol é reivindicado tanto por Marrocos como pela Mauritânia, enquanto a Argélia apoia a Frente Polisário, uma frente de libertação baseada em Argel.



Apesar da crise que afecta mundialmente os petroleiros, prossegue o acabamento de dois superpetroleiros de 380 000 toneladas, no porto alemão ocidental de Bremen. Os navios, encomendados pelo armador grego Stavros Niarchos, são o «Vasiliki Colocotronis» (à esquerda) e um outro que não foi ainda lançado à água (à direita). Um terceiro petroleiro encontra-se também em construção. Contudo, Niarchos já cancelou o contrato e ninguém sabe o que fazer com estes navios gigantes. (Telefoto UPI-Telimprensa)

GREVE GERAL NA ARGENTINA
DE CONFRONTO COM A SR.^a PERON

BUENOS AIRES, 5 (R.) — Dirigentes sindicais da Argentina ordenaram uma greve geral de 48 horas de protesto contra a política de salários do Governo e essa decisão, na opinião de fontes oficiais, poderia conduzir a uma declaração de estado de emergência.

Antes de uma reunião dos dirigentes sindicais ontem à noite, o Governo estava a estudar medidas de emergência para obrigar os grevistas a regressarem ao trabalho — revelaram as mesmas fontes.

Disseram que o estado de excepção — uma forma mais severa do estado de sítio já imposto no país — poderia ter como resultado um envolvimento directo dos militares na crise.

A Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.), até agora a espinha dorsal do movimento peronista, marcou a greve a partir da meia-noite local de domingo (4 horas de Lisboa), a seguir a uma decisão do Governo de reduzir aumentos de salários já anunciados, atingindo mais de 150 por cento.

Como na quarta-feira é feriado nacional na Argentina, é provável que o país fique paralisado a partir do meio-dia de

hoje, quando os estabelecimentos encerrarem para o fim-de-semana, até quinta-feira, de manhã. A C.G.T. informou, porém, no seu aviso da greve que serviços essenciais deveriam continuar a funcionar.

A C.G.T. que conta com 3,5 milhões de associados, chegou à decisão da greve após dias de debates, pressionada por membros militantes que efectuaram greves selvagens na maioria dos centros industriais da Argentina, esta semana, e tentaram, por várias vezes, marchar sobre a capital.

As greves não oficiais, provocadas pela decisão de reduzir aumentos de salários para uma média de cerca de 50 por cento, têm custado ao país o equivalente a 1.440.000 contos, por dia, segundo peritos económicos.

Estatísticas oficiais, divulgadas ontem, mostraram que o custo de vida na Argentina subiu em 21,3 por cento, em Junho, e observadores disseram que era provável que esse número não incluísse o volume dos aumentos de preços provocados pela desvalorização do peso em 50 por cento, em 4 de Junho, por decisão do mi-

nistro da Economia, Celestino Rodrigo.

A greve oficial da C.G.T. é a primeira grande confrontação entre o trabalho organizado e um presidente peronista. Afirmou-se que a greve contra a política de Celestino Rodrigo, declarada na sexta-feira passada, fora em apoio da presidente Maria Estela Peron, embora chamasse a atenção para «erros» no pensamento do Governo.

O comunicado de ontem, à noite, da C.G.T. foi considerado por observadores como um ataque contra o principal conselheiro da presidente, o ministro da Assistência Social, Lopez Rega, e Celestino Rodrigo,

embora não os nomeasse.

A C.G.T. declarou: «Ignorância evidente e falta de grandeza nos homens a quem as circunstâncias colocaram nos lugares de decisão estão a prejudicar as possibilidades de se chegar a uma solução».

Fontes bem informadas disseram que diversos dirigentes sindicais e alguns elementos das Forças Armadas disseram à presidente que a demissão de Lopez Rega e de funcionários governamentais, com ele associados, era essencial para restaurar a estabilidade. Afirmou-se que Maria Estela Peron se recusara a demitir qualquer dos seus conselheiros de confiança.

Pinochet barra a entrada
a uma comissão da O.N.U.

SANTIAGO DO CHILE, 5 (ANI) — O general Augusto Pinochet anunciou ontem que a comissão dos direitos humanos das Nações Unidas não será autorizada a entrar no Chile.

A comunicação foi feita apenas seis dias antes da chegada da comissão que investigaria durante duas semanas as acusações de violação dos direitos humanos pelo Governo militar. Anteriormente o Governo chileno tinha prometido colaborar com a comissão.

Na comunicação, que fez em Vallenar, pequena cidade a 480 quilómetros a norte de Santiago, Pinochet afirmou:

Cem árabes presos
em Jerusalém

JERUSALÉM, 5 (A.N.I. e R.) — Encontram-se ainda presos cerca de 100 dos 300 árabes detidos pela Polícia devido à explosão ocorrida ontem em Jerusalém e em consequência da qual morreram 14 pessoas e ficaram feridas 75.

Segundo informou a Polícia, continuam hospitalizadas 23 pessoas, sete das quais em estado grave.

Entretanto, no Egipto, o jornal «Akhhbar Al-Yom» anunciou

que as autoridades egípcias descobriram uma organização secreta comunista, a qual conspirou para derrubar o regime.

Segundo o jornal, 15 alegados dirigentes da organização foram presos há dois dias no Cairo e em Gharbeya, no delta do rio Nilo.

Acrescenta que membros do grupo tentaram levar a cabo actividades subversivas ao incitarem trabalhadores,

CIMEIRA AFRICANA
SOBRE A RODÉSIA

DAR ES-SALAAM, 5 (R.) — Dirigentes do Conselho Nacional Africano (CNA) da Rodésia e quatro chefes de Estado africanos iniciam hoje em Dar Es-Salaam uma cimeira de dois dias para formularem uma nova estratégia para acabar com o Governo minoritário branco na Rodésia.

Os chefes negros rodésianos e os seus mais estreitos aliados — os presidentes Samora Machel de Moçambique, Kenneth Kaunda da Zâmbia, Julius Nyerere da Tanzânia e «sir» Seretse Khama do Botswana — procurarão formas de acabar com o impasse nas nego-

ciações com o Governo do primeiro-ministro Ian Smith.

Notícias da Zâmbia dizem que um dos tópicos principais da conferência seria a data e o local de uma possível reunião constitucional para resolver a disputa da independência e estabelecer um Governo negro.

Os quatro dirigentes, apoiados unanimemente pela Organização de Unidade Africana (O.U.A.), de 42 países recusam-se a defender a independência do território antes do estabelecimento de um Governo africano, mas concordam que é possível um período de transição.

EXIGIDA A LIBERTAÇÃO
DE EDOUARD BAILBY

BUENOS AIRES, 5 (F.P.) — O cônsul-geral da França conferenciou na sexta-feira à tarde durante hora e meia com Edouard Bailby, do semanário francês «L'Express», que continua detido pela Polícia argentina.

Segundo o cônsul, o jornalista «foi bem tratado» pela Polícia. Não foi metido numa cela e passou a noite num gabinete da segurança federal, onde ainda se encontrava na sexta-feira à noite.

A sua detenção parece ter sido motivada, segundo uma boa fonte, pelo teor da reportagem que enviou na quinta-feira ao fim da tarde

ao seu semanário.

Entretanto, o embaixador francês na Argentina, Jean Claude Winckler, interveio junto do ministro do Interior, Alberto Rocamora, a quem reclamou a libertação imediata do jornalista do semanário francês. Winckler fez sentir que esta detenção «provocara grande emoção em França».

Um senador radical, Solari Irigoyen, pediu ao Governo argentino que dê uma explicação pública das razões da prisão do jornalista e perguntou se esta medida «não ameaça a liberdade de informação consignada na lei constitucional».

edições
Avante!
apresentam

MARX e ENGELS
MANIFESTO
DO
PARTIDO COMUNISTA

Edição integral. Prefácio dos autores e notas de F. Engels. Tradução portuguesa da edição original alemã de 1890 (prefaciada e anotada por F. Engels) e cotejada com a versão inglesa de Samuel Moore com a colaboração, revisão, prefácio e notas de F. Engels. Nota sobre a primeira tradução portuguesa (parcial) de 1872. Fac-símiles.

orientação, revisão e notas de PROF. VASCO MAGALHÃES-VILHENA

à venda nas Livrarias e nos Centros de Trabalho do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GRANDE APRESENTAÇÃO NAS SEGUINTES FEIRAS:
LIVRO DE LISBOA - POPULAR DE LISBOA - POPULAR DO PORTO

HOJE, AS 18 HOPAS

O Prof. Vasco Magalhães-Vilhena, responsável por esta edição, falará sobre a «Actualidade do Manifesto» no Pavilhão da Associação dos Editores e Livreiros na Feira do Livro de Lisboa

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Teatro romeno em Lisboa

«O Oitavo dia da Semana», de Radu Dumitru. Encenação: Magda Bordeianu.

Cenários e Figurinos: Sica Rusesco. Música: R. Oschanitzky. Intérpretes: Gilda Marinescu, Emil Hossu, Ion Siminie, Mihai Pruteanu, George Negoesco, George Păunescu, Sanda Băncilă, Angela Chiuraru, Ioana Manolescu, Ion Popa, Mircea Scroie, Ion Porsilă, Vasile Lucian, Ion Igorov, Napoleon Cretu, Adrian Mazarache, Grigore Constantin, Paul Nadolski, Valeriu Arnăutu, George Sirbu.

«E Eu Também Na Arcádia», de Horia Lovinescu. Encenação: Dan Nasta. Cenário e Figurinos: Dan Nemteanu. Intérpretes: Alexandre Repan, Dorin Varga, Lucia Muresan, Gilda Marinescu, Anda Caropol, Rodica Sanda Tutulianu, Ioana Manolescu.

Patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Embaixada da República Socialista da Roménia, no âmbito do Acordo Cultural Luso-Romeno.

Fundação Calouste Gulbenkian — 26 e 28/6/75.

O Teatro C. I. Nottara, personalidade eminente do teatro da Roménia, foi fundado em 1961 e começou por ser dirigido por George Vraca, considerado actor romeno. O Teatro Nottara apresentou de início sobretudo obras clássicas de dramaturgos romenos e estrangeiros, e também autores contemporâneos. Entre outros, textos de Shakespeare, Molière, Beaumarchais, e dos romenos Vasile Amecsandri, e Camil Petruscu. Com o desaparecimento, em 1964, de George Vraca, o novo director, o escritor Horia Lovinescu, imprimiu uma nova orientação à actividade da companhia, principalmente no que se referia ao repertório. Nomes como os de Ionesco e Albee surgiram no cartaz do Teatro Nottara, que começou também a lançar jovens dramaturgos romenos (o teatro dispõe de uma pequena sala de 200 lugares adequada para espectáculos experimentais. Foram então incluídas no seu repertório obras de dramaturgos como Jean Anouilh, Pirandello, O'Neil, Ghelderode, e de autores romenos como Paul Everac, Petru Rares, Lovinescu, etc. Posteriormente, o Teatro Nottara retomou a representação de autores clássicos, sendo de considerar o facto de a versão do «Hamlet» ter sido o maior êxito da última temporada teatral de Bucareste. Os principais actores da companhia situam-se nas primeiras filas do teatro do seu país, sendo ainda de evocar o facto de o Teatro Nottara ter feito várias deslocações ao estrangeiro.

Nesta deslocação a Portugal que se seguiu a uma passagem por Paris, a companhia romena apresentou três dos espectáculos do seu repertório: «O Oitavo Dia da Semana», «E Eu Também Na Arcádia», e «O Meu Hamlet». Neste comentário referir-me-ei apenas aos espectáculos de autores romenos, deixando a recriação da célebre obra de Shakespeare para um comentário posterior.

Podemos dizer que no que se refere a estes espectáculos o Teatro Nottara se apresenta com um nível razoável, com encenações cuidadas, e actores bem rodados. Em relação a estes é de observar uma grande capacidade de jogo corporal, reflexo óbvio de um bem orientado trabalho de exercícios físicos, e ainda uma certa modernidade na maneira de apresentar que, por exemplo, nada tem a ver com os processos académicos da falecida companhia do Teatro Nacional.

Interpretações revelando uma grande capacidade de expressão interior não utilizando nem esgares, nem grandes gestos, nem grandes gritos para exprimir os sentimentos que definem as personagens. Falamos destas coisas triviais, apenas para acentuar o abismo que separa o teatro português do teatro romeno, neste capítulo que é apenas o da técnica de representar.

A estreia da companhia efectuou-se com a peça de Radu Dupitru, dramaturgo com menos de 40 anos «O Oitavo Dia da Semana», peça que começou por ser representada por grupos de estudantes, apenas em 1974 sendo integrada no repertório do Teatro Nottara. «O Oitavo Dia da Semana» é uma parábola que em termos aparentemente absurdos e irrealistas coloca o espectador perante uma meditação sobre os perigos que a civilização corre. Não há propriamente uma história mas imagens de um quotidiano que se debruça perigosamente sobre o abismo da suicídio atómico. A figura central da peça é uma vendedora de balões. Três grupos de balões constituem o principal elemento do cenário. Coloridos, diáfanos, apenas cheios de ar, aparentemente inúteis, os balões são a imagem do que há de frágil num mundo brutal. De vez em quando um desses balões rebenta.

O rebentar do balão é seguido pela frase de uma das personagens que desfilam pelo palco: «Não tem importância, foi apenas uma criança que rebentou um balão.» É este o «leit-motiv» da peça, sublinhando a indiferença e a inconsciência das pessoas que de verdadeiramente se passa à sua volta.

A primeira parte da peça consiste exactamente num des-

file dessas personagens que se agitam freneticamente, manipuladas por fios invisíveis como se fossem títeres. A encenação (de acordo com o tom do texto) utiliza elementos burlescos que sublinham o carácter caricatural das personagens, e conferem a esta primeira parte um clima para-surrealista («Os oceanos estão fechados. Os cavalos beberam a água toda.») Seria necessário conhecer a literatura e a arte romenas para melhor entender o significado desse aspecto do espectáculo.

Desde o espeleólogo que anda num triciclo pintado de cinzento, acompanhado por dois ajudantes, evocando a segurança da sua caverna, até ao noivo que espera eternamente a noiva de 20 anos, passando pelo capitalista seguro dos seus poderes mas preocupado pelo que se passa no mundo, pelo mendigo que faz filosofia, pela actriz que faz olhinhos para o fotógrafo e fala de teatro analítico e de Shakespeare, pelo grande industrial que dá a mesma entrevista ao meu jornalista a multidão que enche o palco pretende ser uma amostragem de um mundo sem sentido e sem esperança, caminhando inconscientemente para o fim, que inconscientemente provoca.

A esta primeira parte imagem do mundo na visão do autor segue-se uma segunda em que a vendedora de balões surge como actriz que conta histórias absurdas e um grupo de actores. Até que o «mundo» é invadido (com o capitalista à frente) e a deflagração acontece. É a explosão atómica que vai eliminar a humanidade. Os balões que uma criança, brincando, rebentava, transformaram-se na hecatombe final (os actores exprimem, corporalmente, numa bela imagem, o cogumelo atómico).

Na terceira e última parte, a mesma actriz, única sobrevivente da humanidade, recorda o homem (ser incomparável), ergue um hino à liberdade («tirem os cadeados das dobradiças, as dobradiças das portas, abram as portas»), canta nostalgicamente a beleza da natureza, do céu, do amor. Um jovem casal passa e ela dá-lhe uma flor (afinal a humanidade não morreu e a humanidade pode salvar-se, embora o autor não nos diga como). A mulher diz: «Homem presta atenção: só tu és dono desta terra».

E desce à plateia, repetindo «O homem é incomparável», e oferecendo flores ao público.

Este espectáculo é duplamente surpreendente: pelo que procura transmitir e pela forma

como transmite. Embora forçando as coisas, na medida em que toda a encenação é preconcebida, diríamos que o espectáculo quase se realiza como um «happening» de tal maneira parecem livres as formas que vai assumindo. Poderíamos discutir o que há de incorrecto num texto que pretende transmitir uma moral não tendo em conta todos os dados da problemática proposta e minimizando os aspectos políticos que distinguem a sociedade humana, mas parece-nos mais importante sublinhar o que há no espectáculo de surpreendente sob o ponto de vista de conjugação dos vários elementos que constituem a encenação (figurinos, luz, marcação, música, ritmo), sem esquecer o bom trabalho dos intérpretes, e em especial da protagonista, Gilda Marinescu, que nos pareceu ser uma grande actriz.

Sobre a peça de Horia Lovinescu pouco temos para dizer. Seria presunçoso da nossa parte condenar por uma audição incompleta e imperfeita, um texto que nos pareceu pretensioso, complicado e realmente inútil, como o próprio espectáculo. Na esteira de Ibsen, se não estamos enganados, o autor tentou radiografar o autêntico eu de um homem, normalmente oculto pelas convenções, pelos preconceitos, pela hipocrisia, pelo «teatro» do quotidiano social. Descobrimos o diário de uma mulher desconhecida, o herói da peça descobre o amor, que era na sua vida apenas um ingimento, descobre a inutilidade da sua ciência, descobre-o ao mesmo tempo que descobre a morte (porque tem um cancro). Amor e Morte são os dois rostos da mesma realidade, com uma diferença fundamental: enquanto para ele o amor é qualquer coisa que já não pode atingir apesar de o encontrar através do contacto com uma prostituta a morte é a sua própria realidade, faz parte da sua própria carne e do seu próprio espírito. Assim a sua consciência das coisas e dos seres se transforma, e implica uma transformação daqueles que com ele lidam e em especial do seu amigo, o jornalista — que narra a história. Essa narração é feita em termos que lembram o cinema, com «flash-back» e personagens que suspendem a acção quando o narrador se dirige ao público.

Espectáculo pouco convincente para um público estrangeiro (distinguímos uma cena em que em termos satíricos o autor critica os resquícios pequeno-burgueses de certos socialistas), porque se alonga demasiadamente, e surge palavroso e mais afectado do que significativo.

Um cenário composto bem achado que é ao mesmo tempo um interior e um exterior (os «mapes» do conforto burguês, embora de gosto moderno, e as montanhas da solidão), e uma interpretação que procura defender o texto através de registos muito simples e realistas, não bastam para salvar um espectáculo que nos pareceu sem interesse.

O actor Jacinto Ramos leu as traduções das peças que ouvimos simultaneamente nos auscultadores. Embora o processo precise de ser aperfeiçoado, parece-nos resolver parte dos problemas relacionados com espectáculos estrangeiros.



O grupo Comuna-Teatro de Pesquisa apresenta hoje às 17 horas e às 21 e 30, um espectáculo de teatro infantil. «Bão». A peça será repetida amanhã, também às 17 horas, estando marcado para a noite um concerto de jazz. As entradas são livres.

AQUI "BOING-BOING"

Depois de muitos livros publicados sobre o «25 de Abril», apareceu agora no mercado uma nova edição sobre a revolução que há 14 meses libertou o povo deste País: «Aqui, Emissora da Liberdade», da autoria de Matos Maia, realizador radiofónico.

Desfolhei a obra, repositório de factos que toda a gente já conhece e deparei na página 150 com uma referência aos ruídos de «boing-boing», curiosa expressão «técnica» utilizada por Matos Maia para classificar as interferências de que foi alvo a emissão do Rádio Clube na manhã de 25 de Abril de 1974. E acerca da confusão que resultou desse facto, Maia acrescenta:

«Houve colegas da Informação que chegaram a dizer que os oficiais lhes haviam pedido conselhos e informações?»

Nada mais ilógico, claro! Estando numa emissora de rádio, sabendo da total e esforçada colaboração de todos, desde as 3 e 12, havendo naquele grupo de oito oficiais, pelo menos, um categorizado engenheiro electrotécnico, seria por

de mais incongruente o conselho e o parecer técnico de um jornalista...

A verdade é que, quando começou a interferência, o Neves de Sousa, sabendo que eu trabalhava na Emissora Nacional havia tempo suficiente para não confundir uma frequência de rádio com um «boing-boing», me indicou aos militares. Estava cá fora a ver se passava mais algum polícia, quando me chamaram. Alvitrei que a interferência poderia ter origem em Castanheira do Ribatejo. E poderia.

Não quero com este esclarecimento diminuir o valor da pena revolucionária de Matos Maia, cujo labor na defesa do Rádio Clube e responsabilidade na mobilização popular são conhecidos no passeio em frente e merecedores da minha gratidão. Apenas penso não ser justo escrever (gratuitamente) que os outros não fizeram aquilo que fizeram. E aguardando dentro de um ano o livro de Matos Maia sobre o «11 de Março» despoço-me, atento e venerador, com um respeitoso «boing-boing».

ALEXANDRE PAIS

"O fascismo ordinário"

Na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Belém, exhibe-se diariamente o filme de Mikhail Romm «O Fascismo Ordinário». Filme de montagem realizado em 1965, «O Fascismo Ordinário» mostra como Hitler subiu ao poder, as forças

económicas em que se apoiou, a gigantesca máquina montada para exterminar milhões de seres humanos. O filme de Romm mostra o prolongamento do fascismo e as suas implicações nos tempos actuais.

Arte infantil em Belém

Hoje, sábado, às 21 e 30, apresenta-se na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Belém, o grupo infantil da Escola Primária de Sobral de Monte

Agraço. Dirigido pela professora Maria Eduarda Pereira, este grupo de crianças representa, recita e interpreta canções populares.

Encontro de Cinema

Promovido pelo Cineclube do Porto, realiza-se hoje e amanhã de tarde e à noite, na sede daquela colectividade cineclubista, um encontro de críticos cineastas, cineclubis-

tas e de todas as pessoas interessadas na actividade cinematográfica, para discussão dos problemas inerentes ao cinema em Portugal.

C. C. T. dos Empregados Forenses

A TODOS OS TRABALHADORES

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato Colectivo de Trabalho para uma Assembleia com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

— Informação e discussão sobre o C. C. T.

A reunião realiza-se na próxima Segunda-Feira, dia 7 de Julho, às 21 horas na Rua do Alecrim, 46-1.º

COMPARECE!
UNIDADE — ORGANIZAÇÃO — VITÓRIA!

Lisboa, 1-7-75.

OS SINDICATOS SIGNATÁRIOS DO C. C. T.

BRASIL
VIAGENS ESPECIAIS
TODOS OS MESES
(INCLUSIVE TOURS)
abreu
fundada em 1940
LISBOA Av. da Liberdade, 101 - Tel. 211.11.11
PORTO Av. da Boavista, 407 - Tel. 211.11.11
COIMBRA Rua da Santa Cruz, 270 - Tel. 270.11.11
FARO Rua da Liberdade, 250 - Tel. 250.11.11

Televisão



DA PARANÓIA ELECTRÓNICA À FÁBULA DO RINOCERONTE?

Os burgueses das «democracias» ocidentais divertem-se. A sua maneira, está claro: com um aparato de luzes, com um luxo de cenário, com um excesso de exotismos e também com uma total ausência de participação popular.

Aqui, talvez não. A multidão lá estava, em volta do recinto e não só: também à volta dos televisores a cor, claro, a toda a cor! para rir com a alegria, as manifestações dos burgueses. E para bater palmas, para apoiar os «seus» representantes. Sim, porque cada país levava a sua claque que gritava, agitava as bandeirinhas (a tricolor, a riscadinha de sua majestade, etc.) de cada vez que o seu grupo obtinha mais uns pontos na brincadeira da paranoia electrónica. Com estas emissões, com estes jogos, a «democracia» ocidental nada mais pretende do que

drogar os milhões de telespectadores, levando-os a «participar» e assumir (a engolir...) uma «alegria» que não lhes diz respeito. Os senhores mandam vir os bobos seus convidados, os servos riem, alvarmente, com as gracinhas dos bobos.

Estes jogos (eles dizem que sem fronteiras) organizam-se entre seis países da Europa Ocidental. Os países brincam. Há um «robot», o roubo de uma barra de plutónio, um lago com crocodilos (de plástico, é claro) e assim por diante. As classes dominantes de países em crise, brincam. A cores. Toma lá, meu menino, toma lá para te entreteres, para não pensares na vida, o que lá vai, lá vai, o que é preciso é a gente divertir-se, nós não somos como os portugueses que andam por lá cheios de problemas com a mania de quererem transitar para o socialismo, os parvos, o que lhes falta é uma

boa televisaocinha a cores, está visto...

Não entendo o que temos nós com aquilo. Com aquelas aldrabices electrónicas que mais não fazem do que esconder as derrotas, as frustrações, a decadência da burguesia nos países ocidentais. Não que eu seja por uma Televisão chata, soturna, indigesta, como muitas vezes tem sido a nossa, mesmo depois do 25 de Abril. Precisamos, na Televisão Portuguesa, de programas de variedades que reflectam a alegria popular da nossa libertação, que saibam ser o eco da decisão das massas populares de conquistar o futuro, aí onde se encontra a autêntica fonte de alegria sem máscara e sem subterrâneos.

Com programas destes diverte-se à brava e com os habituais excessos, Fialho Gouveia. Bom proveito, homem, bom proveito. Cum raio, você

ainda não está farto de touradas electrónicas?

A seguir ao Telegjornal assistimos a um documentário incluído na rubrica «Expedição», que é a rubrica onde se colocam os documentários que não se sabe onde possam caber.

Ontem vimos os colossais esforços feitos para salvar o rinoceronte, para o transportar a regiões de vida mais fácil. Vimos todos, emocionados, essa luta: o rinoceronte tinha de ser salvo. Para tanto se conjuraram forças, se discutiram processos, se escolheu um caminho. Depois, método assente, foram todos ao mesmo, com decisão. O êxito coroou o seu trabalho, muito embora o rinoceronte nem sempre tenha colaborado, como lhe cumpria. Como raio fazer compreender ao rinoceronte que, terá ainda de passar uns maus bocados, mas que sem isso não se salvará?



Desenhos animados

Hoje

I PROGRAMA

15.45 «Os Waltons» Episódio filmado com Richard Thomas

16.35 Ensaio Um programa por João Martins.

As imagens sugerirão algumas ideias para o aproveitamento de tempos livres, a partir de registos evocativos do dia 6 de Outubro, com a limpeza dos monumentos. Outras sugestões para a ocupação destes períodos e que bem poderão constituir um benefício para toda a comunidade: a participação na batalha ecológica, a criatividade artística, visita a museus e monumentos, investigações arqueológicas, etc. A ilustrar o desenvolvimento desta temática uma série de entrevistas efectuadas no Ministério de Educação e Cultura, na INATEL na Associação das Escolas Comunitárias e na Direcção-Geral dos Desportos.

17.25 «Estranhos na Colina» 2.º Episódio Série filmada

17.50 Cinema de Animação Um programa de Vasco Granja.

«The Eye Hears the Ear Sees», é o título do documentário que preencherá a rubrica. Filme de autoria de Garcia Millar constitui um estudo sobre a obra de Norman McLaren. Este famoso cineasta revela alguns segredos da realização dos seus filmes, descrevendo como chegou ao cinema, após constante recusa às formas convencionais de animação e prosseguindo sempre na pesquisa de novas vias para essa expressão artística.

18.55 Cada dia uma esperança Um programa pelo dominicano Luis de França

19.10 Cartaz TV Os programas da próxima semana

19.25 Memória do nosso tempo

20.25 Telegjornal 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro

21.00 Programa comemorativo da independência de Cabo Verde

23.40 Telegjornal 3.ª edição

23.55 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e a série «Os Malucos do Circo»

20.25 Desenhos animados

21.00 «Educação Sentimental» Série filmada na obra de Gustav Flaubert. Realização de Marcel Cravenne. Interpretes: Eva Maria Meineke, Philippe Bouclet, Claude Brosset e Adolfo Lastretti

21.50 Programa do Movimento das Forças Armadas Dinamização cultural nos Açores. 2.ª parte do documentário

22.30 Telegjornal Em diferido a edição das 20.30 transmitida no I Programa

23.00 Fecho.

Aos Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores do Sector CONSTRUÇÃO CIVIL

Terça-feira, dia 8, às 21 horas, no Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco

Plenário dos Delegados Sindicais
(de todos os Sindicatos)
e Comissões de Trabalhadores do
sector Construção Civil

ORDÉM DE TRABALHOS

— Verticalização sindical do sector Construção Civil

NÃO FALTES!

TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL UNIDOS!

EM FRENTE PELO SINDICATO VERTICAL!

O GRUPO DE TRABALHO

(Sindicatos Construção Civil, Construtores Cíveis, Electricistas, Escritórios, Metalúrgicos, Técnicos de Desenho, Trabalhadores Comércio e Trabalhadores Rodoviários).

Teatro da Cornucópia

Pequenos Burgueses

de Gorki

R. Tenente Raul Cascais, 1-A (ao L. do Rato) Tel. 661515

De 3.ª a 6.ª às 21.15

Sábado às 16 e 21.15

Domingo só às 18.30

Os lugares não são marcados

Não acons. men. 13 anos

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL: TODOS OS DOMINGOS E 5 FEIRAS

JUL	6, 12, 17, 20, 24, 27 e 31
AGO	3, 7, 10, 14, 17, 21, 24, 28 e 31
SET	4, 7, 11, 14, 18, 21, 25 e 28
OCT	2, 5, 9, 12, 16, 19, 23, 26 e 30

Preços excepcionais desde*

3.750\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!"

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 14 • Tel. 3100 21

PORTO Av. 25 de Abril 202 • Tel. 429 21

COIMBRA Rua L. 1.ª 2.ª • Tel. 27011/2

FARO Rua G. B. Barreiros 29 • Tel. 6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e montagem grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Colégio «O Académico»

Matrículas

Ciclo Preparatório e Ensino Liceal

Av. da República, 13 - R. Alvaro Coutinho, 14

LISBOA

LARGO DO RATO

Rua da Escola

Rua Tenente Raul Cascais

Rua Pedro Freitas Branco

Rua

do Arco a S. Mamede

CLUSTRO

MAIUS

PO. TÉCNICA

DESTAQUES

I. PROGRAMA

Memória do nosso tempo (19.25)

II PROGRAMA

Programa do M.F.A. (21.50)

SIEMENS

ESTORIL Richard

Amanhã

I. PROGRAMA

12.00 Abertura e missa de domingo. 12.55: Mar Limiar «Oceanografia Biológica». 13.15 Hoje pode ver: 13.30 Telegjornal. 13.45: Uma Janela para o Mundo. 14.05 Desenhos animados. 14.30: Se bem me lembro. 14.55: Tarde de cinema «Sarihos na Televisão». 16.25: «Professor Baltazar» e «A Hora da Sesta» da série «Carmelo e Carmelo». 16.40 Silêncio... vamos rir! 17.00 Das artes e ofícios «Ouro ou filigranas». 17.25: A Evolução do Homem. 18.25: TV Rural. 18.55: «Os 4 de blindado e o seu cão». 19.25 Bobi Programa musical. 20.30 Telegjornal. 21.05 Teleforum. 23.00: Telefutebol. 23.15: Telegjornal. 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e expedição. 20.25: Desenhos animados. 20.55 As pedras e o homem Bairro Alto. 21.30: Foi êxito na TV «A vida de Puccini». 22.40: Telegjornal. 23.00 Fecho.



Desporto



Berlim: classes de ginástica da Suíça (com 500 praticantes no relvado) participam na «Gymnaestrada», em que actua (igualmente) uma delegação do Ginásio Clube Português

LIGUINHA: FIM (OU PRINCÍPIO) DA MACACADA

Será amanhã que (finalmente) termina o «suplício» para as turmas futebolísticas envolvidas no deus-dará da «liguinha» 1.ª/2.ª divisões ou ainda teremos bola e suor até lá para as Calendas?

Ninguém sabe. Em face dos espectáculos programados (Barreirense-Académico de Coimbra e Beira-Mar-Oriental) levanta-se um pequeno mundo de hipóteses, quanto à continuidade de dois destes grêmios clubistas nas andanças do escalão superior do pontapé no couro: o nosso prezado colega «A Bola» (sempre bem informado) transporta para a luz do dia as 15-hipóteses-15, que podem acontecer ao pôr-do-sol de amanhã. Nelas se vê que a maior vantagem prioritária pertence ao Académico (10 «chances» e possibilidade de ida a dois desempates), escalonando-se a demais concorrência por esta ordem: Oriental e Beira-Mar (cada um com cinco hipóteses e eventualidade de quatro desempates), terminando no Barreirense (quatro hipóteses e, talvez, ida a duas «negras»). Mas, há coisa bem melhor: se, por acaso, o Barreirense vencer o Académico por três ou mais golos de vantagem, e a dupla

Beira-Mar-Oriental empatar (em Aveiro) tudo volta à primeira forma, com os quatro clubes a zero, perfeitamente empatados em pontos e «scores», tal como à partida para esta invencionice federativa, consentida pelo omnipotente Congresso da Alegria. Então, haverá que efectuar nova «liguinha», a uma só «mão»: apenas o regulamento da Federação é omissivo em relação aos locais (neutros ou não?) que essas partidas teriam como cenário... Por aqui se vê como vai (não vai) o pobre futebol português. Um momento que acarreta torrentes de interrogações. Por exemplo:

Que obriga os profissionais do chuto a comparecerem amanhã, em defesa dos emblemas que trouxeram nas camisololas durante uma temporada, se a esmagadora maioria dos seus contratos já se concluiu no passado dia 30 de Junho e, portanto, esses trabalhadores vão actuar em situação ilegal?

Que seguro de vida protege a eventualidade, num futebolista já apalavrado com outra colectividade para a próxima época, ante um lamentável acidente nos jogos deste domingo?

Que sindicato é esse (dos futebolistas) que não tem força nem peso para fazer prevalecer uma linha de rumo que apregoeu em altas parangonas, pela voz das suas figuras mais gradas?

Que Federação é esta, incapaz de ordenar um calendário de provas que não tivesse de arrastar os praticantes até fora do limite da sua zona de tempo de trabalho oficial?

Que Direcção-Geral dos Desportos existe, neste país, que permite a escarvadão de (pelo menos) 68 homens (quatro equipas e outros tantos treinadores, já para não falarmos em massagistas, secretários-técnicos, guardas de campo e roupeiros) sem a mais leve palavra de censura para a anacrónica orgânica do futebol indígena?

Que remuneração extra recebem os actuaes na tarde de amanhã, perante um trabalho a que são solicitados fora do contrato elaborado a meses de antecedência? Será que dão um bónus para a «Campanha de Produção»?

Valha-nos Deus que bem pode. Se é que (ainda) pode alguma coisa, cá por casa.

NEVES DE SOUSA

Registo

PESCA DESPORTIVA: concurso organizado pelo Grupo Desportivo do Pessoal da Messa, a 20 do corrente, no litoral de Sintra. Disputam-se 80 troféus.

GINÁSTICA: João Morgado, Miguel Ferraz, Vítor Martins, Sérgio Maia, Ivone e Avelina Alvarez foram os atletas que mais se distinguiram no «Torneio Olímpico». Por seu lado, no «Torneio Encerramento», evidenciaram-se César Peixoto, José Mendes, Sérgio Maia, Pedro Almeida, Miguel Sampaio, Artur Pereira, Luísa Miranda, Isabel Costa, Ivone Avelina e Leonor Alvarez.

TIRO AO ARCO: António Jorge Buco, João Blanco, Miguel Faria, Luis Guimarães e Abílio Garcia foram os nomes em destaque na prova «Torneio da Juventude», organizada pelo Ginásio Clube Português.

CICLISMO: campeonato nacional de fundo (amadores seniores) a

correr-se hoje e amanha na area portuense. Concorrentes admitidos: Fernando Silva (campeão portuense), José Pinheiro, Manuel Cardoso, Manuel Marques, Camilo Gomes, António Ferreira, António Monteiro, Raul Carvalho, Carlos Pereira, Marco Chagas (campeão lisboeta), Alfredo Gouveia, Vítor Rocha, Francisco Martinho, Manuel Pereira, Alexandre Rua, Fernando Vasco, Herculanio Silva, Rui Diogo e Floriano Mendes.

Entretanto a Associação do Sul promove, a 13 deste mês, o terceiro «circuito arrudense» destinado a amadores populares. Também os ciclistas veteranos vão estar em acção a 15 de Agosto, na competição intitulada «ídolos do Passado».

RÁGUEBI: está constituída a nova direcção federativa, que inclui, Pedro Sousa Ribeiro, Rui Pinto Fernandes, Domingos Silva Caldas, Hernani Silva Pinheiro, Vítor Oliveira Dias, Joaquim Evónio Vasconcelos, José António Alvarez, Pedro Fragoso Mendes, José Miguel Nobre Ferreira, Roger Benett da Cunha Lopes, Pedro Lynce de Faria, Albino Cartaxo Alves e Pedro Moitinho da Almeida.. O Congresso Extraordinário da Federação reunirá a 17 de corrente, ao mesmo tempo que uma comissão integrada por José Miguel Ferreira, Roger da Cunha Lopes e Rui Lynce de Faria irá elaborar um projecto para alteração do estatuto e regulamento geral de provas.

NATAÇÃO: a delegação brarense da D.G.D. cativou para a generalidade da população, as piscinas de Barcelos, da Boa Reguladora (em Vila Nova de Famalicão) e a municipal de Braga.

ANDEBOL: mão pesada para Leiria. Castigos duros ao dirigente João Maria Sousa Ferreira (dois anos de suspensão, na Associação de Desportos), a Clemente Pereira

Duarte (30 dias de suspensão como orientador técnico do União Desportiva) e multa de 1500 escudos além de interdição de campo por um jogo à própria União Desportiva.

ESGRIMA: os campeonatos de sabre e espada (por equipas) têm lugar a 12 e 13 do corrente, na Academia Militar (Amadora).

ANDEBOL: o Benfica venceu o Belenenses (18-15) e qualificou-se para disputar a final da «Taça de Portugal» com o triunfador do cortejo de hoje (Sporting-F.C. Porto).

DIVULGAÇÃO: por solicitação da Comissão Cultural da Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense, classes de ginástica do Sporting actuam a manhã no Labradio, em propaganda da modalidade.

LISBOA GINÁSIO: esta noite (22 horas) reunião com os órgãos de Comunicação Social, na sede da colectividade (R. dos Anjos, 63, em Lisboa). Na próxima 5.ª-feira (20.30), assembleia geral extraordinária, para informação aos associados sobre a situação económica do clube e, ainda, apreciação e votação de propostas da Comissão Directiva para solução de alguns problemas latentes.

REFORÇO: o hóquista António Rodrigues, regressado de África, ingressa na turma do Banco Sotomayor.

ATLETISMO: José Orvalho e Mário Machado, maratonistas do C.D.U.L., disputam hoje, em Inglaterra, a «Milton Keynes Marathon». Outros camaradas de pistas (Joaquim Serra, no salto com vara, Carlos Cabral, nos 800 metros; Carlos Lopes em 5 quilómetros), participam, igualmente esta tarde, no «Grande Prémio Internacional de Barcelona».

VENTOINHA DE MESA

MINI-HOTTE

EXAUSTOR

VENTILADOR DE TECTO

TUDO EM VENTILACÃO

IMPORTADOR

ELMA, L.^{DA} Porto - Lisboa

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE SEGUROS DO DISTRITO DE LISBOA
Largo do Intendente Pina Manique, 35-1.º — LISBOA-1

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos e para os efeitos da Lei das Associações Sindicais, convoco os sócios deste Sindicato para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 7 de Julho com início às 21.00 horas, no Salão de Festas da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» Rua da Voz do Operário, em Lisboa com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Apreciação, discussão e aprovação do Relatório e Contas referente ao exercício de 1974.

Lisboa, 26 de Junho de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Gilberto Inocência Miranda Cardoso

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução
todas as marcas,
com garantia

MENDES

Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A

(Ao Campo Pequeno)

Representante

dos amortecedores «J.M.»

PASSAPORTES
abreu

Av. da Liberdade 160 LISBOA

JÁ ESTÁ À VENDA

sempre
fixe

COMO VAI O FUTEBOL

Artur Jorge dispensado pelo Benfica

Inesperadamente, o Benfica resolveu não revalidar contrato com Artur Jorge, oferecendo-lhe gratuitamente o documento de desvinculação. Não se sabe, ainda, se o presidente sindical (e ex-candidato à Constituinte, pelo M. D. P./C. D. E.) continuará a jogar futebol, dadas as continuas lesões que o têm impedido de prosseguir em pleno uma carreira que seria marcante. Ainda do Benfica: anuncia-se, igualmente, a dispensa de Adolfo (provavelmente para o Barreirense) e a renovação de compromisso com José Henrique, que recusou uma proposta de ida para a Bélgica.

ALVALADE

Duas saídas garantidas do «plantel» sportinguista: Alinho (certo no Atlético de Madrid) e Bastos (já a caminho do Saragoça). Duas renovações: com Jesus e Pinhal. Uma aquisição garantida (a do cufista Manuel Fernandes), que poderá juntar-se a outra provável (a do setubalense José Mendes). Ainda uma eventual troca: o regresso de Tomé a Setúbal com a vinda de Rebelo para os «leões».

ESTORIL

O Estoril já assegurou o concurso de Espírito Santo (Sporting) e Canário (Torriense) ao mesmo tempo que se prepara para revalidar os contratos com todos os jogadores que o representaram na temporada agora a findar. Entretanto, en-

trou em negociações com Forneri e Perez (Torriense), Norton de Matos (Benfica), Nogueira (Atlético) e Arnaldo (Cuf).

SINDICATO

O Sindicato dos Jogadores de Futebol reuniu ontem, no Porto. Como a presença dos jornalistas não foi autorizada, não sabemos o que por lá se terá passado. Provavelmente, com o pedido de amável publicação, deve estar a ser enviado à Imprensa um comunicado sobre esta reunião sindical, insolitamente efectuada à porta fechada, sob a direcção de Artur Jorge.

INTERTOTO

Belenenses perante o Spartak Trnava e Vitória de Setúbal ante o Banik Ostrava, marcam as presenças portuguesas, hoje, na Intertoto. Os dois jogos são na Checoslováquia, ao fim da tarde.

SALGUEIROS

Para reforçar o seu «team», o Salgueiros endereçou convite ao guarda-redes Rui, do F.C. do Porto.

PORTO

Não se pode considerar auspiciosa a deslocação da equipa do F.C. do Porto a terras brasileiras pois, além de ter colleccionado resultados meciocres, proporcionou péssimos espectáculos desportivos.

tivos e não deixou saudades ao empresário que (segundo declaração publica) perdeu um montante deveras elevado com esta «experiência». Ontem, na derradeira exibição, os portistas averbaram novo desaire. 0-2, perante os modestos representantes do Sportivo Alagoano, com a agravante dos portugueses terem três futebolistas expulsos do terreno (Rodolfo, Ronaldo e Gabriel), outro com «cartão amarelo» (Júlio), e incidente muito grave entre Fernando Peres e o técnico Monteiro da Costa, com o jogador a não alinhar por desacordo com quem mandava. Outro pormenor: o árbitro do encontro de ontem perturbou nitidamente a feitura de jogo dos «azuis-brancos», e anulou-lhes um golo absolutamente limpo.

Ainda a propósito de expulsões, e do clima disciplinar que se vive nos profissionais das Antas, já na cidade do Recife tinham sido expulsos dois elementos (Peres e Rolando), o que não abona em nada a directiva da caravana...

COMPETÊNCIA

Para preâmbulo, no chamado Torneio de Competência 2.º/3.ª Divisões, uma nota (mais) de incompetência: em relação ao bloco sul, face à série de protestos e queixas, remosques e dioxotes, ninguém sabe quem chegará um dia destes, a formar ao lado do União de Montemor, Amora e Portalegrense, pois a vida do Torres Novas como do Odivelas está dependente de muita papelada e imensa tinta à mistura com tremendo palavreado. Portanto, a jornada sulista tem apenas um espectáculo: o Portalegrense-Amora. No resto, vamos a ver como irão parar as coisas...

No Norte, já apurados (para o escalão número dois) Vilanovense e União de Lamas, os «shows» previstos (União de Coimbra-União de Lamas e Vilanovense-Naval) revestem-se de mero formalismo. Uma previsão: poucos espectadores arriscarão um dia de praia ou a sombra do campo. Querem apostar?

TROCAS

Para receber Romeu, o Benfica cede ao Vitória de Guimarães os futebolistas Pedroto e Rui Lopes, além de «uns tostões» largos.

FESTA

Esta tarde (17 horas) a turma de futebol representativa do

Rádio Clube Português («orientada» por Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção) actua no campo Francisco Lázaro, propriedade do Futebol Benfica, perante a formação dos empregados do Círculo de Leitores.

PROTESTO

O Grupo Desportivo da Fercol (Sciã), afastado da competição futebolística a nível distrital (por ordem decisiva da Associação de Futebol da Guarda), protesta em letra de forma. Em vasta documentação, remetida para análise à Imprensa, pode ver-se como a colectividade lamenta as arbitragens de juizes da Guarda que culminaram pela ausência (pura e simples) de qualquer árbitro aos jogos Gonçalves-Fercol e Fercol-Desportivo de Trancoso. Multado (com agravante) o Desportivo da Fercol está (agora) impedido de actuar oficialmente: o que lamenta (em termos veementes) na correspondência já remetida à Associação de Futebol da Guarda, Comissão Regional de Árbitros de Futebol da Guarda e Federação.

NO CHUTO À BOLA

Seleccção é prioritária

Reconhecendo que «o futebol profissional é uma das poucas modalidades verdadeiramente populares, senão a única» que dispõe «de um conjunto de praticantes de muito bom nível técnico», (realidades comprovadas «pelos responsáveis desportivos da Polónia, da U. R. S. S. e R. D. A.»), o secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar determinou várias disposições relativamente à participação da nossa equipa nacional no Mundial de 1978, cuja inscrição autorizou.

Com as determinações contidas no referido despacho, passou a acção da Federação Portuguesa de Futebol, neste particular, a pautar-se pela rigorosa observância de critérios superiormente estabelecidos, em ordem a definir directrizes que visam a salvaguarda dos interesses que se entendem envolvidos na actividade da selecção nacional e, particularmente, na presença na mais importante competição internacional da modalidade.

O despacho reflecte a preocupação da mais alta entidade da hierarquia desportiva em garantir que os futebolistas portugueses, cujo nível técnico «é bom e, até excelente», adquiram a «formação necessária para encarar numa perspectiva correcta o papel que desempenham, não só no desenvolvimento desportivo do País, mas até na própria consolidação do processo político em curso». Outra preocupação, implícita naquele documento, consiste no inequívoco propósito que traduz o facto de serem tomadas as devidas precauções para a salvaguarda do prestígio internacional de que o nosso futebol disfruta.

Essas precauções, porém, não limitam as atribuições da Federação, embora lhe imponham (naturalmente) maiores responsabilidades. O organismo federativo e os seus quadros técnicos continuam a exercer as funções que são da sua estrita competência. Simplesmente, foram lhes dadas directrizes no sentido, não só



ATIRA E NÃO ACERTA

Ilona Heidtmann (22 anos) começou em 1971, por mero acaso, a carreira de juiz de partida nas provas de atletismo disputadas no seu país (Alemanha). Mas, quando se tratou de concorrer a competições de tiro, faliu rotundamente: não acertava no alvo o que (convencionalmente) não abona muito uma jovem com o seu rosto.

Desporto

"TOUR" A PASSO

Os ciclistas portugueses, concorrentes à Volta a França, continuam a oscilar entre dois polos: ou abrigados no pelotão, quase anonimamente, como sucedeu ontem, ou arrastando-se na cauda da formação, em posições de destaque, como a prova da etapa geral indica.

A tirada de ontem que ligou Angoulême a Bordeaux, foi ganha ao «sprint» pelo português, mas toda a vitória ficou com o tempo do francês (3h 25m 54s), não se alterando (portanto) a classificação que, em relação aos sportinguistas, está como se indica. O primeiro (26.º, Agostinho 53.º, Fernando Ferreira (124.º) e José Amaro (125.º)). A equipa dos «leões» está em 13.º lugar (penúltimo posto da ordenação).

HISTÓRIA

Vencedores das várias edições da Volta a França, com indicação das respectivas nacionalidades:

M. Garin (F.)	1903
H. Cornet (F.)	1904
L. Trousselier (F.)	1905
R. Pottier (F.)	1906
Petit-Breton (F.)	1907
Petit-Breton (F.)	1908
F. Faber (L.)	1909
O. Lapize (F.)	1910
G. Garrigou (F.)	1911
O. Defraye (B.)	1912
Ph. Thys (B.)	1913
Ph. Thys (B.)	1914
F. Lambot (B.)	1919
Ph. Thys (B.)	1920
L. Scieur (B.)	1921
F. Lambot (B.)	1922
H. Pellissier (F.)	1923
O. Bottechia (I.)	1924
O. Bottechia (I.)	1925
L. Buysse (B.)	1926
N. Frantz (L.)	1927
N. Frantz (L.)	1928
M. Dewaele (B.)	1929
A. Leducq (F.)	1930
A. Magne (F.)	1931
A. Leducq (F.)	1932
G. Speicher (F.)	1933
A. Magne (F.)	1934
Rom. Maës (B.)	1935
Sylv. Maës (B.)	1936
R. Lapébie (F.)	1937
G. Bartali (I.)	1938
Sylv. Maës (B.)	1939
Jean Robert (F.)	1947
G. Bartali (I.)	1948
F. Coppi (I.)	1949
F. Coppi (I.)	1950
H. Koblet (S.)	1951
F. Coppi (I.)	1952
L. Bobet (F.)	1953
L. Bobet (F.)	1954
L. Bobet (F.)	1955
R. Wankowiak (F.)	1956
J. Anquetil (F.)	1957
Ch. Gaul (L.)	1958
F. Bahamontes (E.)	1959
G. Nencini (I.)	1960
J. Anquetil (F.)	1961
J. Anquetil (F.)	1962
J. Anquetil (F.)	1963
J. Anquetil (F.)	1964
Fel. Gimondi (F.)	1965
Luc. Aimar (F.)	1966
Rog. Pingeon (F.)	1967
J. Janssen (H.)	1968
Eddy Merckx (B.)	1969
Eddy Merckx (B.)	1970
Eddy Merckx (B.)	1971
Eddy Merckx (B.)	1972
Luis Ocaña (E.)	1973
Eddy Merckx (B.)	1974



Vitória de Setúbal (Mário Lino à esquerda, sorridente) a caminho da Checoslováquia

A triste mentalidade de "orientadores"

Infelizmente, parece ser verdade: nem todos quantos orientam grupos desportistas (ou pretendem exercer essa função) estão embuidos de um mínimo de educação e delicadeza, sentido de respeito e comportamento vertical. O curso de treinadores de futebol, que tem estado a decorrer nas instalações do INEF (na Cruz Quebrada) deixa por lá muito poucas saudades, como se notará em face de um extenso comunicado onde, nomeadamente, se pode ler o seguinte: «Os alunos do 3.º ano de Professores desta Escola exigem uma tomada de atitude em relação a factos no dia 26-6-75, em que os participantes do curso de treinadores de futebol em

relação a alunas deste instituto.

«Entre as expressões referidas pelos elementos participantes do curso em relação às colegas parece-nos da salientar (uma que nos abstermos de reproduzir), assim como suspiros, ais, beijinhos, manifestações nitidamente provocatórias e reveladoras da mentalidade reaccionária dos indivíduos em questão.

«É de salientar que chegaram ao extremo de se introduzirem, proposadamente, no balneário feminino, onde foram encontrados, após aviso prévio, a espreitar e urinar nos chuveiros.

«Tendo os alunos aceite a realização do curso nas instalações do Instituto, pensando

que não perturbariam o normal funcionamento das aulas, e chegando posteriormente à conclusão que tal cedência não é possível, quer pelo comportamento dos indivíduos em questão, quer por limitações das instalações, exigem que cesse imediatamente a utilização das instalações do I.N.E.F. pelo curso de treinadores de futebol.

Este comunicado vai ser apreciado, na próxima quarta-feira, em assembleia geral da Escola (professores, alunos e empregados), prevendo-se que seja efectuado um inquérito aos acontecimentos e, posteriormente, tomada uma posição pelas entidades orientadoras do Desporto do nosso País.



Geral

DIA INTERNACIONAL DA COOPERAÇÃO

Pela 53.ª vez, celebra-se hoje o Dia Internacional da Cooperação. As celebrações decorrem sob os auspícios da Aliança Cooperativa Internacional, organização que representa mais de 321 milhões de cooperadores associados em 658 mil cooperativas de 63 diferentes nacionalidades.

No artigo 1.º do seu regulamento, a Aliança Cooperativa Internacional considera-se continuadora do trabalho iniciado pelos Pioneiros de Rochdale de 1884, proclamando aceitar os seus princípios com vista à completa independência dos trabalhadores que, pelo seu próprio esforço, pretendem substituir o regime lucrativista pelo sistema cooperativo organizado em função dos interesses de toda a comunidade. A A. C. I. comemora este ano o seu 80.º aniversário. Ao fazê-lo, divulgou uma declaração na qual sublinha a importância dos temas a seguir apontados, no que respeita particularmente ao movimento internacional da cooperação, na hora actual:

«A PAZ — A Paz é ain-

da o maior problema do nosso tempo: a aliança sugere que envidéis todos os esforços no sentido de exercer uma influência crescente sobre os dirigentes do vosso país, por forma a que seja concedido um apoio mais enérgico às iniciativas das Nações Unidas em favor da resolução, por via pacífica de diferentes ou divergências.

O ANO INTERNACIONAL DA MULHER — Acolhemos calorosamente a decisão das Nações Unidas ao designar 1975 como Ano Internacional da Mulher. Solicitamos às nossas organizações membros um trabalho profundo para uma completa integração da mulher nas actividades e aspirações do movimento cooperativo em bases igualitárias.

A JUVENTUDE — Na sua sessão deste ano, em Estocolmo, o Comité Central irá debruçar-se sobre o papel dos jovens no Movimento Cooperativo. Todo o movimento social ou económico, e naturalmente o nosso próprio movimento, deve empenhar-se, de for-

ma resoluta, no fortalecimento da sua ideologia, da sua vitalidade, suscitando para isso a participação activa da juventude, a todos os níveis.

A SITUAÇÃO MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO

A sempre grave situação alimentar no mundo e a aplicação das recomendações surgidas da Conferência Mundial da Alimentação terá necessidade de um apoio sólido por parte das organizações cooperativas de todo o mundo. As cooperativas têm uma contribuição vital a prestar neste domínio, particularmente na produção, comercialização e distribuição dos géneros alimentares.

A propósito das celebrações do Dia Internacional da Cooperação em Portugal, a Centrocoope tornou público um texto no qual anuncia para este ano, no nosso País, a realização de diversas reuniões de base em cooperativas de consumo, produção agrícola e industrial, habitação, pescas, etc., assim como um plenário a efectuar no Porto.

Post scriptum

Continuação da pág. 3

uma renda de casa que se pode considerar simbólica. Provavelmente em caso algum excederá 100\$00 por mês. Quando a reforma chega estes homens vêem-se então forçados a alugar uma residência, pagando a respectiva renda da magra reforma que obtêm. No caso por exemplo, de um fareleiro chefe, grau mais elevado da hierarquia, e contada por inteiro, essa reforma será quase idêntica ao ordenado, sendo este de 5000\$00.

Como poderão pagar rendas tão elevadas como as actuais?

Terão que ir viver com os filhos? E aqueles que os não têm? No caso de morte do fareleiro que fará a viúva? E se existirem ainda filhos menores?

Que fica para a alimentação, vestuário e demais necessidades?

Perguntas que requerem respostas adequadas. É necessário que os próprios fareleiros se unam, discutam e procurem em conjunto encontrar as fórmulas que melhor venham a resolver os seus problemas. Apesar de se encontrarem muitas vezes a dezenas ou centenas de quilómetros uns dos outros, isso não pode significar alheamento e desinteresse por tudo aquilo que directamente lhes diz respeito. Ao Ministério ao qual estão subordinados façam um apelo para que olhe com mais interesse e carinho por estes homens que gastam a sua vida em constantes vigílias nocturnas guardando uma luz.

Vivam os fareleiros, mas unidos.

João Próspero de Sousa Santos, Farol de V.R. de Santo António

BRASIL

Continuação da pág. 3

cionais, procurando prospectar o petróleo fora do país onde as despesas eram menores. Esta política arrastou a estagnação da prospecção no próprio Brasil; finalmente, porque

o grosso do «deficit» da balança comercial corresponde à importação de produtos provenientes dos países industrializados e destinados às multinacionais implantadas no país.

(Le Monde)

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264948
HIPOPOTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

PROGRAMAS RADIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira

12,30 às 13,00
18,15 às 19,00
23,00 às 23,15
06,15 às 07,00
Aos Domingos

RADIO CLUBE PORTUGUES

3.ªs e 5.ªs feiras:

21,00 às 21,25

10,00 às 12,00



HOJO

HOJO

HOJO

EMISSORA 1.º Programa

18.00 Noticiário. Temas Juvenis, Coordenação de Maria José Victorino e Delfim Costa
19.05 Informação de Trânsito
20.00 «Jornal da Noite»
21.00 Música portuguesa
21.45 Observação de teatro, p/José Gil
22.00 Som de pesquisa
22.30 Temas de saúde, p/Raquel Ferreira
22.50 Música variada
00.00 «Último Jornal»
00.30 Retrospectiva
01.00 (saída e encerramento dos Regionais e dos MFF-1). Música na Noite
02.00 Música na Noite

2.º Programa

16.50 Danças Sinfónicas, op. 64, de Grieg
17.20 Música para piano de autores franceses: Suite Francesa, de Poulenc, p/Gabriel Tacchino. Balada, de Debussy, p/pianista Noel Lee. Alguns prelúdios de Debussy, p/Monique Haas
17.55 Octeto em fá maior, op. 166, de Schubert
19.00 O maestro Ferenc Fricsay, em sinfonia n.º 41, em dó maior K. 551 «Jupiter», de Mozart
19.35 Música de Arco, interpretação do violinista Jascha Heifetz
20.00 «Jornal da Noite»
21.00 (Passagem do MF-2 a este-reo) Música ligeira variada.

EMISSORA 1.º Programa

22.00 Que quer ouvir? Sonata n.º 9 em Lá maior «A Kreutzer», Beethoven. Sonata n.º 21 em si bemol maior op. póstumo, de Schubert. A ópera «O Casamento do Diabo», de Gluck. Duas tocatas de Bach, p/cravista Ralph Kirkpatrick.
01.00 Fecho.

Programa em onda média 2 397m. 755KHz

20.30 Um ciclo de melodias: seis canções de Strauss.
21.00 Intercâmbio musical Festival Internacional de Música de orquestra em Maquidine 1974
21.33 Música sinfónica. Sinfonia n.º 93, em Ré maior, de Haydn
22.00 Conjuntos instrumentais: Quinteto em lá menor op. 81, de Karlbrenner
22.30 Concerto sinfónico 1.ª parte. Prelúdio do 1.º acto da ópera «Lohengrin», de Wagner. Concerto em Sol maior, p/piano e orquestra, de Ravel.

Concerto sinfónico Intervalo: Musical Coral da renascença, em interpretações de «Os Pequenos Cantores de Monte Real». Concerto sinfónico 2.ª parte: Sinfonia n.º 6 em fá maior op. 68 «Pastoral» de Beethoven, 60s de instrumentos diversos. Sonata em ré maior, de Andante, de Domenico Scarlatti. Granada, de Albeniz, Fantasia em Sol menor de Pachelbel, Uma Castela na sua torre, de Faure.
00.30 Cantata Aldeia, de Bach
01.00 Fecho

RADIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa. Onda Média 299,13 m — 10 034 KHz — Emissão contínua: Emissor de Miramar (Porto) — onda Média, 283,6 — 782 KHz — Emissão contínua;

RADIO RENASCENÇA

Onda média — 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de frequência de Lisboa — 93,2 MHz, Emissão contínua.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30

Rádio Peninsular

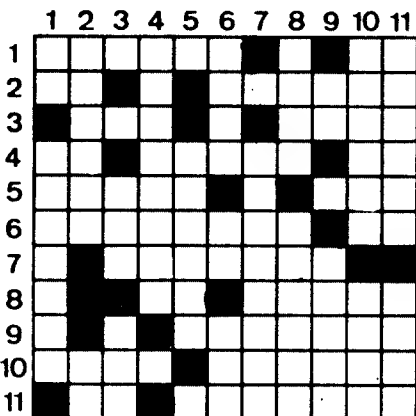
Das 14.30 às 19.30

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11126

HORIZONTAIS

- No tempo, em que. Artigo definido. Reis.
- Senhor. Papelão.
- Alcool de melaco Comitão.
- Gálio (s.q.). Nome de mulher. Sufixo que designa estado.
- Animal da classe dos acarídeos. Guarneca de asas.
- Atarias. Campeão.
- Equiparam.
- Erbio (s.q.). Sepultura
- Antes do meio dia. Agucem
- Abala. Mulher que compra e vende roupas usadas
- Seguias. Guarnecer de arames.



VERTICAIS

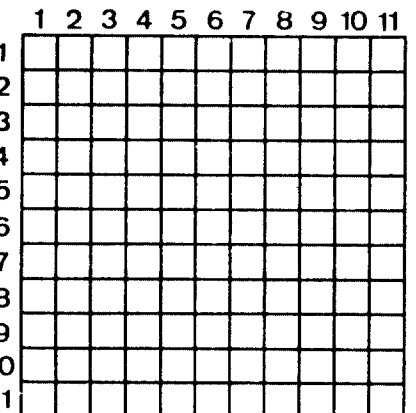
- Quantum satis. Ave galiana.
- O mesmo que pega (ave). Pronome pessoal
- Terminara.
- Requerstar. Pedras de moínho
- Adormece. Artigo definido.
- Oca. Palmeira da Amazonia
- Maquinismo para tecer. Inual
- Apel. Exportacao
- Basta. Habitem
- Pessoa astuta (fig.). Nau
- Apelido. Estimam

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7284

HORIZONTAIS

- Universal. Predestinar.
- Vieja. Época da vida
- Cidade da antiga Caldeia. Viração. Educas.
- Pronome pessoal Nome de um jogo.
- Rio da Itália. Rio da França e da Alemanha
- Boro (s.q.). Donzela de Orleães.
- Examinavas.
- Alumínio (s.q.). Grossoiro. Boi selvagem
- Versejaram. Batraquio
- Especie de barro, muito macio, que absorve gorduras. Termina
- Empreender. Letra grega. Pertences



VERTICAIS

- Cova. Obrigação
- Rio de França. Amalucado
- Nota musical. Preposicao.
- Espaco de trinta dias
- Inundo. Freguesia do concelho da Covilhã
- Apelido. Amuralhar.
- Cidade do México.
- Sobeja. Incinerar.
- Atrios. Cobalto (s.q.)
- Oferecei. Pureza.
- Arma branca, de lâmina curta e larga com dois gumes. Da Arabia.
- Rente. Alegria. Campao

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11125

HORIZONTAIS

- Amima. Inata
- TUDO. Amoras.
- Aro. Dra.
- Castigo. Iam.
- Ama. Sãs. Ro
- Soer. Am.
- Sm. Arredam.
- Aio. late. Ur.
- Marca. Alamo.
- Orai. E. Ardi
- Sâmio. Às. Os.

VERTICAIS

- Ataca. Samos.
- Muram. Miara.
- Idosa. Oram.
- Mo. Oa. Cil.
- MISÉRIA.
- Garra.
- Impôs. Etá
- Nó. Adelas.
- Ardi. Ma. Ar.
- Tarar. MUNDO.
- Asamos. Rois.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7283

HORIZONTAIS

- Acaba. Latas.
- Ramo. Medo
- Ala. Coa. Rol
- Costa. Barra
- Assei. Arear.
- Aaro. Irar.
- Ir. El.
- Oc. Ou. ED. Fr.
- Doar. Alia
- Essas. Aviam
- Saira. Cairo

VERTICAIS

- Aracá. Rodas.
- Calosa. Cosa.
- Amassai. Asi.
- Bo. Terrorar.
- Caio. Sa.
- Dó.
- Abai. AC.
- Am. Arredava
- Terreal. LII.
- Adorar. Fiar.
- Solar. Gramo

PROVERBIO: TUDO É MISÉRIA NO MUNDO

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
TODA A NOITE

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).

AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mes- tres, 30-A, (Telef. 680627).

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outu- bro, 147-A, (à Avenida Bar- bosa do Bocage), (Telef. 763107).

BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).

BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telef. 321342-325553).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Cas- quilho), (Telef. 708242).

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54, (Te- lef. 862835).

LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Ari- garia, 16, (Telef. 691054).

LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10- A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luis Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Dilena, Rua Aliança Ope- rária, 49-A/B, (Telef. 636620).

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).

ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas No- vas, Lote 66, (Telef. 310172).

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).

CONDE DE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).

ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).

LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rai- nha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapado- res, 87, (Telef. 842725).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei- ra, 140-B, (Telef. 720703-728395).

S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Pau- lo, 99, (Telef. 321771).

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. Antonio Gran- jo, 2 (Telef. 213161).

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Pa- trão Lopes, 4, (Telef. 2432039). Toda a noite

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058). Até às 22 horas

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054). Até às 24 horas

S. PEDRO DO ESTORIL
Murtal, Primavera, R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278). Até às 22 horas

ESTORIL
Suica, Cruzeiro (Telef. 260087). Toda a noite

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141). Até às 22 horas, Cascais, R. Conde de Monte Real-B, 9 Caixas (Telef. 282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Te- lef. 971121)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM
Guerra Rico, Agualva

MEM MARTINS
Quimica, Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (Telef. 2930058)

COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 2766498)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178- B (Telef. 2040302)

BARREIRO
Picarra, P. do Bocage, 65-A (Telef. 2074771)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254)

MOITA
Silva Rocha, P. da Repúbli- ca, 16 (Telef. 239029)

MONTUJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)

SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Telef. 22408); Por- tugal, R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coe- lho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

TURNO 10
ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Costa Cabral, Rua de Cos- ta Cabral, 1832; Fonte da Mou- ra, Rua de Tânger, 1463; Invi- ta, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Mon- teiro, 475; Garantia, Rua Fernan- des Tomás, 696; Sá, Rua Vale Formoso, 181 e Sarabando, Lar- go dos Loios, 36

A PARTIR DAS 22 HORAS
Sá, Rua Vale Formoso, 181; Sa- rabando, Largo dos Loios, 36; Costa Cabral, Rua de Costa Ca- bral, 1832 e Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463

COIMBRA

Solum, Rua Carolina Mi- chaelis; Nazare, Rua Fer- reira Borges; Santa Isabel, Avenida Sá da Bandeira.

cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

2.ª Semana

AS IRMÃS

A prova final entre duas mulheres

c/Nathalie Delon
Susan Strasberg

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

STAVISKY

(O grande jogador)

A obra-prima de Alain Resnais

5.ª Semana

Hoje, às 24 (18 anos)

O FILTRO DO AMOR

Amanhã às 11.00 Manhã Infantil

6 anos

O LADRÃO DE BAGDAD

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O GARAÑHÃO

Escândalo no castelo das mulhe- res sem homem...

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

TAMANHO NATURAL

As 24.00 o mesmo programa

ALVALADE

T. 717480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

TAMANHO NATURAL

Hoje as 24.00 18 anos

PUNHOS MORTAIS DO KUNG-FU

Amanhã às 11 - Para todos

GOOFY E DONDEZ CAMPEÕES OLIMPICOS

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

A VERGONHA DA FAMÍLIA

(Le Cancre)

De Claude Berri, com Yves Robert

24.00 18 anos

QUEM É HARRY KELLEMAN

Amanhã, às 11.00 Matinee Infantil

M/6 anos

UM DIA NAS CORRIDAS

CINEMA 2000

T. 2100055 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O GARAÑHÃO

Escândalo no castelo das mulhe- res sem homem...

LIDO

T. 937593 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O CASO ODESSA

CARLOS MANUEL SINTRA

T. 2930394 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O SANGUE DOS OUTROS

Yves Beneyton e Francis Blanche

Amanhã às 15.30 e 21.15

ALTA TENSÃO EM NOVA IORQUE

UNIVERSAL

T. 774402 14.30, 20.30

Não acons. a menores de 13 anos

A CORAGEM DO POVO

de Jorge Sanjines

Não acons. a menores de 13 anos

16.30, 22.30

VALPARAÍSO... VALPARAÍSO!

RESTELO

T. 610375 16.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

Aviso ao público: Devido à longa metragem o filme começa ime- diatamente após o início da ses- são

Amanhã às 14.30 e 21.00

O mesmo programa

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A PISCINA

Alain Delon/Romy Schneider

TIVOLI

T. 50595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ESTA ESPÉCIE DE AMOR

Uma historia de amor. Adulto

CASINO ESTORIL

T. 264621 18.15, 21.15

Grupo D (18 anos)

MEIAS PRETAS

Victor Henry, Susan George

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PECADO VENIAL

Color Laura Antonelli

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O COMBOIO DO TERROR

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

(Este filme contém cenas even- tualmente chocantes)

CINESTÚDIO

T. 937593 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

AMAR NÃO MATA

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

CAMA COM MÚSICA

uma nova sensação

LUMIAR

T. 795296 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A SERPENTE DE OURO

Amanhã às 15.30 e 21.15

O CHATO

SATÉLITE

T. 562632 15.00, 17.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

OH! CALCUTTA

Este filme contém cenas event- chocantes

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

E PRECISO ELIMINAR A TESTEMUNHA

fascinante até a última imagem

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ONDE FICA A GUERRA?

2.ª Semana



REMANESCENTE GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º e 4.º
TELEF. 654.531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEF. 321.154/5 320.271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DÍBDA TELEF. 123.863
LISBOA PORTUGAL

DEPOIS DE 17 DIAS DE GREVE

TRABALHADORES DOS T.L.P. RECUPERAM MATERIAL DETIORADO

A greve dos T.L.P. terminou ontem, à tarde, com a aceitação da última contraproposta governamental apresentada aos trabalhadores e que teria resultado de uma reunião entre o Primeiro-Ministro, o ministro dos Transportes e Comunicações e a administração dos T.L.P.

A decisão de pôr termo à greve foi tomada pela direcção do Sindicato dos Telefonistas de Lisboa, no seguimento de uma assembleia geral, realizada ontem à tarde, no Instituto Superior Técnico.

A contraproposta aceite pelos trabalhadores contém alguns elementos novos, entre os quais devem salientar-se o pagamento do retroactivo a partir de 1 de Maio (antes: 1 de Junho) e o princípio de distribuição pelos trabalhadores dos lucros de 1973/74.

Por outro lado, foi acordada nova revisão salarial em 1 de Maio de 1976.

Regressados ao trabalho após 17 dias de greve, os trabalhadores iniciaram de imediato a recuperação do material deteriorado. Ontem, calculava-se que cerca de 40 por cento dos telefones de Lisboa já tinham sido afectados pela greve, pelo que se corria o risco de a zona de Lisboa ficar sem ligações telefónicas, se o conflito se prolongasse por mais tempo.

TERMINOU A GREVE DAS O.G.M.A.

Entretanto, e em face das posições assumidas pelo Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, os trabalhadores das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, decidiram pôr termo à greve em que se encontravam desde há dias.

De acordo com um comunicado dos trabalhadores, no qual se referem as posições do general Moraes da Silva, há «a garantia de aumento de vencimentos aos trabalhadores das O.G.M.A. na mesma proporção e com os mesmos efeitos retroactivos, que se verificarem para os trabalhadores da função pública» (a partir de 1

de Maio, portanto).

O mesmo comunicado assinala a «informação aos trabalhadores que, sendo as O.G.M.A. um estabelecimento militar, a greve lhes é proibida por lei; assim, se se verificar cancelamento de qualquer contrato actualmente existente, considera que, a partir desse momento, há pessoal em excesso, por culpa dos próprios trabalhadores e, portanto, seriam reduzidos os efectivos das O.G.M.A.».

TAP: GREVE PARCIAL

Por seu turno, os trabalhadores da TAP, reunidos em plenário, decidiram entrar em greve parcial e progressiva, a partir de segunda-feira. Objectivo da greve: pressionar as entidades governamentais no sentido de serem totalmente satisfeitas as suas reivindicações, inseridas no contrato colectivo de trabalho, em discussão há 14 meses.

Começando por uma hora de paralisação, na segunda-feira, a greve será total no dia 14. Durante as paralisações, só serão atendidos os aviões de África, mantendo-se em funcionamento a central de comunicações. Tapmatic. O serviço de telefones para casos de urgência fica também assegurado. Os piquetes de greve serão organizados de forma a manter nas instalações da TAP mil trabalhadores.

No que respeita aos aviões da companhia que se encontram em aeroportos estrangeiros, assinala-se que não poderão descolar se a hora de chegada a Lisboa ou a qualquer outro local do acordo colectivo de trabalho (continente e ilhas) coincidir com o período de paralisação.

Em adenda à moção da greve: as companhias aéreas estrangeiras terão de ser avisadas com 24 horas de antecedência sobre a paralisação, fornecendo-se o seu calendário.

CONSELHO DE MINISTROS RESTRITO

ARRANQUE PARA A REFORMA AGRÁRIA

Medidas concretas e decisivas sobre a Reforma Agrária e arranque para a sua efectivação foram ontem finalmente decididas pelo Conselho de Ministros Restrito que esteve reunido desde as 10 até às 22 horas de um dia caracterizado por elevada tensão política artificialmente provocada por um enorme onda de boatos e pela agudização de vários conflitos laborais.

Participaram na reunião os ministros sem pasta Álvaro Cunhal, Pereira de Moura e Magalhães Mota e os ministros do Planeamento, Equipamento Social e Ambiente, Administração Interna, Finanças, Agricultura, Defesa, Assuntos Sociais, Trabalho, Transportes e Comunicações, Indústria e Tecnologia e secretário de Estado do Ambiente, Mário Soares, que segundo um nosso colega da manhã na véspera tinha pedido o adiamento do seu debate, não participou nesta importante sessão do Conselho de Ministros. Esteve presente no entanto o dr. Armando Bacelar, secretário de Estado da Administração Judicial e destacado elemento do Partido Socialista.

No final o Conselho distribuiu o seguinte comunicado:

«O Conselho Restrito reuniu com os ministros do Planeamento, Equipamento Social e Ambiente, Administração Interna, Finanças, Agricultura, Defesa, Assuntos Sociais, Trabalho, Transportes e Comunicações, Indústria e Tecnologia e secretário de Estado do Ambiente.

«Os trabalhos iniciaram-se cerca das 10 horas prosseguindo ininterruptamente até às 22 horas.

«O Conselho examinou uma série de diplomas relacionados com a Reforma Agrária a aplicar no imediato nos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Faro, Lisboa, Setúbal, Santarém, Castelo Branco, sendo de salientar:

— Projecto de decreto-lei visando as normas a que deve obedecer a expropriação de determinados prédios. Ficam sujeitos a expropriação, nos termos deste diploma, os prédios rústicos que, no seu conjunto, mediante a aplicação de uma tabela, se verifique corresponderem a mais de cinquenta mil pontos, significando ponto um hectare ou uma unidade ou, independentemente desse requisito, ultrapassarem a área de 700 hectares. Ficam igualmente sujeitos a expropriação os prédios rústicos que pertençam a pessoas singulares, sociedades ou pessoas colectivas, ainda que de utilidade pública, que tenham incorrido em qualquer das situações previstas, como fundamento de intervenção no Decreto-Lei n.º 660/74. Ficam ainda sujeitos a expropriação as propriedades que estejam incultas ou não alcancem os níveis mínimos de aproveitamento estabelecido e a estabelecer por portaria do Ministério da Agricultura e Pescas.

A expropriação será decretada pelo ministro da Agricultura sob proposta do Instituto de Reorganização Agrária, dos Conselhos Regionais de Reforma Agrária ou de assembleias locais.

Projecto de decreto-lei nacionalizando vários prédios rústicos beneficiados para aproveitamento hidro-agrícolas de algumas regiões do País, designadamente Caia, Campilha, São Domingos e Alto Sado, Divor, Loures, Idanha, Mira, Odivelas, Roxo, Vale do Sado e Vale do Sorraia, pertencentes a pessoas singulares, sociedades ou pessoas colectivas de direito privado, incluindo as de utilidade pública, que sejam proprietárias, no conjunto dos perímetros, daqueles aproveitamentos, de uma área beneficiada superior à unidade estabelecida numa tabela de equivalências anexa ao diploma.

Projecto de decreto-lei estabelecendo normas de con-

cessão de crédito agrícola a novas unidades de tipo cooperativa e ainda outras entidades de natureza associativa, de base social exclusivamente constituída por assalariados rurais e pequenos agricultores, que vão surgindo inseridas na dinâmica social própria da Reforma Agrária.

Projecto de decreto-lei extinguindo todas as coutadas com excepção das reguladas no Decreto-Lei n.º 733/74. Com vista ao ordenamento cinegético do território nacional serão delimitadas zonas onde o exercício da caça será vedado ou condicionado temporariamente ou permanentemente.

De acordo com este mesmo diploma os concessionários de coutadas deverão proceder ao arrancamento dos sinais convencionais e à adequada alteração das tabuletas até 1 de Agosto de 1975.

Projecto de decreto-lei visando estimular e institucionalizar as associações de classe dos pequenos agricultores, regulando-as por forma a assegurar a sua representatividade e democraticidade.

Nos termos do diploma os agricultores que explorem exclusiva ou predominantemente com trabalho próprio ou de familiares não remunerados ou ainda em regime de entreajuda terrenos ou instalações próprias ou alheias, poderão associar-se para defesa e promoção dos seus interesses. As associações poderão constituir-se por iniciativa de, pelo menos, cem agricultores do concelho.

Projecto de decreto-lei criando o conjunto de normas especiais que hão-de regular o trabalho agrícola. Verifica-se que jamais se cuidou de assegurar aos trabalhadores agrícolas um mínimo de garantias que respeitasse a dignidade humana do seu trabalho e isto por razões a que não é estranho o abandono a que a inexistência de mecanismos legais enunciadores dos direitos e deveres dos sujeitos das relações jurídicas em confronto obstasse à criação de associações de classe. É chegado o momento de dar cobertura legal aos naturais sentimentos de melhoria de vida e da estabilidade de emprego das classes mais desfavorecidas.

Entre as inovações introduzidas pelo presente diploma merece especial referência a concessão do direito a férias numa classe até há bem pouco tempo submetida à prestação de trabalho de forma contínua e sem quaisquer limitações, direito esse, desde já conferido aos trabalhadores permanentes, em moldes mais favoráveis do que os de regime jurídico do contrato individual de trabalho, estabelecendo-se, ainda, para os restantes tipos de trabalhadores compensações mo-

netárias substitutivas do direito a férias.

Para além desta legislação sobre aplicação da reforma agrária o conselho restrito examinou ainda mais os seguintes pontos:

— Projecto de decreto-lei organizando a Secretaria de Estado do Ambiente que integrará os organismos seguintes:

a) Comissão Nacional do Ambiente;

b) Serviço de Estudos do Ambiente;

c) Comissões Regionais do Ambiente.

— Projecto de decreto-lei permitindo o pagamento de remunerações por trabalho extraordinário dos serviços da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, sem sujeição ao limite fixado no n.º 4 do artigo 10.º do D-L 372/74, desde que se verifique que os quadros de funcionários não possam ser preenchidos imediatamente, devido ao grau de especialização exigido do pessoal. A remuneração por trabalho extraordinário não poderá, em caso algum, exceder cem por cento do vencimento base.

Projecto de decreto-lei permitindo o pagamento de horas extraordinárias para além do terceiro, na Administração-Geral do Porto de Lisboa, Administração-Geral do Porto do Douro e Leixões, Divisão de Dragagens da Direcção-Geral de Portos e Junta Autónoma dos Portos. O acréscimo por trabalho extraordinário não poderá, em caso algum, exceder 100 por cento do vencimento base.

Projecto de decreto-lei transferindo para o orçamento geral do Estado a cobertura dos encargos relativos à Segurança Social, até à data suportados pelo Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego.

Projecto de decreto-lei constituindo o regulamento do orçamento do Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego.

Informação sobre a visita ao Conselho da Europa, em Estrasburgo, realizada pelo secretário de Estado da Justiça e Procurador-Geral da República, aprovando o Conselho, na generalidade, a aceitação de cooperação proposta de estabelecimento de formas concre-

tas que no âmbito de cada ministério deve revestir, tendo-se em atenção prioritariamente, atenta a actual fase de indispensável austeridade nas despesas públicas, aquelas formas que menos dispêndio e maior utilidade representem para o nosso país.

Projecto de decreto-lei que estabelece o regime geral de intervenção do Estado nas empresas cujo funcionamento não contribua para o desenvolvimento económico do País. Este projecto foi aprovado na generalidade devendo a sua discussão na especialidade prosseguir em próxima sessão.

Aprovação de uma proposta de exoneração do major do S.A.M. — Aventura Alves Teixeira a partir de 4 de Julho de 1975, do cargo de presidente do conselho de administração da Sociedade Nacional de Tipografia, S.A.R.L.

CONSELHOS REGIONAIS DE REFORMA AGRÁRIA

Oito distritos do continente vão ter a funcionar muito brevemente nas suas áreas os chamados Conselhos Regionais de Reforma Agrária. Os distritos são, Lisboa, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro, e a sua acção deve estender-se à área dos distritos mais próximos, enquanto nestes não forem criados idênticos órgãos. Isto é objecto de um decreto-lei emanado do Ministério da Agricultura e Pescas e publicado hoje na folha oficial.

Os conselhos integram representantes dos sindicatos dos trabalhadores rurais, das ligas dos pequenos e médios agricultores, dos ministérios da Administração Interna e da Agricultura e Pescas, e ainda do Movimento das Forças Armadas. Atribuições várias: resumindo-as, pode dizer-se que aos Conselhos caberá a relevante tarefa de fazer a equação da problemática agrária e encontrar as soluções a propor aos órgãos de decisão.

Os conselhos reunirão pelo menos de quinze em quinze dias. Além dos distritos acima mencionados, prevê-se que venham a ser criados órgãos idênticos noutros distritos do continente e das Ilhas Adjacentes.

Cinco "pides" evadidos fogem para Espanha

O ex-agente António Joaquim Gomes da Rocha, assassino do estudante Ribeiro Santos, poderá ser um dos cinco "pides" evadidos de Alentejo que se julga terem conseguido passar para Espanha, segundo informações colhidas junto das autoridades militares que coordenam as operações de recaptura.

Continuam a monte cinquenta evadidos, prosseguindo as buscas, sob a direcção do COPCON, e o inquérito a cargo de uma comissão especial.

Dos interrogatórios dos 37 recapturados, pode desde já concluir-se, de acordo com as mesmas fontes, que a evasão contou com larga rede de

apoio exterior, designadamente na região de Rio Maior.

ESCOLHA!

COSTA do SOL

8 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE

5.048\$00

PALMA DE MAIORCA

8 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE

5.428\$00

Mundicolar inclui: passagens, hotéis e excursões. Procure o alegre sol de Mundicolar na sua Agência de Viagens. Os preços indicados referem-se a viagens em partida de Lisboa. Mediante um pequeno suplemento, poderá igualmente partir do Porto ou de Faro.



MUNDICOLOR

IBERIA

A VIAGEM QUE SONHOU FEITA REALIDADE

CASINO ESTORIL




SLOT MACHINES ACCESS LIVRE A MAIORES DE 7 ANOS

SALA DE JOGOS HORAS 11 H. A 12 H. DAS 12 H. A 13 H.

AMANHÃ
MATINÉE ÀS 17 H.

MARSHA HUNT

VIOLETA, JACQUELINE, LUCY, JOHANNA, ANA, LUCY

CAPRICE and Partner

ZELIA LOPES

BLUEBELL GIRLS SHOW

MUNDICOLOR PRESENTA

MAIORES DE 13 ANOS

PREÇOS

CHA COMPLETO, 70\$00 (Taxes e impostos incluídos)

SONHO DO JAPÃO

JAPÃO, TAILANDIA, HONG-KONG - MACAU

AVIÃO A JATO • HOTÉIS DE 1.ª CLASSE • LUXO • EXCURSÃO ACOMPANHADA POR DELEGADO (GRATUÍTO)

PARTIDAS: 29.5, 7.8 e 4.9

18 DIAS DE VIAGEM 37.500\$00

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1940

LISBOA: Av. 1.ª de Maio, 107 • Tel. 320.021

PORTO: Av. 1.ª de Maio, 107 • Tel. 320.021

COIMBRA: Praça da Liberdade, 2 • Tel. 2.701.162

FARO: Rua 1.ª de Maio, 107 • Tel. 2.90.35.6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Cabo Verde ano um



O CAMINHO MARÍTIMO PARA O P.A.I.G.C.

Cabo Verde conhece hoje o primeiro dia de liberdade. Para nós portugueses em Cabo Verde constituiu sempre um arquipélago em pleno Atlântico, com tantas ilhas que na 4.ª classe nos obrigavam a decorar-lhes o nome. Na memória destas mãos ficaram ainda algumas palmatoadas, porque não sabiam os nomes das ilhas de Sotavento.

Cabo Verde foi um mistério que a informação fascista impediu se desvendasse. É verdade que chegou «Hora di Bai» de Manuel Ferreira, é verdade que a «Aventura Crioula» foi a nova descoberta das ilhas cabo-verdianas feitas por um português, mas o povo de Lisboa esquecia as secas, os milhares de mortos à fome.

Para os lisboetas que atravessavam o Rossio com camisa de terylene como o cabo-verdiano Daniel Filipe cantava, Cabo Verde era o Tarrafal onde pereceram tantos patriotas portugueses.

Em 1956, Amílcar Cabral e mais cinco companheiros fundam, em Bissau, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

Quando na década de sessenta os homens e as mulheres portuguesas descobrem o caminho marítimo para França, na Rocha do Conde de Óbidos começam a escutar-se as detonações das granadas lançadas pelos guerrilheiros do P. A. I. G. C.

A luta de libertação nacional fora desencadeada pelo campesinato da Guiné-Bissau, que assim assumia o seu destino histórico. Na mira das «caláchis» vislumbrava-se também a libertação de Cabo Verde como alvo.

«Homens, mulheres e crianças de Cabo Verde! Povo de Cabo Verde! Chegou a hora de mostrar à África e ao Mundo que queremos a nossa dignidade de homens e de africanos! que não queremos a vida de miséria, de fome e de sofrimento que nos dão os colonialistas portugueses! Sob a bandeira gloriosa do nosso Partido, de mãos dadas com os nossos irmãos da Guiné, vamos reconquistar a nossa dignidade de homens e de africanos. Avante na nossa luta de Libertação!»

As palavras são de Amílcar Cabral, revolucionário patriota que soube traçar, apoiando-se no povo, o percurso para a liberdade.

Em 1973 surge-nos esse livro espantoso — «Voz de Prisão» de Manuel Ferreira, e Lisboa está inundada de cabo-verdianos. Nos andaimes da construção civil descobrem-se os braços negros que fugiram à seca e à morte. Foi esta a rota marítima que nos levou a esse país despedido no meio do mar e que hoje diz em liberdade o seu nome: «Cabo Verde».

Para muitos de nós o P. A. I. G. C., sabiamos-lo às escondidas, era de facto o povo das mornas e coladeiras. Apesar de o «post» 25 de Abril ter gerado a U. D. C. (União Democrática de Cabo Verde), que congregava grandes proprietários, comerciantes, altos funcionários e membros do clero, sabia-se que esta união incluía Spínola. Para estes portugueses que somos não nos surpreendeu que a U. P. I. V. C. (União do Povo das Ilhas de Cabo Verde), fundada nos Estados Unidos em 1959, se tenha transformado em 23 de Maio último na Frente Popular de Libertação. A Frente incluía também as manobras neocoloniais («made in USA») de Spínola.

Eis como não surpreende que o povo cabo-verdiano tenha estado com o P. A. I. G. C.

Pedro Pires, responsável nacional do Partido no arquipélago, anunciava há dias que a independência seria assegurada pelo Exército Popular já em formação, pela Marinha, Força Aérea, e, sobretudo, pelo povo cabo-verdiano organizado pela sua vanguarda: — o P.A.I.G.C.

Hoje são sepultados nas ilhas de Cabo Verde 500 anos de colonialismo. Abre-se uma nova época, onde a movimentação popular provará que a fome não é inevitável. As trinta mil vítimas da grande fome de 1947/1948 ficaram, hoje vingadas. Porque o povo conquistou o seu destino. Ao inserirmos nesta edição uma série de textos sobre o País incular que hoje nasce, queremos manifestar aqui a nossa solidariedade militante para com o povo cabo-verdiano, e percorrer em liberdade a longa descoberta do caminho marítimo para Cabo Verde. Um caminho que é também o do povo português na sua luta contra a opressão.

JOSE A. SALVADOR

Unidade Guiné-Cabo Verde

Por AMILCAR CABRAL

Só as manobras imperialistas poderiam impedir a unidade entre a República da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Em 1969, Amílcar Cabral sublinhou isso mesmo durante um seminário político para quadros do P. A. I. G. C. Da sua intervenção, a propósito da unidade entre os dois países, passamos a transcrever dois extractos:

«É evidente que os problemas da unidade da Guiné e de Cabo Verde não são para nós, um capricho. E não porque Amílcar Cabral seja filho de cabo-verdianos, nascido em Bafatá. É certo que Cabral ama muito o povo guineense. E o povo cabo-verdiano, também. Mas não é por isso que defendemos a unidade.

«Vi morrer a fome gente de Cabo Verde. Vi morrer gente na Guiné e Bofetada, aos pontapés, em trabalhos forçados. Esta é a razão da minha revolta.

«Fundamentalmente, da luta pela unidade da Guiné e de Cabo Verde, é a sua própria natureza. São idênticos os interesses que nos conduzem, em relação à Guiné e Cabo Verde. Tudo aquilo que não é ignorante e que, seriamente, estuda os problemas, que conhece a história a fundo, tanto do ponto de vista das diferentes etnias do nosso país (quer da Guiné quer de Cabo Verde), como do ângulo da história colonial, essa pessoa, se está interessada no avanço conjunto do nosso povo, não pode ser senão favorável à unidade.

«Para além disto e ainda no âmbito das possibilidades concretas de luta no nosso país (seja na Guiné, seja em Cabo Verde) quem quer que seja, desde que queira empenhar-se seriamente (como o P. A. I. G. C. que chegou à luta e nela continua) pode, pela análise e pelo estudo, compreender o problema a fundo.

«A luta da Guiné não seria possível se não estivéssemos unidos em redor do P. A. I. G. C.; também em Cabo Verde essa luta não será possível sem essa mesma união.

«Uma prova concreta deste facto? Tão somente: nenhum movimento pode progredir, reunindo apenas os naturais da Guiné.

«É, por acaso, conhecido algum? «O mesmo se pode afirmar para Cabo Verde. Isto significa, pois, que a nossa análise foi correcta, sobretudo se ob-

servarmos as perspectivas do nosso país, como entidade económica e política, viável em África e capaz de efectivamente se realizar numa via nova.

«É evidente que todos os que lutam pela unidade africana compreendem que nós constituímos, com a Tanzânia que provém da união do Tanganica e do Zanzibar, um exemplo único.

«Falar de luta pela unidade da Guiné e Cabo Verde, é um falso problema, já que pela sua história, a geografia e as tendências económicas, por tudo em suma, a é pelo sangue, a Guiné e Cabo Verde constituem um todo. Só os ignorantes desconhecem isso. (...) Quer do ponto de vista histórico, da realidade da nossa vida passada, do conhecimento de interesses do nosso povo e dos povos de toda a África, quer na questão da estratégia da luta, não há independência da Guiné sem a independência de Cabo Verde.

«Pela mesma ordem de ideias não haverá independência da República da Guiné, do Senegal, da Mauritânia, se eles quiserem ser o país que pretendem.

Só os que não compreendem nada de estratégia podem pensar que esta África pode ser independente, enquanto Cabo Verde continuar ocupado pelos colonialistas. É impossível.

«Ao contrário, não pode haver verdadeira independência de Cabo Verde sem que o mesmo ocorra não só Guiné como em toda a África.

«Quem quer que seja que coloque os interesses do povo acima dos seus próprios interesses, a análise séria de preferência ao capricho e à ambição, apenas pode concluir que um dos actos mais importantes do grupo que criou o P. A. I. G. C. foi estabelecer como base fundamental o lema: Unidade e Luta; Unidade na Guiné, Unidade em Cabo Verde; Unidade na Guiné e Cabo Verde.

«Numerosas forças amigas começaram já a tomar conhecimento disso. Da mesma forma que os inimigos, aliás.

«Hoje, a preocupação dos imperialistas é: 'Cabral aceita ou não aceita a independência da Guiné sem Cabo Verde?'

«É esta a sua grande preocupação. É isto o que os imperialistas querem saber. E eu respondendo: 'Encarabai os portugueses de mo perguntar; vós não sois portugueses'.

«Com efeito, eles sabem muito bem a importância da nossa unidade. Um dia um dirigente africano disse-me: 'Sois inteligentes'. Perguntei-lhe porquê e ele observou: «Conheço bem o povo da Guiné e de Cabo Verde. Se conseguirdes concretizar o que projectais, apesar das escassas dimensões do vosso território, sereis certamente um país forte no seio de África».

«Vamos ver', respondi-lhe.

«Na verdade, a criação do P. A. I. G. C., nas linhas que acabo de traçar, foi a maior realização do nosso povo na conquista da liberdade e na construção do progresso e felicidade para a Guiné e Cabo Verde».





CABO VERDE ANO UM

Nós os cabo-verdianos fomos o povo mais maltratado, explorado. Tenho um primo que sinto lágrimas a vê-lo conversar».

Ele conta a história do primo. Trabalhava para o branco Orlando Silva. Começava às 7 da manhã. Uma vez choveu, cabo-verdianos trabalharam meio dia, branco Orlando Silva não pagou. O primo do meu companheiro de bagaço minhoto de bar de cabo-verdianos «5 Irmãos», na pacatez de uma rua velha de Lisboa, há 24 horas que não comia. Mais a família.

Chuva (dia raro), trabalho menos, Orlando branco disse ao primo do meu colega de bar de manhã, desempregado suando numa testa muito escura, a abundar de barriga:

«Quem recebe não come, quem come não recebe.»

Meio dia de trabalho. A chuva veio às 11.

«Dinheiro eram 15 tostões. Comida cachupa que era um gosto tormenta com carne salgada, você compreende? E então meu primo pediu um litro de milho para levar para casa. Se eu comer eles ficam sem comer.»

Independência? Sim. Claro que sim.

«Este o sofrimento que nós temos sofrido em Cabo Verde. Mas devemos esquecer, senão nunca mais há paz. Consciência tranquila, você compreende?»

E martela:

«Não há ninguém que leve a mal o respeito pelo nosso sofrimento. Só nós, cabo-verdianos, é que sabemos o que temos sofrido.»

«Submetendo o povo e a terra e uma exploração desenfreada, os colonialistas portugueses por um lado utilizam a fome para reforçar o seu domínio; por outro, uma mão-de-obra barata, quer dizer, escrava. Mão-de-obra que exportam sob a etiqueta de trabalhadores «contratados» para as roças dos colonos brancos e das companhias coloniais de Angola e S. Tomé» (palavras de Amílcar Cabral numa conferência de Imprensa em Estocolmo).

Com uma população que se estima em 300 mil habitantes, aquela que foi a mais antiga colónia portuguesa é terra da fome e alfofre da emigração. Por um lado a subalimentação, por outro a necessidade de enfraquecer o movimento de libertação, por outro a urgência em adquirir mão-de-obra barata, portuguesa em França, cabo-verdianos em Portugal, só que barco não é comboio, fizeram parte da mesma política de povo colonizado a colonizar.

O «GHETTO» E A DEFESA DO GRUPO

Os cabo-verdianos andam em grupo, sejam homens, mulheres e crianças, em «ghettos» que podem ir de uma pensão a um bairro, mesmo a uma zona da cidade ou da cintura.

«Pagam bem, são bons clientes» — dizem os comerciantes, que entretanto se queixam de os cabo-verdianos lhes estragarem o negócio, ou pelo menos, afastarem certo tipo de clientela.

Poço dos Negros é zona de embarcados. À sexta cerveja

falam sonhadoramente da rota da Holanda.

««Petiscam muito» — insiste o homem do restaurante, porta-voz das reticências brancas da zona à presença dos cabo-verdianos.

Mas estes dizem:

«O desemprego é praga de cabo-verdiano. Não há construção civil. Cabo-verdiano está mal».

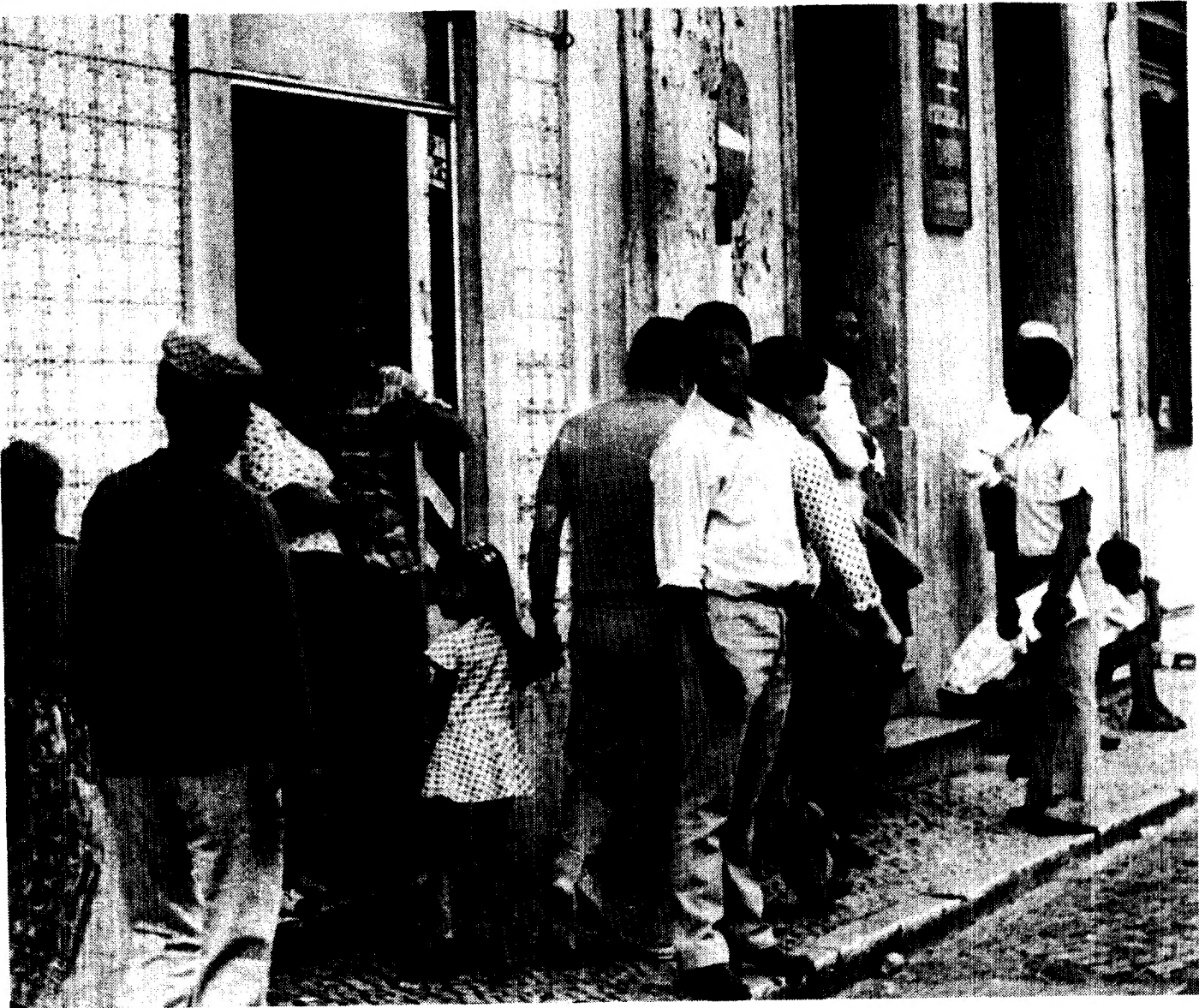
Mundo fechado, difícil chegar-lhes à fala, português que os explora ainda, na mercearia, no bar, na construção civil, na empregada doméstica, no homem do lixo, no lavador das ruas, na prostituta mais barata, em todos os serviços não qualificados. Ninguém lhes pergun-

ta o que sabem, o que querem. Basta saber quem são.

É a cena do restaurante: o jovem cabo-verdiano de jaqueta azul e sapatos de visão entra no WC para senhoras. Certo espanto, surpresa (certo quê?) que ocorre aos brancos que, tácitos, se olham cúmplices. Um descuido do proprietário do restaurante:

«As sanitas costumam estar fechadas à chave. Por causa desse pretos que aqui vêm. Sabe como é...»

Mas a cena repete-se, todas as horas por toda a cidade. Só que os cabo-verdianos ajudam a construir casas de renda alta, a abrir túneis para o Metropolitano, a escavar minas e a construir barragens, enquan-



Cabo-verdianos em Lisboa

to na última seca 25 mil morreram de fome.

INDEPENDÊNCIA? SIM!

Todos os inquiridos foram unânimes em responder a favor da independência de Cabo Verde. Alguns houve que acrescentaram: independência sim, mas separada da Guiné-Bissau. Significativa ou não, a afirmação aqui fica.

No dia 27 do mês passado partiu da Holanda um avião especialmente fretado por cabo-verdianos que ali trabalham para assistirem hoje às cerimónias da independência do seu país.

De Portugal foram alguns para ficar poucos, ainda que o

desemprego ou o subemprego ultrapassem na comunidade cabo-verdiana em Portugal os 50 por cento.

Em 1972 (dizem as estatísticas...) eram 15 mil os que trabalhavam em Portugal. O P. A. I. G. C. contrapõe um número solidamente superior: 50 mil.

Os que não habitam em bairros de lata ou não moram em casas velhas de bairros velhos, ocupam quartos em pequenas anónimas pensões de S. Bento, Campo de Ourique. Na maioria: estudantes, funcionários que estão por conta do Estado e prestes a embarcar para Cabo Verde e outros à espera de embarque para a América. Pagam 60 escudos por dia, comi-

dos e dormidos. «Se fizerem muito barulho, queixo-me ao Governo» (limite-se: entidade oficial responsável pelos cabo-verdianos, sita na Rua do Passadiço).

«Independência sim, mas regressar, não» foi «leit-motiv» em todas as conversas. A tônica justificativa: «Cabo Verde ainda não tem condições. «Mandamos o nosso dinheiro e quando a gente puder viver em Cabo Verde então nós regressamos».

Não só razões económicas na vontade de não partir. Também a crosta de um mundo branco. Ficção, verdade, ou a ficção-o-real, diz o cabo-verdiano em férias (eufemismo de

desemprego) que bebe cafés sobre cafés com a naturalidade com que o «eléctrico» barulha nas calhas: «Vou casar com miúda branca. Tenho mão em Cabo Verde. Depois vem. A minha irmã é paraquedista-enfermeira. Só engato miúda branca. Vou a lugares de branco».

Ir a Cabo Verde, mesmo de férias, é luxo para emigrante. Avião custa seis contos. Viagem de barco atinge os quatro. O melhor é trazer toda a família. Muitos disseram: «Não temos dinheiro para mandar. O desemprego é grande. É uma praga.»

ROGÉRIO RODRIGUES



PERFIL DE AMILCAR CABRAL

Sou um simples africano que quis pagar a sua dívida para com o povo e viver a sua época, dizia Amílcar Cabral, fundador do P. A. I. G. C. e um dos grandes construtores da unidade Guiné/Cabo Verde.

Amílcar Cabral nasceu em Bafatá, na Guiné-Bissau, em 12 de Setembro de 1925, mas fez os seus estudos secundários no Liceu de S. Vicente, em Cabo Verde.

Em 1950 terminou em Lisboa o curso de engenheiro agrônomo, no Instituto Superior de Agronomia. É nesta qualidade

que percorre a Guiné-Bissau para proceder ao recenseamento agrícola do País, trabalho que lhe dá uma clara visão da realidade guineense e da exploração colonial.

É assim que em 1954, em colaboração com alguns dos actuais dirigentes do M. P. L. A. e da FRELIMO, funda em Lisboa o M. A. C. (Movimento Anticolonialista), que mais tarde se transforma em FRAN (Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional). Esta Frente foi fundada em Janeiro de 1960, em Tunis.

Um ano mais tarde (Abril de 1961) Amílcar Cabral contribui para o aparecimento da C. O. N. C. P. (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) que reúne pela primeira vez em Casablanca, nela participando os movimentos de libertação africanos e de Goa.

Entretanto, em 19 de Setembro de 1956, Amílcar Cabral e mais cinco compatriotas guineenses e cabo-verdianos, entre os quais se encontravam Aristides Pereira e Luís Cabral, tinham fundado o P. A. I. G. C.

Amílcar Cabral dirigiu o Par-

tido como seu primeiro responsável até ser assassinado em Janeiro de 1973.

A sua personalidade de intelectual revolucionário e a sua contribuição teórica e prática para a libertação dos povos mereceram-lhe ser distinguido com as medalhas de Gamal Abdel Nasser e a da Paz, além dos doutoramentos «honoris causa» em Ciências Jurídicas pela Universidade de Lincoln (Pensilvânia - Estados Unidos), e em Ciências Sociais pela Academia de Ciências da U. R. S. S.



CABO VERDE ANO UM

A «Seara Nova» acaba de editar um novo estudo de Manuel Ferreira: «No reino de Caliban/Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa», volume I, Cabo Verde e Guiné-Bissau. É dessa antologia, que constitui um importante acontecimento cultural, que retiramos «Flagelados do Vento Leste», do poeta cabo-verdiano Ovídio Martins.

FLAGELADOS DO VENTO LESTE



Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

A nosso favor
não houve campanhas de solidariedade
não se abriram os lares para nos abrigar
e não houve braços estendidos fraternalmente
para nós

Somos os flagelados do Vento-Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
As cabras ensinaram-nos a comer pedras
para não perecermos

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada

Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos!...)

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos

E as vozes solidárias que temos sempre
escutado

São apenas
as vozes do mar

que nos salgou o sangue
as vozes do vento

que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas

estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

(Caminhada, 1962)

REGRESSO

Mamã Velha, venha ouvir comigo
o bater da chuva lá no seu portão
É um bater de amigo
que vibra dentro do meu coração.

A chuva amiga, Mamã Velha, a chuva
que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade Velha,
a ilha toda
Em poucos dias já virou jardim...

Dizem que o campo se cobriu de verde
da cor mais bela, porque é cor da esperança
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde
... É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mamã Velha, venha
recobre a força e chegue-se ao portão.
A chuva amiga já falou mantenha
e bate dentro do meu coração

AMÍLCAR CABRAL
(1949)

GROGUINHO EM QUATRO ESTÓRIAS

1 O primeiro mindelense que me convidou para um groguinho foi o sr. Alfama pai. O segundo foi o Djôni Mòrais. Entre um e outro aprendi que aquela aguardente forte, imprópria para europeu de gravata, era um convite às histórias e às gargalhadas mansas, que trocávamos cada vez mais deliciosos.

As senhoras bebiam chá, refrescos em copos altos, e partiam biscoitos com os dedos muito finos. Os homens estavam mesmo ao lado, um pé lá, na conversa das xicaras, um pé cá, falando náufragos da maior aventura ou então amores — malícias de amores!

Uma jovem uma vez perguntou-me:

«Conhece o poeta José Lopes?»

E eu não conhecia. Recitou-me então José Lopes, o versejador em francês, rescendendo a longínquas ervas da Provença... Com o que me admirei logo:

«Mas vive na França, emigrou, educou-se onde, diga você?»

Vivia em Cabo Verde. Meninas de dezoito anos podiam saber versos dele e olhar-nos (olhar-me, que era o caso) pedindo aprovação. Eu, de groguinho dissimulado atrás das costas, levava o indicador da mão livre ao nariz e coçava em pânico, como se os tubarões estivessem a devorar metade do sol.

2 «É a Titina!»

A Titina cantava mornas e coladêras, mas o que ela sabia fazer melhor era varar o forasteiro com uns olhos de imensos relâmpagos.

Creio que tinham inventado a Titina para ninguém poder nunca jamais tirar da lembrança o crepúsculo na esplanada ao pé do cinema, enquanto Mimi, o empresário, ria as suas chacotas e propunha a enésima cerveja holandesa.

Uma noite a Titina cantou no Grémio. Eu acabava de extasiar-me com o violino e a bateria afritivamente belos e ia a sair, tomar ar, mas uma das meninas Randall (digo bem?) puxou-me lá para dentro.

«Ah, vai cantar a Titina!» — ciciou.

O Deus, como aquilo foi do outro mundo. Dissolviam-se as luzes no jardim, soprava uma brisa de seda ou gaze, e as palavras da morna escapavam-se gementes de uma boca num rasto indecifrável em cima de uns ombros que derrotariam toda a beleza por conhecer. A letra era sobre um noivo perdido, um que prometera beber o mar e fugiu no fim, embarcou no fim, não queria já lhe amar e é isto que dói, que sacode os ombros de Titina, a fingidora.

«Gostou?»

«Passaram-me um groguinho. Bebe?»

Titina fez que sim com a cabeça. Nessa noite os copos endoidavam, borboletas vinham de cinquenta ilhas em redor matar-se no vidro dos candeeiros. O mar na Matiota acendia-se com lumes espantosos.

3

«Pois é» — dizia o meu amigo Arnaldo —, «pois é, eu aqui a assar os frangos e você a olhar para o relógio. Vai'mbora já? Olha que depois também tem os doces de Nha Bial!»

«Mas eu jantei, Arnaldo...»

«É, jantou. E não tem apetite para um franguinho, uma asa?»

«Amanhã eu volto. Posso almoçar, se você quiser. Guarda meio frango aí na cozinha e eu...»

«Não guardo nada. Está toda a gente, percebeu? E estes frangos foram criados ali mesmo, ali» (apontava pela janela), «você não vai'mbora, percebeu?»

A trupe engrossava a cada minuto. Tinha dois ou três que não esperavam pelos frangos e que é que há, há arroz catum? «Traz arroz catum, Arnaldo!» A garrafa de groguinho tropeçava nos copos de cerveja.

«Na Alemanha» — contou o da viola — «misturam o grogue, você sabe?»

Nem era preciso dizer com quê. Foi o que bebemos nas duas horas seguintes, enquanto Arnaldo, a paciência em duas patas, prometia «que o franguinho vem já, gente, está pronto o primeiro franguinho!»

4

Quando foi sabido que o grupo de teatro já não podia viajar a Santo Antão, alguém deve ter feito o cálculo das despesas e concluído que seria impraticável comer aquela cachupa toda e molhar os beiços naquele todo champanhe, muito menos pagá-los de boa mente. De modo que uma dúzia dos do grupo pediu boleia ao comandante Mendonça, plantou-se no cais à hora combinada e embarcou dentro



do habitual atraso ilhéu de duzentos minutos.

Santo Antão era a festa. Festa maciça, às cotoveladas alegres palpando na maior incredulidade as fátotas pretas de estudante (capa e batina, que nós glosávamos: «caspa e brilhantina» ou, em francês de improviso, «chappe et hatine»).

Instaram-nos então ao passeio: uma volta «pequena» à ilha. Durou a manhã inteira, de «Land-Rover», e como surpresa quem é que acredita? Nos Órgãos, num pavilhão inenarrável de feio, houve discursos, vinho branco gelado e lagosta!

Eu bem olhava as pessoas e imaginava que naqueles anos de seca um deus vingador estaria tomando nota, uma a uma, de quantas vitualhas enchiam a pança ingénua dos convidados. Ah, comemorações do Achatamento! AH, centenários à portuguesa! E guardei disso uma secreta, miserável vergonha.

Acabado o «rallye» das covas, mais gente, mais palmas das vorazes, mais unhas correndo pelos panos negros, e o receio de que fôssemos afinal sacerdotes em excursão e ainda lhes pesgássemos com alguma ladainha caturra. O que não correspondia à verdade: veja-se o rompante de meia dúzia dos da dúzia por um café e as estórias desboçadas que lá deixámos.

O programa incluía almoço em casa do administrador, discursatas novas e o tal champanhe de que falei mais acima. Com muito bom ar não desdenhámos de nada do que nos ofereciam, fazendo-o mesmo em quantidade. Só ao terceiro e lancinante apito do comandante Mendonça é que largámos o banquete da autoridade.

Mendonça, anfitrião sobre águas, reservava-nos a derradeira pitância.

«Bebe com gelo?»

Tirei dois cubos.

«Água mineral?»

Que sim — respondi.

«Pois cá vai à nossa!» — brindou o capitão.

Era um grogue velho disfarçado numa garrafa de «White Label».

Ao terceiro, por qualquer mecanismo de compensação, fechei os olhos e descobri que o Mato Inglês se cobria de verdura, os algerozes do Mindelo escorriam um mar de água cantante, Bininha ressuscitava o irmão morto há dois meses de uma coisa que não constava do centenário oficial — fome.

FERNANDO ASSIS PACHECO





CABO VERDE ANO UM

Cabo Verde descoberto por Portugal

As ilhas de Cabo Verde, que foram descobertas pelos portugueses em 1456, constituem um arquipélago situado a cerca de 500 quilómetros das costas do Senegal e da Mauritânia, ao largo do «Cabo Verde», promontório da costa africana que lhe deu o nome.

O arquipélago que compreende dez ilhas e diversos ilhéus tem uma superfície total de 4 mil quilómetros quadrados, caracteriza-se pela sua origem vulcânica, e pela irregularidade das chuvas. Algumas ilhas são semidesérticas, e aí a seca que se estende por vários anos provoca a fome e a morte de milhares de cabo-verdianos.

O P. A. I. G. C. no seu manual «História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde» descreve assim o arquipélago:

«Distinguem-se dois grupos de ilhas, designados por nomes que evocam a sua posição em relação aos ventos alísios aqui dominantes: Ilhas de Barlavento, ao Norte, que compreendem, alinhadas de Noroeste a Sudeste: Santo Antão (875 km²: a mais vasta e também a mais favorecida pelas chuvas); São Vicente, onde se encontra o principal porto actual (Porto Grande); Santa Luzia, e os ilhéus Branco e Razo, quase desabitados; São Nicolau (346 km²), muito cultivada; finalmente, ao extremo sudeste, isoladas e muito áridas, as ilhas do Sal (206 km²) e Boa Vista (613 km²).

Ilhas de Sotavento, ao Sul, que compreendem, alinhadas de Sudoeste a Nordeste: O ilhéu de Rumbo e a ilha Brava, onde os terramotos são frequentes; a ilha do Fogo, onde existe um enorme vulcão, ainda activo (a última erupção produziu-se em 1951), com o pico culminante do arquipélago, o Pico (3220 m); a ilha de Santiago, a mais vasta (991 km²), onde se encontra a capital, Cidade da Praia, tem quase a metade da população do arquipélago; finalmente a ilha de Maio (216 km²), tão árida como as ilhas do Sal e Boavista.

POVOAMENTO DE ESCRAVOS

O arquipélago de Cabo Verde era completamente desabitado quando os portugueses o descobriram. Hoje a população está calculada em cerca de trezentos mil habitantes, apesar da morte causada pelas secas. «Em 277 anos, — lê-se num relatório do P. A. I. G. C. sobre Cabo Verde apresentado na O. N. U., de 1747 a 1974 — vivemos mais de meio século de fome aguda, com um número total de vítimas superior à população actual do arquipélago. Só no século XX as ilhas de Cabo Verde conheceram mais de vinte anos de fome total, e perderam em cada uma das grandes fomes entre 15 por cento e 35 por cento da sua população».

Foi a partir de 1460 que os descobridores portugueses iniciaram o povoamento das ilhas. Para isso compravam escravos nas costas da Guiné,

comércio que se estendeu ao longo do século XVI, e colocavam-nos a trabalhar nas plantações de tabaco, café e cana-do-açúcar. «Os elementos de origem portuguesa, — refere o manual de História acima transcrito — misturaram-se rapidamente com a população africana e integraram-se nesta. Pertencendo a várias etnias e falando linguas diferentes, os cabo-verdianos criaram e adoptaram como língua comum o crioulo».

Sem condições de vida, sem emprego, com o espectro da fome a persegui-los muitos cabo-verdianos emigraram, «seja para o Brasil seja para o Senegal (cerca de dez mil em Dakar), seja para a Guiné, São Tomé ou Angola. Só nos Estados Unidos da América há mais cabo-verdianos e descendentes de cabo-verdianos que a população actual de Cabo Verde». Entretanto, as guerras coloniais e a emigração portuguesa para a Europa, a partir dos anos sessenta, motivou a vinda de milhares de cabo-verdianos para o nosso País e para outros pontos da Europa (França e Holanda, particularmente).

UNIDADE GUINÉ CABO VERDE

Não pode deixar de referir-se que são fictícias as contradições que os colonialistas apontavam como existentes entre os cabo-verdianos (africanos insulares) e o guineenses (africanos do continente). Para além da proximidade geográfica, é sobretudo a comunidade de aspectos culturais e sociais que determina a vocação da unidade entre os povos guineense e cabo-verdiano. Na proclamação da independência da República da Guiné-Bissau, ocorrida a 24 de Setembro de 1973, em Madina do Boé considerava-se no preâmbulo da Constituição da nova República: «O Estado da Guiné-Bissau é um Estado soberano, republicano, democrático, anticolonialista e anti-imperialista e tem como seus primeiros objectivos a libertação total do povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde e a construção da união destes territórios para a edificação de uma pátria africana forte e em marcha para o progresso. A modalidade dessa união será estabelecida, depois da libertação dos dois territórios de acordo com a vontade popular».

Ao ascender hoje à independência, Cabo Verde é um país arruinado por séculos de opressão colonial. Como se pode verificar pelos extractos que noutra local publicamos, do Relatório apresentado ao «Comité dos 24» pelo dr. Haisam Kelani, embaixador permanente da Síria, na O. N. U., e presidente da Comissão desse organismo internacional que visitou recentemente o arquipélago a convite do Governo português e do P. A. I. G. C.,

A missão da O. N. U. que recentemente visitou Cabo Verde elaborou um extenso relatório sobre a situação socioeconómica que nos dá um rápido perfil do arquipélago. É desse relatório que sublinhamos alguns extractos para ilustrar diversos aspectos da vida de Cabo Verde.

O P. A. I. G. C. é o povo CABO-VERDIANO

Desde 1956 que o P. A. I. G. C. tem desenvolvido actividades políticas destinadas a «acordar» a população de Cabo Verde para o seu direito à autodeterminação e à independência. Até ao 25 de Abril esta actividade era clandestina no arquipélago, mas, apesar da repressão colonial exercida pelo regime fascista então vigente, o P. A. I. G. C. não esmoreceu nos seus esforços destinados a conseguir que a população adquirisse consciência dos seus direitos.

Depois do 25 de Abril, com



a quebra da repressão, o P. A. I. G. C. redobrou a sua actividade nomeadamente no campo da quebra da repressão, o da preparação política da população, encontrando-se, agora, organizado em todas as ilhas.

A organização do P. A. I. G. C. encontra-se estruturada a nível nacional, regional e local. No decorrer dos últimos 10 meses, o P. A. I. G. C. redobrou os seus esforços para organizar as massas cabo-verdianas criando grupos de mulheres, de trabalhadores e camponeses e, ainda, de jovens. Para este efeito tem criado programas infantis.

A força desta organização, como única representatividade do povo de Cabo Verde, tornou-se evidente durante as manifestações populares organizadas para a recepção ao secretário geral do P. A. I. G. C., Aristides Pereira, quando este chegou à cidade da Praia no dia 26 de Fevereiro de 1975.

Uma multidão de 40 a 50 000 pessoas aguardou no aeroporto a chegada deste dirigente político, que, nesse mesmo dia, falou, da varanda da sede do P. A. I. G. C., na praça principal da Praia, a cerca de 20 000 pessoas. Para entender estes números, é necessário não esquecer que a população total da ilha de Santiago é de 140 000 pessoas e que os transportes, nes ilha, são muito deficientes.

OITO ANOS DE SECA

As ilhas de Cabo Verde são pouco favorecidas no que se refere a recursos naturais e, desde sempre, não têm chuva suficiente.

As ilhas do Sal, de Maio e da Boavista são, praticamente,

feitas de sal e areia. Na maioria das outras ilhas, o solo é pobre e só há vegetação nos vales ou nas zonas altas. Antes do longo período de seca que tanto sofrimento tem causado ao arquipélago nos últimos anos, as ilhas do Fogo, da Brava, de São Nicolau, de Santo Antão e de Santiago, tinham uma vegetação densa mas,

com excepção da Brava, todas estas ilhas foram vitimadas pela seca e pela erosão do solo.

A principal vantagem económica do arquipélago resulta do facto de ele ser ponto de abastecimento dos navios e aviões que ligam a Europa à América do Sul.

Este ano é o oitavo de uma seca que arruinou completamente a produção agrícola do arquipélago, destruindo todas as suas colheitas. Em consequência desta seca, Cabo Verde teve de importar todos os produtos alimentares básicos de que necessita. Antes desta seca, a agricultura era a actividade económica básica das ilhas e, por causa dela, o arquipélago deixou, até, de ser auto-suficiente em matéria alimentar.

O MILHO NÃO CHEGA

Actualmente, o milho produzido nas ilhas — e o milho é a base da alimentação do cabo-verdiano — não chega a satisfazer 4 por cento das necessidades alimentares da população.

POTENCIALIDADES PISCATORIAS

A indústria piscatória pode vir a ser muito importante no evoluir económico de Cabo Verde, mas as duas únicas empresas de pesca herdadas do período colonial eram mal administradas pelos responsáveis — gente ligada ao fascismo.

Os recursos piscatórios de Cabo Verde são tidos por consideráveis, mas a sua exploração vai requerer a importação maciça de tecnologia e de capital. Segundo as informações obtidas pela missão, o principal obstáculo que se tem levantado contra o seu desenvolvimento tem sido a falta de apetrechamento apropriado dos portos.

O SAL DÁ LUCRO

A extracção de sal e de pozolana foram as únicas indústrias extractivas de que a missão tomou conhecimento, ambas destinadas à exportação. A única empresa de extracção de pozolana em actividade é a Companhia de Cimento Pozolana de Cabo Verde, que tem declinado com o passar dos anos — já teve 300 empregados e hoje apenas tem 70.

A extracção de sal dedicam-se, na ilha do Sal, duas empresas estrangeiras. Como as suas despesas são pouco elevadas, ambas apresentam um lucro considerável, não precisando de satisfazer todas as encomendas que recebem do estrangeiro.

Esta inercia é parcialmente causada pelo facto de não haver armazéns para o sal no porto de St.ª Maria, da ilha do Sal.

EMIGRAÇÃO

No decorrer dos últimos anos, tem havido um intenso movimento populacional. Devido à seca, milhares de cabo-verdianos emigraram para Portugal, para outras regiões submetidas à administração portuguesa e para o estrangeiro.

Militantes do P. A. I. G. C. têm acusado o Governo português de se aproveitar da situação criada pela seca para enviar trabalhadores para Portugal, ou para outros territórios, a fim de enfraquecer a população e minar, por esse processo, a luta pela independência nacional.

Segundo informações de origem portuguesa, em 1972 havia 15 000 cabo-verdianos em Portugal, mas, segundo outras fontes, esse número poderia elevar-se para 50 000.

Diz-se que os caboverdianos emigrados para Portugal substituíram os portugueses que emigraram para outros países.

CASAS OU CAVERNAS?

A missão, durante a sua visita, inspecionou um bairro pobre da ilha de St.º Antão. Na sua maioria, as casas deste bairro não passavam de cavernas escavadas em montes de pozolana. Num só quarto que a missão viu, viviam nove pessoas. Devido a estas péssimas condições de higiene, tem havido epidemias graves de doenças contagiosas. No Verão de 1974, foram detectados quatro casos de cólera.

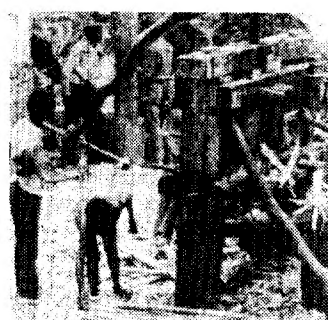
O grande problema de Cabo Verde é o da falta de água. Em muitas ilhas, a água não abunda e naquelas em que há fontes, como é o caso de St.º Antão, estas não têm sido bem aproveitadas.

UM ÚNICO CIRURGIÃO

Há 12 médicos em Cabo Verde, ou seja 1 por cada 25 000 habitantes. Na ilha de St.º Antão, a segunda do arquipélago em tamanho, há um médico para 50 000 habitantes. Não há médico nas ilhas de São Nicolau, Maio e Boavista. Em todo o arquipélago há dois hospitais; um, com 200 camas, na Praia e outro, com 120 camas, no Mindelo. Há quatro médicos em cada um destes hospitais, mal equipados e apenas aptos a tratar de casos extremamente simples. Em todo o arquipélago há um único cirurgião e não há especialistas.

75 POR CENTO DE ANALFABETOS

De acordo com as estimativas do P. A. I. G. C., o índice de analfabetismo nas ilhas de Cabo Verde, é de 75 por cento. Dos 25 por cento que sabem



ler e escrever, 90 por cento apenas têm a educação primária. Apenas uma minoria privilegiada pode frequentar a universidade.

Há 465 escolas primárias em Cabo Verde com 1200 professores e cerca de 70 000 alunos. Algumas delas não passam de quartas alugadas em casas particulares, a famílias cuja vida não é interrompida pelas aulas. Dos professores, apenas 75 por cento são qualificados e cerca de metade deles não têm senão a instrução primária e quatro semanas de treino intensivo.

SAUDAR O P. A. I. G. C.

Depois de uma estadia de 10 dias e de um trabalho intenso levado a cabo em Lisboa e nas ilhas de Cabo Verde, a missão ficou na certeza de que a firme intenção revelada pela população do arquipélago de proclamar a independência sob a bandeira do P. A. I. G. C. que é o partido político avançado do povo junta à sinceridade revelada pelo Governo Português na aplicação do acordo de 19 de Dezembro de 1974 e à fiscalização do Comité dos 24, é suficiente garantia de que o povo de Cabo Verde vai obter a sua independência e a sua liberdade.

A missão entende que Cabo Verde vai proclamar a sua independência em circunstâncias económicas, culturais e sociais particularmente difíceis. (...)

A missão deseja prestar um tributo especial ao povo de Cabo Verde e ao seu partido dominante, o P. A. I. G. C., a cuja devoção, capacidade de resistência e espírito de sacrifício se deve a presente situação.

